

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**

**ALINE LOPES BUENO  
DOUGLAS DE OLIVEIRA**

**DIVERSIDADE MUSICAL NO PALCO DO FEMUCIC**

**MARINGÁ**

**2009**

**ALINE LOPES BUENO  
DOUGLAS DE OLIVEIRA**

**DIVERSIDADE MUSICAL NO PALCO DO FEMUCIC**

Memorial descritivo apresentado ao Centro  
Universitário de Maringá como requisito  
parcial do título de bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo  
Orientadora: Profa. Esp. Daniela Fernanda  
Calsavara  
Co-orientadora: Profa. Mestra Veridiana de  
Vanconcelos Duarte

**MARINGÁ  
2009**

**ALINE LOPES BUENO  
DOUGLAS DE OLIVEIRA**

**DIVERSIDADE MUSICAL NO PALCO DO FEMUCIC**

Memorial descritivo apresentado ao Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob orientação da Profa. Especialista Daniela Fernanda Calsavara e co-orientação da Profa. Mestra Veridiana de Vasconcelos Duarte.

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: \_\_\_\_\_  
Profa. Especialista Daniela Fernanda Calsavara  
CESUMAR

Membro: \_\_\_\_\_  
Profa. Especialista Elaine Cristina Guarnieri  
CESUMAR

Membro: \_\_\_\_\_  
Prof. Mestre Antônio Vieira  
SESC Maringá

Dedicamos essa produção aos nossos pais, pessoas que sempre estiveram presentes nas nossas vidas, nos incentivando e nos dando coragem para seguir em frente

## AGRADECIMENTOS

“Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui. Percorri milhões de milhas antes de dormir. Eu nem cochilei. Os mais belos montes escalei. Nas noites escuras de frio, chorei!”( Toni Garrido / Lazão / Da Gama / Bino)

Já que estamos falando de música, é dela que vamos partir. Foram muitas milhas percorridas, caminhos estranhos, alguns buracos, montes que algumas vezes pareciam invencíveis. Mas com a força, o incentivo, as palavras de amizade e a ajuda de pessoas especiais, que passaram por nós durante toda essa “viagem”, nós chegamos até aqui.

Agradecemos primeiramente Deus. Ele é o responsável por tudo isso. Agradecemos a Ele por ter nos dado esses pais maravilhosos, que nos ensinaram a ser pessoas de bem, se dedicaram ao máximo para nos proporcionar uma educação de qualidade, e sempre nos incentivaram a seguir em frente, nunca desistir.

Obrigado por ter colocado em nosso caminho os professores do curso de Jornalismo que sempre acompanharam nossa trajetória durante esses quatro anos de faculdade. Principalmente a nossa orientadora Daniela Fernanda Calsavara. Ela esteve do nosso lado ajudando, mostrando-nos a teoria, ensinando a prática e guiando-nos pelo melhor caminho. E sempre com muita paciência.

Não poderíamos deixar de agradecer também a nossa co-orientadora Veridiana de Vasconcelos Duarte, apesar das dificuldades, pudemos contar sempre com a sua competência, profissionalismo e disponibilidade. Obrigado!

Agradecemos pelos nossos amigos, aqueles que, assim como nós, também passavam pelas mesmas dificuldades e mesmo assim nos ofereceram seus ombros e algumas horas de suas vidas como prova da amizade que existe entre nós. E àqueles que simplesmente nos ouviam, mesmo sem entender direito o que estávamos passando.

Pelas nossas famílias. A nossa base! Nossos irmãos, tios, primos, sobrinhos. Os momentos de distração que tivemos ao lado deles durante todo o caminho, foram essenciais para o nosso equilíbrio emocional.

Pela disponibilidade, atenção, carinho, paciência e cumplicidade dos nossos entrevistados. Os cantores, os amantes do festival e o diretor Executivo do SESC de Maringá, Antônio Vieira. Esse trabalho só foi possível graças a eles. O nosso profundo agradecimento.

Aos técnicos do estúdio de TV. Foram horas sentados, discutindo, editando, dando vida ao nosso documentário. E sempre com muita dedicação e competência.

Gostaríamos de agradecer também pelas imagens de arquivo, de edições anteriores do festival, cedidas pela RPC - TV Cultura.

E por último, queremos agradecer todas aquelas pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Não foi nada fácil. Mas nós temos a certeza de que mesmo com as noites mal dormidas, o cansaço do dia-a-dia, as dores nas costas, a vontade louca de comer muitos, mas muitos doces, ter deixado de estar com os amigos algumas vezes, nós diríamos que “Valeu a pena, Êh! Êh! Valeu a pena, Êh! Êh! Sou pescador de ilusões”, (O Rappa).

O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.

***NICHOLS, 2005, p. 27***

## RESUMO

O Femucic já foi um festival competitivo, mas hoje é uma mostra musical. São mais de 30 anos recebendo músicos de diferentes estados brasileiros. O objetivo desse trabalho é mostrar, através de um vídeodocumentário, a diversidade de ritmos apresentados no palco do Festival de Música Cidade Canção - Femucic, mais especificamente no ano de 2009. Para isso, realizou-se uma pesquisa em campo durante a 31ª edição do Femucic que aconteceu entre os dias 20 e 23 de maio. Entrevistou-se os músicos participantes do Femucic, pessoas que prestigiam o festival e o diretor executivo do SESC, Antônio Vieira, um dos responsáveis pelo evento aqui em Maringá. Ao aprofundar-se um pouco mais no tema, além de mostrar que o Femucic atrai uma diversidade de ritmos, tentamos retratar a cultura popular que influenciou cada um dos músicos entrevistados a escolher, a tocar aquele determinado ritmo. Juntamente com esse estudo, fizemos a relação com a teoria folkcomunicação, mostrando que existe uma comunicação popular através dos ritmos e das próprias músicas apresentadas no festival. O trabalho está fundamentado nos estudos da cultura tendo como base autores como Luiz Beltrão, Antônio Augusto Arantes e Carlos Rodrigues Brandão. No campo do vídeodocumentário conta com contribuições do documentarista inglês, Bill Nichols. Este estudo aponta que, as manifestações populares, além de influenciar no cotidiano e na vida musical dos participantes entrevistados, fazem com que as pessoas que prestigiam o evento, também sejam influenciadas por elas. Ao ouvir as músicas cantadas no festival acontece, mesmo que inconscientemente, um intercâmbio musical e ao mesmo tempo cultural entre o público e os cantores. Fatores que evidenciam a diversidade musical e cultural do Femucic.

**Palavras-chave:** Vídeodocumentário; Femucic; Diversidade.

## **ABSTRACT**

The Femucic used to be a competitive festival, but today it is a musical show. For more than 30 years the festival has brought musicians from different Brazilian states. The aim of this paper is to show, through a video documentary, the variety of rhythms presented on stage at the Festival of Music City Song - Femucic more specifically in 2009. For this, we went in the field and researched the 31st edition of Femucic, which went on from May 20th to May 23rd. We interviewed the musicians who participated in Femucic, the patrons of the festival and the executive director of the SESC, Antonio Vieira, one of those responsible for the event here in Maringá. By immersing yourself a little more on the subject, it becomes apparent that Femucic attracts a diversity of rhythms, and we try to show how popular culture influenced each of the musicians interviewed and why they chose to play that particular rhythm. Along with this study, we have the relationship with the "folkcomunicação" theory, showing that there is a popular means of communication and rhythms of their songs performed at the festival. The work is based on cultural studies done on authors Beltrão Luiz Antônio Augusto Arantes, and Carlos Rodrigues Brandão. We also feature contributions from the English documentarian, Bill Nichols. This study shows how the event influences the daily life and musical life of the participants interviewed, as well as the patrons of the event. Upon hearing the songs sung at the festival, even unconsciously, a musical and cultural exchange occurs between the public and the singers. The factors that show the musical and cultural diversity of Femucic.

Keywords: Videodocumentary; Femucic; Diversity

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 MANIFESTAÇÕES POPULARES COMO EXPRESSÃO DO POVO .....</b>	<b>14</b>
2.1 – FOLKCOMUNICAÇÃO .....	18
2.2 A COMUNICAÇÃO DO MEIO POPULAR E OS INSTRUMENTOS DE TRANSMISSÃO DE IDÉIAS .....	19
<b>3 A MÚSICA COMO OBJETO FOLKCOMUNITATIVO .....</b>	<b>22</b>
3.1 INFLUÊNCIAS CULTURAIS.....	24
<b>4 FEMUCIC .....</b>	<b>29</b>
<b>5- DOCUMENTÁRIO .....</b>	<b>34</b>
5.1 TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS .....	35
5.2 O DOCUMENTÁRIO NA TV .....	36
<b>6- DIVERSIDADE MUSICAL NO PALCO DO FEMUCIC.....</b>	<b>38</b>
6.1 NOME.....	38
6.2 ETAPAS DE PRODUÇÃO.....	39
6.3 DESCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO .....	40
6.4 RECURSOS TÉCNICOS .....	41
6.5 RECURSOS HUMANOS.....	42
6.6 CUSTOS .....	42
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>47</b>
APÊNDICE A - ROTEIRO.....	48
APÊNDICE B - ENTREVISTAS .....	73
<b>ANEXO.....</b>	<b>155</b>
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	156

## 1 INTRODUÇÃO

O vídeodocumentário “Diversidade Musical no palco do Femucic”, é um trabalho diferenciado se comparado aos produtos jornalísticos exibidos na televisão atualmente. A justificativa para tal afirmação pode estar presente no fato de que as Tvs abertas veiculam um número quase insignificante desse tipo de mídia.

Como uma segunda justificativa pode-se citar a teoria do documentarista João Moreira Sales. Segundo ele, um vídeodocumentário deve ir além das questões colocadas no *lead*: O que, quando, quem, como, onde. Informações relacionadas ao porquê permitiriam que o espectador se aprofundasse no tema proposto pelo produto e, conseqüentemente, adquirisse conhecimentos que iriam além de simples informações factuais.

Neste contexto, apesar de nossa proposta ser a de mostrar a diversidade de ritmos presentes no festival no ano de 2009, procura-se fazer isso não apenas filmando as apresentações dos cantores de diferentes estados brasileiros e cantando os mais diversos estilos musicais. Essa seria apenas uma das formas de retratar essa variedade musical. Através das falas dos músicos entrevistados, o vídeodocumentário procurou identificar traços da cultura popular que, de certa forma, os influenciaram a gostar de música e a escolher determinado estilo.

No primeiro capítulo do trabalho são expostos alguns conceitos como cultura popular, folclore e folkcomunicação. Teorias que foram a base da pesquisa bibliográfica e de campo. O autores que contribuíram para este estudo foram: o jornalista Luiz Beltrão, fundador da teoria da Folkcomunicação, Antônio Augusto Arantes e Carlos Rodrigues Brandão, autores relacionados a cultura popular e folclore.

É através da cultura popular, que são manifestações vindas das classes populares, ensinamentos passados de geração em geração, que surge o folclore. Termo visto por alguns autores como uma forma mais conservadora de preservação dessas manifestações. Enquanto a cultura popular poderia ser traduzida por essas manifestações, revestidas de atualidade.

A expressão Folkcomunicação, propõe o estudo dos processos comunicacionais das camadas populares, que utilizam o folclore como meio de

expressão de idéias. No videodocumentário produzido sobre o Femucic, as músicas apresentadas pelos entrevistados seriam uma forma de manifestação popular.

A pesquisa segue discorrendo sobre as mudanças que alguns ritmos sofreram com o passar do tempo. Uma das características do folclore é a forma de divulgação: através da expressão oral. O chamado “boca a boca”. Quanto mais esse folclore se dissemina, se espalha, mais ele está sujeito a sofrer interferências, alterações. A popularização dessa manifestação acarreta mudanças, mas jamais podem ser consideradas como deturpadoras. Caso isso ocorra, seria considerada uma tradição e, portanto, não poderia sofrer alterações com o passar do tempo.

O trabalho mostra também que as músicas difundidas pelos meios de comunicação de massa atualmente têm muito pouco da essência do estilo original. Os forrós, por exemplo, que originalmente são marcados pela presença da zabumba, do triângulo e da sanfona, na maioria das vezes não estão mais presentes nos palcos dos shows ou apenas um desses instrumentos faz-se presente. Há um predomínio dos grupos que são sucesso nos meios de comunicação, inclusive em festas locais de regiões que prestigiam a cultura popular.

O Femucic é uma mostra de música popular, que abre espaço a cantores anônimos, ou que não são conhecidos nacionalmente, para mostrarem seu trabalho, suas músicas, possibilitando que se manifestem livremente. Para contextualizar o tema, a história do festival está presente no capítulo 4, com relatos dos momentos pelos quais o Femucic passou durante esses 31 anos.

No último capítulo, são retratadas algumas teorias sobre videodocumentário. Esta teoria serve para situar o leitor quanto ao conceito de documentário, quais características envolvem sua produção, para quais fins ele geralmente é usado. Os videodocumentários geralmente retratam fatos da vida cotidiana, o que provocaria uma maior proximidade entre os telespectadores e o assunto retratado. Mas existem elementos e características que facilitariam essa proximidade e que devem ser de conhecimento de quem se propõe a fazer um videodocumentário. Portanto, faz-se presente nesse capítulo: a diferença entre os documentários de ficção e os de não-ficção, segundo o documentarista Bill Nichols; elementos que estão presentes neste tipo de produção e por que utilizá-los pode ser tão significante; a linguagem

diferenciada, se comparada àquelas presentes nas grandes reportagens ou noticiários de TV e, para concluir, uma crítica sobre a “ausência” dos documentários nas Tvs abertas. Apesar de ser um meio em crescimento atualmente, ele continua sendo exibido com mais frequência nas telas dos cinemas e em Tvs fechadas.

## 2 MANIFESTAÇÕES POPULARES COMO EXPRESSÃO DO POVO

Os saberes e ensinamentos fazem parte da vida de muitas pessoas e são transmitidos de geração a geração: as avós ensinam às mães os tipos de chás indicados para as cólicas do bebê, que provavelmente aprenderam com as bisavós; assim como as canções de ninar também sempre estiveram presentes na hora de sono das crianças. Desde o nascimento estamos mergulhados em costumes "impostos" pela região onde vivemos e por nossa própria família. Como exemplo pode-se citar os atos cerimoniais pelos quais passamos durante a nossa vida. Dependendo de nossas crenças, ao nascer nossos pais nos conduzem à cerimônia do batizado e depois à da primeira comunhão, crisma, casamento e até mesmo quando morremos, nossos corpos são conduzidos a um ato cerimonial.

Segundo Arantes (1998, p.47):

Tradicionalmente, o saber popular que faz o folclore flui através de relações interpessoais. Pais ensinam aos filhos e avós aos netos. As crianças e os adolescentes aprendem convivendo com a situação em que se faz aquilo que acabam sabendo. Aprendem fazendo, vivendo a situação da prática, do artesanato, do auto ou do folguedo. Do trabalho cultural.

Se morássemos na região Nordeste do Brasil, por exemplo, provavelmente acompanharíamos, desde pequenos, as festas de reisado<sup>1</sup>, os mamulengos<sup>2</sup>, o frevo, a literatura de cordel, o repente, a congada, as festas juninas mais tradicionais e muitas outras formas de manifestações populares. Como explica Arantes, (1998) essas manifestações populares (tanto aquelas receitas ensinadas por nossas avós e bisavós, quanto as danças e costumes típicos de uma região) são formas de expressão do povo que podem ser chamadas de "cultura popular". É através dela que o povo consegue preservar o que lhe foi transmitido pelos antepassados.

A palavra "antepassado" talvez possa parecer uma expressão que remeta

---

<sup>1</sup> Denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e Dia de Reis. Luis da Câmara Cascudo.

<sup>2</sup> Mamulengo é uma espécie de divertimento popular que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco. Por detrás do pano escondem-se uma ou duas pessoas adestradas, fazendo com que os bonecos se exibam com movimento e fala. Nilza B. Megale.

algo antigo, ultrapassado e que não faz mais parte do presente. Apesar dessa impressão, as manifestações de “cultura popular” citadas acima, estão vivas na atualidade, ativas, sofrendo diversas transformações. Segundo Arantes (1998, p.21), “a cultura é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir sua 'deterioração’”.

Voltando-se para a expressão “Cultura Popular”, pode-se dizer que não é um termo de fácil conceituação. Porém, muitas vezes é empregado como sinônimo de cultura do povo, em oposição a uma cultura dominante, denominada “cultura erudita”. Nesse contexto, a “cultura popular” é pensada por alguns autores como uma forma de resistência a essa “cultura erudita”.

Segundo Luiz Beltrão (2001), a Cultura Popular pode ser entendida como formas de manifestações culturais (música, dança, literatura, artes, entre outras) produzidas pelo povo e desfrutadas por ele próprio. Uma cultura feita pelo povo e para o povo. Surge das tradições e costumes transmitidos de geração em geração. Como exemplo de manifestações culturais populares é possível citar o carnaval, danças e festas folclóricas, literatura de cordel, adivinhações, forró, o repente, o artesanato, cantigas de ninar, contos, fábulas, provérbios, entre outros.

Em algum momento todas essas formas de manifestações populares citadas acima, podem ser vistas como sinônimos de tradição. Para Arantes (1998, p.17) “pensar a cultura popular como sinônimo de tradição é afirmar constantemente que a sua 'Idade de Ouro' deu-se no passado”. Nesse sentido, as sucessivas transformações sofridas por esses objetos e práticas populares, ao longo de décadas de existência e passadas por várias gerações, só poderiam ser entendidas como empobrecedoras e deturpadoras da verdadeira cultura. A cultura popular deve ser vista como uma das formas encontradas para expor suas idéias, opiniões, manifestações ou seus sentimentos. No entanto, não se deve esquecer que essas manifestações não ficam paradas no tempo e no espaço, elas se transformam no decorrer da vida. Assim como a moda passa por diversas mudanças, elas também sofrem alterações e se adaptam ao tempo vivido. Por isso estão sempre revestidas de atualidade. Como afirma Arantes (1998, p. 19) “Embora se procure ser fiel à 'tradição', ao 'passado', é impossível deixar de agregar novos significados e

conotações ao que se tenta reconstituir”.

Em comparação à “cultura popular” existe um outro termo muito comum: o folclore. Um grande número de autores pensa a “cultura popular” como “folclore”, “um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas ‘tradicionais’”, afirma Arantes (1998, p. 16).

O folclore é uma ciência que estuda os fatos da cultura popular. O carnaval, as festas populares, os contos, as fábulas, as músicas, tudo pode ser considerado folclore? Eis uma outra questão discutida e analisada por muitos autores. Segundo Brandão (2006, p.23), “na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares”.

Algumas vezes, os termos “cultura popular” e “folclore” são vistos como sinônimos, sem nenhuma distinção entre eles. Em outro momento, surgem diferenças importantes. Há quem considere os dois termos úteis à mesma realidade e apenas a palavra “folclore” remeta a algo mais conservador, enquanto “cultura popular”, algo mais progressista. Como se “folclore” representasse as características que perduram nas manifestações populares, que são a essência dessa manifestação. E a “cultura popular” fosse as próprias manifestações, com sua essência (folclore), mas, agregando novos significados, aceitando novas transformações, ocorridas com o tempo.

No entanto, nem tudo pode ser considerado “folclore”, por isso, faz-se necessário saber reconhecer algumas características. Arantes (2006, p.34) afirma que “o folclore vive de coletivização anônima do que se cria, conhece e reproduz, ainda que durante algum tempo os artistas possam ser conhecidos”. Os sistemas de rimas dos repentes, o modo de fazer colchas no tear, as marchas de rua, os bonecos mamulengos, um dia tiveram seus criadores reconhecidos, mas foram coletivizados, disseminados, seus autores esquecidos e elementos novos foram incorporados.

Outra característica marcante do folclore é a forma de divulgação da cultura. No folclore, tudo é transmitido oralmente. Como afirma Brandão (2006, p. 45-46):

Uma outra característica consensualmente aceita sobre o fato folclórico é que ele se transmite de pessoa a pessoa, de grupo a grupo e de uma geração a outra, segundo os padrões típicos de reprodução popular do saber, ou seja, oralmente, por imitação direta e sem a organização de

situações formais e eruditas de ensino-e-aprendizagem.

Existem outras características atribuídas ao folclore como: aceitação coletiva (isto é, que seja do gosto, do agrado coletivo), antiguidade, tradicionalidade e dinamicidade, espontaneidade, funcionalidade e regionalidade.

Levar em consideração essas características faz-se necessário para que se possa reconhecer as expressões folclóricas. Mas antes, é preciso perceber qual a representação que esse folclore tem dentro de um determinado grupo e o que ele significa para as pessoas de uma determinada comunidade. De que forma, por exemplo, os cantadores repentistas, inspirados pelas literaturas de cordel; os cantores de forró do Cariri, os cantos indígenas, explicam, através da sua música, o seu mundo, a sua vida, o seu cotidiano.

A literatura de cordel, as cantigas de roda, cantigas indígenas, os repentes do Ceará são linguagens, falas que permanecem vivas com o passar do tempo. Processo que acontece através da comunicação. É através dela que as pessoas tomam conhecimento e conseqüentemente transmitem-nas de geração em geração, de pessoa a pessoa.

No entanto, talvez por falhas na comunicação, há uma grande variedade de grupos que vivem separados devido as diferenças culturais e étnicas que existem. Apesar disso, segundo Beltrão (2001, p. 53) “os grupos acham-se vinculados a uma ordem semelhante de idéias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade”. Essa sabedoria e experiência só podem ser adquiridas por meio da comunicação.

Nesse momento, a comunicação direta e pessoal torna-se ineficiente. A sociedade cresce heterogênea e dispersa e a comunicação passa a ser transmitida de forma massiva. “Para a sociedade de massa, exige-se a comunicação maciça e coletiva que, utilizando diferentes instrumentos e técnicas, fornece mensagens de acordo com identidade de valores dos grupos [...]” (BELTRÃO, 2001, p. 54).

A comunicação que vai ser tratada a partir daqui é aquela que, de certa forma, envolve as camadas mais populares da sociedade, aquela que não se utiliza dos meios formais de comunicação (TV, rádio, jornais entre outros). É a partir dessa comunicação em nível popular que surge a expressão Folkcomunicação.

## 2.1 – FOLKCOMUNICAÇÃO

Termo criado pelo jornalista Luiz Beltrão e defendido na sua tese de Doutorado, em 1967, a Folkcomunicação é uma teoria genuinamente brasileira. Segundo Beltrão, a Folkcomunicação pode ser definida como a comunicação através do folclore. São grupos culturalmente marginalizados, que contestam a cultura dominante e que utilizam os meios não-formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore, para se expressarem. “[...] esses grupos têm capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade” (BELTRÃO, 2001, p. 10).

Segundo Luiz Beltrão, paralelo ao surgimento da imprensa, cujo poder ficou centralizado nas mãos de uma elite dominante, surgiu entre as classes mais populares, rurais, uma linguagem diferenciada que se expressa somente através de meios cuja natureza e forma são consideradas folclóricas. “As classes populares têm, assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender”, (BELTRÃO, 2001, p.125).

Como exemplo: as poesias cantadas pelos cantadores, as anedotas, os causos contados pelos caixeiros viajantes e motoristas de caminhão, as literaturas de cordel que inspiraram muitos cantadores repentistas, o canto indígena que faz parte de diversos rituais dentro da sua comunidade, as histórias de reisados, os mamulengos, as rodas de viola, o forró do Nordeste.

É através desses veículos e agentes que as camadas populares organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendores artísticos, e, afinal, fazem presente à sociedade oficial as suas aspirações [...](Carneiro, ano apud Beltrão, 2001, p. 125).

Não se pode deixar de citar que essas formas de comunicação eram transmitidas e difundidas através de agentes comunicacionais chamados de “líderes de opinião”. Luiz Beltrão percebeu que entre os meios de comunicação de massa e as comunidades mais isoladas não existia uma ligação direta de transmissão de mensagem, ou seja, acontecia uma espécie de mediação, as mensagens eram codificadas, traduzida e retransmitida, interpretadas por um mediador, que é o “líder de opinião”. Indivíduos geralmente de grande confiança na sua comunidade e que possuem um papel de suma importância, justamente porque interagem ali,

elementos de grupos de diferentes culturas e camadas sociais.

Nesse sentido, a Folkcomunicação estuda os aspectos comunicacionais das camadas populares. Ela não está preocupada com a evolução de um determinado fato folclórico, a Folkcomunicação quer entender de que forma esse folclore fez-se ouvir no meio popular.

Segundo Beltrão (2001, p. 125-126):

[...] o folclore serve de tribuna, é um comício com que o povo faz-se ouvir pelas classes superiores [...] em manifestações que refletem o seu comportamento em face das relações de produção vigentes na sociedade, como o registro e o comentário dos fatos da vida quotidiana [...].

Levando em consideração o conceito de folclore segundo Luiz Beltrão, podemos afirmar que as manifestações populares são altamente persuasivas e servem de meio de comunicação da massa popular.

[...]As mensagens transmitidas através desses processos comunicativos singulares produzem efeitos os mais decisivos no ânimo e no comportamento da massa apática às solicitações do jornalismo ortodoxo (BELTRÃO, 2001, p. 78-79)

## 2.2 A COMUNICAÇÃO DO MEIO POPULAR E OS INSTRUMENTOS DE TRANSMISSÃO DE IDÉIAS

A comunicação é imprescindível para que se possa conviver em sociedade. Recebemos, todos os dias, mensagens que chegam até nós de diversas formas, de diferentes lugares, por diferente meios, e das mais variadas espécies. São transmitidas de forma oral ou escrita, por meio de expressões, gestos e até mesmo de ruídos. No entanto, é através de sistemas de comunicação oral, que as manifestações populares são disseminadas mais rapidamente de uma região para outra. A responsabilidade por essa disseminação em curto tempo é dos <sup>3</sup>líderes de opinião.

Os caixeiros viajantes foram exemplos de líderes de opinião. Sucessores de mascates e tropeiros, eram os responsáveis pelas notícias vindas dos grandes centros urbanos. Segundo Beltrão (2001, p. 146):

---

<sup>3</sup> Pessoa que possui certo prestígio em seu grupo social, mas que costuma estar aberto para informações de fora. Costuma dar crédito ou não às informações externas que tendem, então, a ser aceitas pelo grupo.

O seu contato frequente com os grandes centros, a sua extraordinária mobilidade, os seus conhecimentos das pessoas, dos costumes, das sociedades interioranas, o seu interesse profissional – tudo os torna excelentes veículos de informação, hábeis repórteres e porta-vozes seguros da opinião coletiva.

Sua contribuição como líderes de opinião está presente nas trocas de informação, opiniões, debates, causos e anedotas que eram contados a inúmeras pessoas.

Além dos caixeiros, outros “jornalistas ambulantes”, foram os choferes de caminhão, conhecidos atualmente como caminhoneiros. Viajando de cidade em cidade, transmitem as informações que são transportadas junto com suas cargas. “..os choferes conversam para matar o tempo, às vezes para vencer a fadiga e o sono de horas e horas ao volante, ou enquanto carregam e descarregam as mercadorias que os viajantes consignaram”, (BELTRÃO, 1971, p.65).

Antigamente, as informações transmitidas eram estórias de desordeiros, de coronéis, discutiam sobre o fisco, sobre a seca, sonhos de mudar de vida. O conteúdo discutido sofreu alterações com o passar do tempo: a crise econômica, o preço do combustível e dos pedágios, as horas cansativas passadas dentro de um caminhão, a falta da família ou de alguém especial que ficou pra trás. Essas informações continuam sendo transmitidas, algumas vezes levantando críticas ou, simplesmente, servindo como entretenimento para quem as escuta. São manifestações do povo que se transformam em um meio de comunicação entre as camadas mais populares.

Como ilustração pode-se citar a literatura de cordel para explicar de que forma essas manifestações folclóricas transformaram-se em populares e tornaram-se um meio de comunicação entre o povo.

A literatura de cordel foi uma das primeiras formas impressas de comunicação popular. Em seu conteúdo aparecem poesias que refletem os traços do popular e ao mesmo tempo discutem temas sociais, mesclando a realidade e a ficção. Contam histórias que são de interesse popular e, por esse motivo, passam a ter um caráter massivo.

Pode ser associada àquelas mensagens já comentadas que sofrem a mediação de um líder de opinião. As mensagens ouvidas são traduzidas, interpretadas e retransmitidas para o povo na forma de poesias descritas nos

folhetos de cordel. Beltrão (2001, p. 128) afirma que “a poesia popular, além de registro de fatos políticos, econômicos e sociais de uma época, dos usos e costumes de um povo, é também a cristalizadora dos ideais, aspirações e sentimentos coletivos”.

Segundo Beltrão, a literatura de cordel retrata, em suas poesias, os mais diversos assuntos. Influenciados por esse tipo de literatura surgiram os cantadores. Geralmente são pessoas iletradas, desempregadas e nômades. Possuem um senso aguçado de captação de idéias e sentimentos. Transmitem tudo em versos que retratam as revoltas e até mesmo as esperanças da população marginalizada. Segundo Beltrão (2001, p. 127), o cantador “é um dos responsáveis pela atualização de conhecimento e tomadas de atitudes das camadas marginalizadas da população brasileira”.

Podemos citar como um exemplo de poesias cantadas os “abecês”. São relatos de fatos reais, episódios políticos de interesse comum e com personagens de prestígio no meio popular. “Pelos abecês dos poetas do povo é que se criam os carismas [...]” (BELTRÃO, 2001, p. 129). Além dos abecês, dos trovadores<sup>4</sup>, os poetas e cantadores utilizavam muitas outras formas de registrar, criticar e influenciar a vida e os pensamentos das pessoas por meio de versos.

Existem muitos outros instrumentos de comunicação popular presentes em diversos lugares do país. É interessante perceber o quanto a informação circula por regiões distantes e entre as pessoas mais dispersas, utilizando diferentes meios, sejam eles orais ou impressos.

Para contextualizar melhor o tema proposto, dar-se-á ênfase na construção das poesias que eram cantadas pelos cantadores. Antigamente, os poetas escreviam suas poesias inspirados nos acontecimentos da vida, nas paisagens e em fatos cotidianos. Algumas eram escritas e guardadas nos livros. Outras eram apropriadas pelos cantadores e disseminadas. No entanto, algumas mudanças ocorreram no conteúdo e nas letras que são cantadas atualmente.

---

<sup>4</sup> Cantadores que passavam de café em café recitando canções nacionais. São assuntos do campo, hábitos e costumes do campo a serviço da sátira política.

### 3 A MÚSICA COMO OBJETO FOLKCOMUNICATIVO

Música de segunda categoria tem sido 'malhada' nos ouvidos dos brasileiros, principalmente dos jovens, via meios de comunicação de massa, congestionando-os e impedindo que qualquer outro tipo de música, de melhor nível, seja consumida. Nesse processo de saturação dos meios de comunicação – que não deixa espaço para a verdadeira música brasileira e que gera grandes lucros com a venda de enlatados de má qualidade – os jovens ficam sem opção: ou consomem essa música de segunda categoria, ou não consomem nada. (SUZIGAN, 1990, p. 57)

Primeiramente, faz-se necessário expor a diferença entre música popular e música folclórica. A música popular pode ser definida como aquela que geralmente tem um autor conhecido e está presente no cotidiano de todas as camadas. A produção está baseada em técnicas específicas e sua transmissão está voltada, exclusivamente, para os meios de comunicação de massa: rádio, tv, cinema, entre outros. Ela é criada de acordo com o modismo da época. Fato confirmado por Nilza Botelho Megale (2003, p. 92). Segundo a autora, “Uma das características da música popular ou popularesca é a de andar ao sabor da moda”. Já as músicas folclóricas provêm das classes populares da sociedade. São transmitidas de forma simples, ou seja, não utilizam os meios formais de transmissão. Geralmente é por meio da expressão oral que conseguem atingir seu público. No entanto, a característica mais marcante é a de sempre estar relacionada a uma tradição.

É deste tipo de música que vai tratar este capítulo. Aquelas músicas nascidas no meio popular, que refletem a cultura e os costumes e tradição de um povo e ao mesmo tempo colocam, em suas letras, fatos da vida cotidiana, descrevem lugares e paisagens conhecidas e fazem, até mesmo, críticas sociais.

A música folclórica infelizmente não está ao alcance da massa, já que os meios de comunicação estão mais interessados em disseminar aquelas músicas descritas acima como “populares”. O interesse da mídia, que acompanha o modismo, é voltado para questões de mercado, visando o lucro. Geraldo Suzigan (1990, p. 57) diz que “Se cavarmos um pouco essa superfície coberta pelas cinzas da dominação cultural, vamos achar excelentes músicas brasileiras, uma cultura autônoma que se tem desenvolvido e resistido com os melhores músicos brasileiros”.

Como já foi dito no capítulo anterior, tudo o que aprendemos, situações pelas

quais passamos ao longo da vida, costumes e tradições, de certa forma influenciam-nos nas atitudes, ações, pensamentos e gostos. Ao ouvirmos uma canção, por exemplo, a letra da música e até mesmo o ritmo com o qual nos identificamos, são influenciados por nossa criação, nossos costumes, nossa cultura.

Como este trabalho está ligado diretamente à música, a pesquisa tratará mais especificamente das influências sofridas por cantores de diferentes ritmos e de diversas regiões do Brasil. No decorrer desse capítulo, serão usados trechos de entrevistas de músicos que participaram do FEMUCIC - Festival de Música Cidade Canção, apresentado no mês de maio de 2009 em Maringá.

O Brasil é um país conhecido pela diversidade de ritmos e estilos musicais. A música faz-se presente frequentemente entre as pessoas. No entanto, alguns ritmos conhecidos atualmente já perderam uma parte da essência original. Sofreram influências de outros estilos musicais e transformaram-se naquilo que ouvimos hoje nas rádios e em programas de TV. Podemos citar como exemplo a música caipira. Com o passar dos anos, ela perdeu suas raízes e transformou-se num estilo diferente.

Rosa Nepomuceno (1999, p. 23) defende a tradição da música sertaneja dizendo que:

Ser caipira ou moderno sertanejo é uma questão de destino, gosto, herança cultural, expectativas, escolhas – cada músico tem a sua definição. Não é simplesmente nascer na roça, cantar em terças, tocar viola. Mas entre um e outro passa o rio tão largo e caudaloso quanto o Tietê.

No entanto, é preciso retratar, também, as mudanças ocorridas em relação ao conteúdo dessas músicas. A poesia, relatos de fatos cotidianos, pensamentos sobre a vida, lembranças do tempo de infância, críticas sociais e políticas não estão mais presentes nas letras dos compositores.

À medida que os meios de comunicação de massa se apropriam da música, acontece um processo de popularização. A partir deste momento, transformações acontecem em decorrência das mudanças sofridas no próprio gosto popular. Consequência de imposições da própria mídia. “E, todos sabemos, para a indústria cultural não há arte, devoção, tradição ou ritual. Há produtos culturais que interessam à Indústria pelo seu valor comercial: 'vendem'? São bons.” (BRANDÃO, 2000, p. 46-47)

Paulino e Zequinha, músicos entrevistados durante o FEMUCIC 2009,

começaram a cantar a música caipira, ainda jovens. Naquela época, eram comuns festas nas igrejas, serenatas, e rodas de viola na zona rural. Fatos que influenciaram os irmãos a começarem a cantar.

A gente cantava em auto falante, cantava no meio da roça, porque a gente trabalhava na lavoura. Fazia serenata e nas épocas de Natal e Ano Novo a gente fazia serenata. Naquela época tinha muita folia de reis, então a gente acompanhava aquela folia de reis e gostava da música, da viola. Ai eu com o Zequinha começamos a cantar. (CONTESSOTO, 2009)

Acompanhados pelo sanfoneiro Tercílio Men, músico tradicional em Maringá, os irmãos continuam cantando e preservando o estilo sertanejo de raiz. Segundo Tercílio Men (entrevista 2009), o sertanejo que faz sucesso hoje apresenta diferenças significativas em relação ao que era produzido antigamente.

Hoje, a música sertaneja se popularizou. Então, pode ver que a juventude hoje gosta das duplas sertanejas. Só que de sertanejo lá não tem mais nada. As letras hoje, falam mais do amor, porque ta gamado, porque, de mulher, né. Todas as letras têm amor no meio. Mas não falam mais do sertão. Então elas são duplas, mas não são sertanejas.

Segundo Rosa Nepucemo (1999, p.22):

O artista do interior pode escolher entre manter a tradição, cantando para platéias menores, ou trocar a viola por uma banda inteira e botar milhares de pessoas de braços para o ar, no ritmo de rodeios e rocks da salada pop-sertaneja”.

### 3.1 INFLUÊNCIAS CULTURAIS

Voltando-se um instante para o nordeste Brasileiro pode-se perceber a riqueza cultural daquela região. Vê-se, com frequência, nas ruas, as brincadeiras de reisado, as bandas de pífano, lapinha, cirandas, que são folguedos, brincadeiras que fazem parte da cultura nativa. Fatores que influenciam a maioria dos artistas ao criar suas músicas, escolher seu estilo, construir uma melodia. No entanto, são poucos os que as preservam.

Geraldo Ramos Freire Junior, natural do Ceará, mais especificamente da região do Cariri diz que, musicalmente, sempre sofreu influências da cultura que aprendeu e acompanhou desde criança. O cantor define seu estilo musical como música Cariri, apesar de ter características que poderiam defini-lo como um forró.

Segundo Expedito Silva (2003, p.17), o forró:

Caracteriza-se pela criação artística do universo rural do homem sertanejo. Apesar de compartilharem de um universo cultural comum, seus principais artistas se diferenciam social e historicamente. Atualmente não tem tido muito destaque na mídia por não serem reconhecidos como produtores de grandes sucessos isto é, com forte retorno comercial.

O forró tradicional teve origem em meados da década de 1940. Disseminou-se em todo o Brasil através do músico Luiz Conzaga, um migrante nordestino. O estilo tradicional é marcado pela presença do triângulo, da sanfona e da zabumba. Apesar disso, existem muitas músicas comercializadas como forró pelos meios de comunicação de massa, que fogem do tradicional e excluem os instrumentos citados acima.

Segundo Geraldo Junior, apesar de usar em suas cantorias, a guitarra, por exemplo, que seria um instrumento mais moderno, eles procuram sempre manter o estilo tradicional.

Naturalmente, a gente, usava guitarra e ao mesmo tempo uma sanfona, um pífono, uma zabumba. A gente tinha essa preocupação de ser uma banda regional, em primeiro lugar, ter essa essência, essa identidade e deixar que as outras influências viessem como, viessem pra somar e não inverter. (RAMOS, 2009)

Ele explica, ainda, que a identidade do trabalho musical dele está focada no conhecimento cultural que adquiriu ao longo dos anos.

[...] É mais um disco de raiz, dessa nossa vivência com reisado que é uma dança, um folgado, que existe uma grande diversidade de ritmos, mas também de banda de pífono, que a gente chama lá no ceará de banda cabaçal, manero pau de ciranda, de coco, pastoril, essa história toda, lapinha, que são folgados, são brincadeiras que tem na nossa região. (RAMOS, 2009)

Outro exemplo de ritmo nordestino é o repente. Um estilo que sofreu influências da literatura de cordel. O nome “literatura de cordel” é uma referência a folhetos escritos em versos, encontrados em feiras nordestinas. Ficavam pendurados em barbantes e expostos nas ruas e janelas de casas, presos por prendedores de roupa. É comum, em regiões menores, reuniões ao redor de pessoas alfabetizadas para ouvir os versos dos folhetos e até mesmo decorá-los.

Como relata Martin Barbero (2006, p.153),

[...] ao anoitecer, quando retornam as pessoas dos trabalhos no campo, homens e mulheres, menores e adultos se reúnem junto ao fogo para escutar aquele que lê em voz alta, enquanto as mulheres remendam ou tecem e os homens limpam ferramenta de trabalho.

Do interesse pelos versos surgiram os cantores repentistas. O gosto musical

vem das rodas de recitação de verso e até mesmo de música cantadas na zona rural. Geralmente, eram os pais que influenciavam os gostos dos filhos e transmitiam-lhes essas habilidades. “De pai para filho, os violeiros perpetuaram sua habilidade” (NEPOMUCENO, 1999, p. 28).

João Pereira Lima é um músico repentista que sobreviveu às mudanças ocorridas com o tempo e mantém o repente como seu estilo. Natural de Alagoas, nasceu e criou-se no sítio, acompanhado da família. Sofreu influências significativas das cantorias da zona rural e da literatura de cordel.

Eu gostava muito de ler e decorar assim como no sul e sudeste do Brasil, o povo lia muito, lia muito da zona rural e ainda lê a modinha sertaneja. O repente era porque o meu pai era lavrador e também tocava viola muito bem e cantava repente. No final de semana sempre tinha cantadores em todas as casas de fazendeiros em Alagoas, dos agricultores, os senhores do engenho. Sempre tinha muitas duplas, e eu cresci vendo e assistindo bastante aquelas cantorias na zona rural (PEREIRA, 2009)

Nas cantorias de “repente”, estão presentes as frases rimadas, poéticas e improvisadas. Dois cantadores violeiros acompanham as cantorias e permanecem durante horas improvisando versos. É um dos estilos que não sofreu muitas mudanças ao longo do tempo.

A música é um elemento característico da cultura brasileira. Herança que vem antes do descobrimento do Brasil. Para os indígenas, que aqui viviam antes da chegada dos portugueses, a música era um fator cultural. Fazia parte dos rituais, das celebrações, festas, caças e muitas outras atividades.

Cristino Pereira do Santos é um índio nativo da região de Roraima e integrante da tribo Wapixana. Conhecido pela tribo como “Pemuro”, que significaria pássaro pequeno (beija-flor), ele explica que a música está presente na vida dos indígenas desde o nascimento.

[...] Os cantos, normalmente, que são ensinados para as mães cantarem para as crianças que vocês dizem que é pra dormir aqui, pra gente, são os cantos que falam, convidam os passarinhos pequenos, os filhotes de animais, pra virem conversar com essa criança e mostrar esse novo mundo pra ela. Ai os espíritos desses animais vem com ela, conversar com o espírito dela, e ela se acalma, por isso ela dorme. Quando adocece, tem que cantar, está alegre, tem que cantar. Então a música permanece até a velhice, ou nas fases diferentes da vida, ela é muito importante, [...] (SANTOS, 2009)

A música indígena sofreu mudanças com a vinda dos jesuítas para o Brasil. Com o intuito religioso, os jesuítas fizeram da música uma forma de

catequizar os índios da região. Percebeu-se, a partir deste momento, influências da música européia nos cantos indígenas. No entanto, eles ainda são criados e cantados para as mesmas situações.

O que mais interessa nesse momento é perceber que a música denominada folclórica serve como meio de expressão popular. Ela ainda não sofreu grande influência da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa. Esse tipo de música é apresentada para um número considerado pequeno de pessoas, se comparado às multidões que acompanham os shows de cantores populares. Apesar de não estarem no eixo de mercado, ganham espaço em festivais como o Femcic que privilegiam as produções independentes.

Segundo o gerente executivo do SESC de Maringá, Antônio Vieira, ao escolher as músicas que serão cantadas nos quatro dias do Festival, existe uma equipe técnica que se atem às características como: diversidade, propostas inovadoras, regionalidade, letra, entre outras.

Nós temos as pessoas técnicas, que analisam a canção sob o ponto de vista técnico, e outras, pelo gosto da música, pela qualidade da poesia, então são coisas que são levadas em consideração e que evidentemente a par da diversidade, vem a questão da regionalidade, o ritmo daquela canção, que é um ritmo completamente diferente daquele que normalmente aqui é conhecido e eu acho que o festival, ele é pródigo em exemplos disso. (VIEIRA, 2009)

Os artistas que se interessam pelo festival são, em sua maioria, desconhecidos do grande público. Às vezes são figuras conhecidas no cenário musical, mas não pelo público.

Segundo a jornalista Rachel Coelho (2007, p.62), o “anonimato” não faz com que essas pessoas tenham menos valor do que as outras. A jornalista faz uso do termo “ilustres” para classificá-las como àquelas que:

Lutam para viver de música num país que relega a cultura ao segundo plano, que da seca nordestina, tiram a inspiração para compor belas canções, aqueles que não se importam em competir, importam em participar, em mostrar seu trabalho, que viajam três dias, de ônibus, para chegar em Maringá e cantar meia dúzias de músicas (ou menos) mas que não se arrependem disso e sempre acham que valeu a pena.

O Femcic pode ser considerado um evento que preza pela manifestação do povo. Um povo que se expressa livremente e que retrata através das letras musicais as angústias, os medos, histórias de vida, sempre levando em consideração a tradição e cultura.

Segundo Rachel Coelho (2007, p.5), o Femucic é um festival de “'resistência' a todo um processo de massificação musical, ditado pela indústria fonográfica impiedosa, que impõe aos ouvidos de nossa gente toda sorte de produtos que podem ser denominados de tudo, menos de música”.

#### 4 FEMUCIC

A primeira edição do festival aconteceu em 1977 e recebeu o nome de “Femusec”. A proposta surgiu durante uma reunião realizada no próprio Sesc de Maringá, onde também foram discutidos os objetivos que integrariam esse projeto.

Segundo Mello, (2003, p.13) os festivais de música podem ser caracterizados como “uma forma de reunir exposições artísticas, durante um certo período, tendo como denominador comum um gênero musical [...]”.

Foi Luiza Elisabeth Basaglia, na época a diretora do SESC, quem teve a idéia de fazer um festival de música em Maringá. Durante a reunião ficaram decididas algumas características do festival: teria duas eliminatórias com a apresentação de 15 músicas em cada uma delas e, dentre essas 15 músicas, apenas cinco seriam classificadas para a final. Portanto, na última etapa do concurso seriam apresentadas as dez melhores músicas e o júri escolheria as três melhores para a premiação.

Os objetivos eram incentivar a criatividade musical; facilitar o intercâmbio cultural; descobrir e valorizar novos talentos e difundir a música como um dos meios essenciais da expressão artística do povo. “[...] a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação, principalmente quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social” (MORAES, 2000).

O modelo do Femusec seguia a mesma linha dos festivais apresentados no Rio Janeiro, na época. Uma competição de canções, em que os concorrentes eram, de fato, os autores das obras, compositores e letristas. “Ora, como em música popular novas manifestações geralmente implicam em obras inéditas, quando se fala em Festival de Música Popular no Brasil, a idéia é mesmo de uma competição de canções [...] Os concorrentes são de fato os autores das obras, os compositores, os letristas” (MELLO, 2003, p. 13-14).

O conceito de festival se estabeleceu no Brasil ainda na década de 60, porém, com outro nome. Eram os concursos de músicas carnavalescas promovidos no Rio de Janeiro. Considerados uma forma de manifestação popular, os festivais carnavalescos faziam parte da cultura do povo. “A opinião do povo explode, igualmente, e com um vigor decisivo, no tríduo carnavalesco. Não apenas nos ditos

chistosos, nas fantasias, nos cartazes e estandartes dos clubes [...],mas, sobretudo, nas letras de samba e dos 'frevos canções', que, por isso mesmo, caem no gosto do povo [...]. (BELTRÃO, 1971, p.124). Esses concursos aconteceram durante anos, mas foi somente em 1960 que surgiram os Festivais da Música Popular Brasileira.

A partir dessa época, os festivais tornaram-se mais visíveis e passaram por um momento de popularização e massificação junto à população. Primeiramente no rádio, veículo responsável pela difusão da Música Popular Brasileira e, em um segundo momento, na TV, que também começa a exibir em sua programação festivais populares. O Brasil foi palco de grandes festivais desde 1960 e revelou muitos nomes reconhecidos atualmente. O Femusesc, apesar de não ter surgido na televisão, com certeza teve seu papel na era dos festivais no Brasil.

O Femusesc passou a chamar-se FEMUCIC: Festival de Música Cidade Canção, em 1978. Uma homenagem feita à cidade que tem seu nome inspirado na música de Joubert de Carvalho. Neste mesmo ano, o Femucic recebeu o apoio da Universidade Estadual de Maringá, da Prefeitura e da TV Cultura, afiliada a Rede Globo de Televisão. Parceria que resultou no aumento do número de inscrições e do público que iria prestigiar o evento. A música vencedora nessa edição foi "Dama das Camélias" do curitibano Lydio Roberto e interpretada pelo grupo Alla Breve. O segundo lugar foi do maringaense Rubens Neves de Andrade com a música "Memórias do meu pai" e o terceiro do grupo Galha Azul, com a composição "Geração".

Depois de duas edições o auditório do SESC não suportava o número de pessoas que prestigiavam o evento. Um lugar maior solucionaria, a princípio, o problema da falta de espaço. Durante este ano, o festival aconteceu no Cine Horizonte e, mais tarde, no Cine Maringá. Esta edição do Femucic serviu, também, como etapa eliminatória do I Festival Paranaense de MPB "Todos os Cantos".

A música "Festival" interpretada por um dos participantes do evento, em 1982, foi uma homenagem ao Femucic. Desde então essa música tornou-se tema do festival e acompanhou várias edições na noite de abertura.

O Femucic cresceu e ganhou credibilidade. Pessoas de outras partes do Brasil, como São Paulo e Minas Gerais, também se inscreveram. A falta de espaço,

que antes parecia ter sido solucionada, tornou-se um problema novamente. Desta vez o Ginásio de Esportes Marista foi o lugar escolhido para apresentar o festival. Atrações foram acrescentadas e shows de grupos locais apresentavam-se sem competir.

O público também teve uma participação importante nessa edição: o voto popular em caso de empate foi outra novidade da edição de 1985. O festival recebeu, também, o patrocínio do Banco do Estado do Paraná (Banestado) o que significou um grande alívio na parte financeira da comissão organizadora. Outra novidade foi a participação de grandes nomes da música brasileira no encerramento do evento.

O primeiro participante convidado foi Carlos Lyra. Depois vieram Antonio Carlos e Jofafi, Eduardo Dusek e Toquinho que fizeram um show para cinco mil pessoas no Ginásio de Esportes Chico Neto. Foi uma noite de muitos talentos e trabalhos de muita qualidade. Pensando nisso a comissão organizadora decidiu levantar fundos para imortalizar as melhores músicas em disco. Com o apoio do Banestado, o Femucic grava as 11 melhores músicas em um LP exclusivo pela Som Livre. Essa edição foi recorde de público com a presença de mais de oito mil pessoas.

A capa do disco foi escolhida através de um concurso de fotografia criado pelos organizadores. O Femucic estava completando 10 anos.

O público pode prestigiar músicas de qualidade, interpretadas por pessoas que, apesar de não serem famosas, tinham tanto talento quanto os artistas que apareciam na mídia.

Depois de um tempo, os festivais foram perdendo a importância que haviam conhecido no Brasil. O Femucic perdeu parceiros como a Universidade Estadual de Maringá.

Foi neste contexto que os organizadores decidiram transformar o Femucic numa mostra de música, onde todos os participantes seriam ganhadores e receberiam um prêmio simbólico. O Femucic não teria mais caráter competitivo, no entanto, as músicas continuariam a ser escolhidas pela comissão organizadora para evitar excesso de participantes. Uma decisão importante que fez com que, em 1996, as inscrições aumentassem consideravelmente. O Femucic já era considerado um

dos maiores festivais de música do país. A música sertaneja e o rock também passariam a fazer parte do festival.

O festival transformou-se numa mostra e as inscrições passaram a ser gratuitas. As apresentações foram divididas por gênero, acrescentando uma noite ao festival: a noite do Rock que aconteceu no Chico Neto com a participação ativa dos jovens.

Em 1997 o Femucic completava 20 anos. O cine Teatro Plaza e o Ginásio Chico Neto receberam os mais variados estilos musicais. Neste mesmo ano o Femucic gravou o primeiro CD com as músicas participantes. A partir deste momento a gravação do CD seria um ritual anual.

O Femucic já era reconhecido por pessoas do país inteiro. Com a gravação do CD, os artistas também teriam a chance de ser reconhecidos. Para completar as mudanças, em 1997 o Teatro Calil Haddad, recém inaugurado, se tornaria definitivamente o palco do Femucic.

O Brasil parece estar dentro do Calil Haddad. Drag queens e roqueiros, zabumba, triângulo e pandeiro misturados a guitarras e contrabaixos, baterias, pianos, flautas e outros instrumentos musicais marcavam os ritmos do Festival. O Grupo Caçua de Alagoas fez uma apresentação diferente misturando música e encenação, o que surpreendeu o público. Em 2001 o destaque foi para a apresentação dos grupos Bago de Jaca (SE) e Dr. Raiz (CE) que encerraram o festival cantando a música “Maringá, Maringá”.

Em 2004, o Festival de Música Cidade Canção completa 26 anos de incentivo à criatividade musical. Nesses quatro anos que passaram, de 2004 a 2008 o Femucic continuou com a mesma estrutura e bom gosto na escolha das músicas participantes. Em 2008 mais uma novidade deixou os participantes ainda mais empolgados: a gravação do primeiro DVD ao vivo. Foram quatro dias de gravação e de casa cheia<sup>5</sup>.

No ano de 2009, a mostra completou 31 anos e atraiu músicos de diversos lugares do Brasil. E para que mais gente pudesse ter esse contato, mesmo que

---

<sup>5</sup> Este capítulo foi baseado no livro: “Canção para uma cidade: história do Femucic”. Uma produção resultante de um trabalho de conclusão de curso, da jornalista Rachel de Oliveira Coelho, no ano de 2002.

instantâneo com essa diversidade do Femucic, surgiu a idéia de produzir um videodocumentário que retrata os aspectos descritos nos capítulos anteriores.

## 5- DOCUMENTÁRIO

O termo “documentário” foi citado pela primeira vez no jornal The New York Times, em 1926. O sociólogo John Grierson fez referência aos filmes de Robert Flaherty como um documentário e definiu o uso da expressão afirmando que os filmes de Flaherty caracterizavam-se por apresentarem um “tratamento criativo da realidade”.

De acordo com Nichols (2005, p. 47):

A definição de “documentário” é sempre relativa ou comparativa. Assim como o amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda.

Partindo desta definição é possível afirmar que os documentários, apesar de serem uma representação da realidade, são construídos a partir de pontos de vista e, portanto, podem apresentar diferentes abordagens. Conforme explica Nichols (2005, p.72), cada abordagem “é uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social”.

Os documentários podem ser classificados como: de ficção e de não-ficção, chamados por Nichols (2005) de filmes de representação social. Segundo o autor, os filmes de ficção são a representação, em vídeo, dos nossos desejos, vontades, sonhos e medos, envolvendo personagens fictícios e situações algumas vezes inexistentes. Enquanto os filmes de não-ficção são aqueles que simplesmente reproduzem a realidade. São histórias reais, discussões atuais, acontecimentos que fazem ou fizeram parte da vida ou da história de alguém ou de algum lugar.

A voz do documentário, como explica Nichols (2005), propõe-se a defender uma causa, apresentar um argumento ou, transmitir um ponto de vista. Neste processo acontece uma interação entre códigos e características específicas para que o objetivo seja alcançado. A escolha da fala do narrador e dos entrevistados, as imagens, os sons, o formato, tempo, cada detalhe envolvido na produção. Portanto, é ainda no processo de produção do documentário que a 'voz' é escolhida.

O som, por exemplo, não deve ser considerado apenas como uma característica de ilustração. Por meio dela podemos, muitas vezes, ajudar a contar uma história. Sua representação pode significar algo mais que apenas sons.

Outra questão indispensável é a cronológica. Tão importante quanto dar voz ao documentário é dar “indícios ou prova artística/artificial”. Para Nichols, essas expressões se referem às técnicas utilizadas para deixar implícita a impressão de conclusão ou comprovação do que nos dispusemos a provar ou mostrar. Na retórica aristotélica, as provas artísticas são divididas em três tipos, todas tentando convencer-nos de que um argumento é forte o bastante.

São eles: o ético, o emocional e o demonstrativo. O primeiro refere-se àquele que dá a impressão de credibilidade do assunto discutido; o emocional, como o próprio nome sugere, dá ênfase às questões emotivas objetivando produzir humor, desespero, medo ou compaixão nos telespectadores. Por último o demonstrativo, que comprova ou simplesmente dá a impressão de que a questão foi comprovada. Todas essas provas encaixam-se nas produções documentais.

## 5.1 TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS

Já foi dito no capítulo 5 que cada documentário é representado por um tipo de voz e, portanto, tem características diferenciadas. Essas representações, segundo Nichols (2005), estão divididas em seis tipos: poética, expositiva, participativa, observativa, reflexiva e performática.

No modo expositivo, a preocupação maior está fixada na defesa dos argumentos. Neste tipo de representação, as imagens e, portanto, as questões estéticas são deixadas em segundo plano. Atém-se à narração dos fatos e procura sempre manter a continuidade da argumentação.

Diferente do expositivo, o formato poético privilegia a estética, o estado de ânimo e o afeto aos discursos persuasivos. Portanto, há uma valorização das imagens, planos e falas. Pode conter trechos de poemas ou literatura.

O modo observativo expõe a realidade como ela é. Procura sempre evitar possíveis interferências que possam alterar a realidade. Nesse tipo de produção as cenas têm voz própria e falam por si mesmas. Ou seja, não se observa a presença de narrações como nos outros gêneros.

O reflexivo preocupa-se com a relação entre o documentarista e as pessoas

envolvidas nas filmagens. Portanto, deixa clara a reação dos “atores” diante das câmeras. Segundo Nichols (2005, p. 163) “Esses filmes tentam aumentar nossa consciência dos problemas da representação do outro, assim como tentam nos convencer da autenticidade ou da veracidade da própria representação”.

O modelo participativo é marcado pela presença atuante do documentarista e de sua equipe. Segundo Nichols (2005, p. 153) “O documentário participativo dá-nos uma idéia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera”. Os tipos e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário.

O último modelo é o performático. Assim como o poético, o performático preza a questão estética, por isso tem uma atuação cinematográfica mais livre em relação a técnicas e a objetividade.

## 5.2 O DOCUMENTÁRIO NA TV

Por meio do vídeodocumentário, que é um produto midiático, pode-se representar a realidade e expor fatos do cotidiano de forma mais ampla. Segundo Zandonade & Fagundes (2003): “Com isso, reforça-se a teoria de que ele pode ser um importante instrumento para o conhecimento real dos acontecimentos, de maneira a compreender os mecanismos de construção daquela realidade”. Essas características propõem uma fácil aceitação por parte dos telespectadores.

Diferente das outras mídias televisivas, o vídeodocumentário, além de retratar os fatos do cotidiano, que mostram a realidade que envolve um determinado assunto, também é capaz de despertar críticas e a reflexão das conseqüências que um problema social pode acarretar. No entanto, esse tipo de mídia ainda é mais usada dentro do cinema.

A TV Cultura de São Paulo é um dos poucos canais de TV aberta que apresenta uma programação baseada em exibições de vídeodocumentários. No entanto, devido ao curto alcance do sinal da TV, nem todos têm acesso a essa programação. As outras emissoras voltam-se mais especificamente a produções que envolvam entretenimento e informações factuais. Segundo Zandonade & Fagundes

(2003) [...] as notícias diárias abordadas nos telejornais das emissoras comerciais, não contribuem para a clareza das idéias, ou seja, não desperta o sentido crítico dos telespectadores fazendo com que eles não tenham uma visão mais apurada sobre os assuntos apresentados”.

Existem poucas bibliografias no que se refere a produção documental como uma extensão de produto jornalístico da televisão. A maioria das teorias encontradas volta-se para produções cinematográficas. Segundo Zandonade & Fagundes (2003), “é consenso entre pesquisadores afirmar o aspecto pessoal do documentário que age sobre determinada realidade ao retratá-la, seja em vídeo ou em filme”. A partir dessa afirmação, conclui-se que “a atuação do jornalista em produções documentais adquire o caráter autoral que se contrapõe à definição de jornalismo imparcial e isento, criticado por muitos profissionais da área”.

Exemplo disso é a produção “Nelson Freire”, do documentarista João Moreira Sales. As críticas feitas estão voltadas para a falta de informações puramente jornalísticas. Àquelas relacionadas ao *lead*. Justificativa dada pelo documentarista durante uma entrevista exibida pela TV Senado em 12 de fevereiro de 2008.

Segundo ele, o filme não dá informações como: o número de cds vendidos, concursos vencidos, e viagens realizadas durante a vida de Nelson Freire:

“Esse tipo de notícia no documentário, faria com que o espectador saísse da experiência do filme “Nelson Freire” e entrasse numa outra coisa que não é a experiência que você entra com todos os sentidos. Você colocaria em ação o raciocínio lógico que, de certa forma, impede a sua imersão dos outros sentidos na experiência do filme”.

Essa é uma das características do vídeodocumentário: aprofundar-se no assunto. As informações convencionais que, na maioria das vezes são encontradas em jornais, revistas e na internet, devem, neste momento, receber menos atenção. O objetivo é fazer com que as pessoas reflitam e, conseqüentemente, tenham um envolvimento maior na produção.

## **6- DIVERSIDADE MUSICAL NO PALCO DO FEMUCIC**

A decisão de produzir um videodocumentário deu-se, primeiramente, pelo fato de ser uma forma de registrar os acontecimentos do cotidiano. Sendo assim, pode ser considerada uma forma atraente de interagir com o público já que, pode provocar diferentes reações e reflexões sobre o tema. A linguagem parecida com a da reportagem contribui para uma maior proximidade entre a realidade apresentada e os telespectadores.

Em segundo lugar, foi escolhida a produção de um documentário por se tratar de um meio em crescimento atualmente. Segundo dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine), órgão do Ministério da Cultura, houve um grande avanço da produção de documentários no Brasil no período de 1994 a 2007. Em 1994, por exemplo, o Brasil apresentou apenas uma produção. Em 1999, quatro. Em 2007, foram 32 longas-metragens documentários. Ainda tomando 2007 como referência, 30% dos lançamentos cinematográficos foram constituídos por documentários. Dados que revelam a intensidade da produção documentária atual.

No entanto, essa produção que cresceu ainda se concentra nas salas de cinema. O que, de certa forma, reflete sua ausência nos canais de televisão. Não se vê documentários sendo exibidos em TV aberta (gratuita), com exceção da TV Cultura de São Paulo, que se destaca justamente por incluir documentários em sua programação.

Considerando o contexto acima, veio a decisão de que este videodocumentário não seria produzido para comercialização, mas para ser veiculado em TV aberta e TV comunitária como forma de contribuir para a formação cultural do sujeito.

### **6.1 NOME**

A decisão do tema surgiu da vontade de explorar a diversidade musical presente no Festival de Música Cidade Canção (Femucic). Apesar de não frequentarmos o festival todos os anos, temos conhecimento da variedade de ritmos

que se apresentam naquele palco. São diversos tipos de culturas e estilos musicais reunidos em um único vídeo.

O nome escolhido: “Diversidade Musical no palco do Femucic” tentou, de certa forma, resumir os objetivos propostos no projeto. Uma forma de mostrar pelo título, que o videodocumentário iria apresentar a diversidade de ritmos e estilos musicais que são apresentados todos os anos no Femucic.

## 6.2 ETAPAS DE PRODUÇÃO

A produção de um documentário, apesar das tecnologias disponíveis no mercado, exige um empenho considerável. O cuidado com os detalhes das filmagens, com o roteiro, com as edições, exige planejamento. Por esse motivo, o desenvolvimento do videodocumentário foi feito em dupla sendo esta escolha um fator facilitador da produção. Além, é claro do interesse em comum em realizar uma produção documental.

Primeiramente foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema proposto e sobre a teoria que envolve o trabalho. Em seguida, a produção do pré-projeto e posteriormente do projeto, foram necessárias para dar continuidade a produção. As entrevistas com os participantes foram realizadas durante os quatro dias do festival, de 20 a 23 de maio de 2009. Algumas, como a do diretor do SESC, foram agendadas para alguns meses depois devido a disponibilidade de horário dos entrevistados. O roteiro de perguntas foi a base das nossas entrevistas e essencial para que as falas pudessem se encaixar durante a edição do documentário.

Foram dez entrevistados divididos entre músicos participantes, e pessoas ligadas ao Femucic. O critério de escolha dos músicos baseou-se na diferença de estilo musical de cada um. Afinal, a proposta era demonstrar uma variedade musical. Portanto, os entrevistados são: Geraldo Ramos Freire Junior – CE (Música Cariri), João de Lima – AL (cantador de repente), Cristino Pereira dos Santos – RR (Índio da tribo Wapixana), Madan – SP (Cantador de poesias), Ricardo Dechunski e Leonardo Mariani – PR (música instrumental com a viola), José Contessoto, Paulino Contessoto e Tercílio Men – PR (música caipira).

As entrevistas foram decupadas e após a conclusão dessa etapa, deu-se

início a edição das falas dos entrevistados. O videodocumentário sobre o Femucic caracteriza-se pela ausência de off, “Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens” (BISTANE, BACELAR, 2005). Por esse motivo, a decupagem das entrevistas foi tão importante. Encaixar as sonoras, “termo que se utiliza para designar uma fala de entrevista” (PATERNOSTRO, 1999), é um processo trabalhoso, demanda tempo e precisão de detalhes. Este foi o formato escolhido.

Entre uma fala e outra, foram utilizados trechos de apresentações dos músicos entrevistados. Já que a proposta do trabalho está voltada para a questão musical, essa ferramenta foi utilizada diversas vezes durante a construção do produto. O que contribuiu para uma maior dinamicidade do vídeo.

Além da ausência de off, optou-se também pela ausência de passagens, “gravação feita pelo repórter no local do acontecimento”, (PATERNOSTRO, 1999). As narrações ficam por conta dos próprios entrevistados.

Depois do processo de edição das sonoras, começou a fase de captura de imagens e músicas que, seriam necessárias para a cobertura dessas sonoras, para o computador da ilha de edição não-linear. A opção de editar o produto na ilha não-linear é devido a maior facilidade de mudanças no decorrer do projeto, caso fossem necessárias.

### 6.3 DESCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

O vídeo tem duração de 27 minutos e começa com um clipe contendo imagens do DVD gravado em 2008 e um trecho da música “Reino de Maringá”, escrita por Roberto Ba e Alex Duarte em homenagem ao Festival. Logo após o clipe, alguns dos personagens do videodocumentário apresentam-se, falando o nome e a região de onde vieram. São três trechos de apresentação e no final entra a abertura do videodocumentário com o nome: “Diversidade Musical no palco do Femucic”.

No decorrer do videodocumentário, existem vinhetas que servem para dividir os assuntos discutidos pelos entrevistados. As palavras que sintetizam os assuntos são: “O Festival”, “A primeira vez”, “A letra”, “Estilo musical”, “Influências” e “Mudanças”.

O trecho “O Festival”, contém falas relacionadas a representação do Femucic

para cada entrevistado. Como ele passou a fazer parte da vida de cada um deles. “A primeira vez” traz relatos dos músicos, contando sobre como souberam do festival, se inscreveram foram selecionados e vieram pela primeira vez a Maringá. Em “Letras”, como o próprio nome já diz, os entrevistados contam o que eles tentam representar nas letras das músicas que escrevem. Contextualizando, o festival só aceita músicas de cunho autoral. “Estilo musical”, cada participante tem um estilo musical diferenciado, muitas vezes pouco conhecido na nossa região. Os próprios entrevistados caracterizam seus estilos musicais. Logo em seguida, a vinheta “Influências”, traz as explicações de como escolheram esses estilos, quais as influências sofreram dos costumes e tradições que acompanharam desde criança. As “Mudanças”, que alguns estilos musicais sofreram ao longo tempo também são discutidas pelos entrevistados. Por último, finalizando o documentário, alguns entrevistados fazem elogios ao festival e até o próprio diretor executivo do SESC conta que aprendeu muita coisa estando a frente do festival há tanto tempo.

Todos esses assuntos servem para mostrar que o Femucic pode ser considerado uma forma de expressão do povo. Através dele, os músicos de diferentes estados brasileiros representam um pouco da sua cultura, da região onde vivem, fatores que, de certa forma, influenciaram a vida musical. O videodocumentário termina com um clipe tendo como trilha uma música instrumental que é tocada na abertura do Femucic há alguns anos, e algumas imagens de músicos participantes. Durante esse clipe, sobe a ficha técnica e os nomes de todos os músicos que participaram do Femucic 2009.

#### 6.4 RECURSOS TÉCNICOS

Câmera JVC GY-DV 500

Câmera Panasonic DVC 20

Microfone Lapela

Dezessete fitas MiniDV Panasonic

Um carro Logus, da marca Volkswagen

## 6.5 RECURSOS HUMANOS

Dois integrantes do grupo

Um técnicos de edição

Uma orientadora

## 6.6 CUSTOS

Combustível.....	R\$ 100,00
Manutenção de Equipamento.....	R\$ 850,00
Fitas Mini DV.....	R\$ 102,00
Ligações Telefônicas.....	R\$ 30,00
Cópias.....	R\$ 30,00
Impressão.....	R\$ 30,00
Vinte e dois DVD´s Virgens.....	R\$ 25,00
<b>Total.....</b>	<b>R\$ 1167,00</b>

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vídeodocumentário produzido alcançou os objetivos propostos e manteve-se como um produto jornalístico de caráter informativo. Todas as etapas cumpridas seguiram as técnicas jornalísticas apresentadas no decorrer do curso de Jornalismo. A diferença está presente no direcionamento dado ao produto. Contar a história do festival ou simplesmente mostrar, através das apresentações de palco, a diversidade de ritmos, seria apenas uma das formas de retratar o tema proposto. No entanto, aprofundar-se no assunto foi um atrativo e ao mesmo tempo um desafio que envolveu esta produção.

Por meio da produção do vídeodocumentário pode-se comprovar que o Femucic pode ser considerado uma verdadeira mostra de música brasileira. A variedade de ritmos e estilos musicais é uma característica marcante do festival. Característica que, segundo bibliografias que retratam a história do Femucic, foi se intensificando com o passar do tempo. No início com MPB e, mais tarde, abriu-se a diferentes gêneros musicais, passando pelo rock, sertanejo de raiz, música instrumental, entre outros.

Considerando isso, surgiu uma indagação: De onde vem essa diversidade musical? A partir dessa curiosidade se propôs a discussão, também, das influências culturais presentes nas músicas e na vida dos cantores. Observou-se que essas influências existem e são a essência da vida musical de cada cantor entrevistado. São manifestações populares antigas, mas que sofreram transformações, por influência do meio, e continuam vivas.

Para exemplificar, pode-se usar como referência alguns músicos que já foram citados anteriormente neste trabalho. Geraldo Junior veio do Ceará. Cresceu envolvido na cultura popular presente da região do Cariri, onde mora. Folgedos, folia de reis, bandas de pífano. Cada uma dessas manifestações teve uma grande influência na escolha pelo estilo de música que ele canta: a música Cariri, como ele mesmo define.

João de Lima nasceu e cresceu na zona rural de Alagoas, vendo o pai e os outros músicos da região cantando repente, fazendo desafios, tocando em rodas de viola, nas festas, ouvindo as bandas de pífano que também se faziam presentes na

região onde morava.

Cristino Pereira dos santos, índio da tribo Wapixana de Roraima. A música, como ele mesmo conta no documentário, está presente na vida dos indígenas, desde a gestação até a morte. Daí surgiu o gosto pela música.

Da mesma forma que os músicos foram influenciados por manifestações culturais da região onde moram, o público participante também recebeu influências das suas regiões. No entanto, pode-se também receber influências de outras regiões, de outras formas de manifestação que não aquela já conhecida.

Ao sentar-se naquela platéia, ouvir músicas de diversas regiões do Brasil, mesmo inconscientemente, acontece um processo de absorção da cultura. Todas essas manifestações de alguma forma são transmitidas para o público. Assim como cada músico participante também absorve uma parte da cultura local e da cultura dos músicos de outras cidades do Brasil. Existe uma troca de conhecimento e ao mesmo tempo cultural.

Trazendo para Maringá as características dessa cultura fixadas no estilo musical de cada um, eles fazem o papel de “Líderes de opinião”. Viajando de cidade em cidade, cantam e, ao mesmo tempo, exibem traços da cultura presente na região onde vivem. Portanto, podemos dizer que o Femucic é um festival de música que tem como característica mais relevante a diversidade musical e, ao mesmo tempo cultural. Características apresentadas todos os anos, por meio dos músicos participantes, no palco do Femucic.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

COELHO, Rachel de Oliveira. **Canção para uma cidade: a história do Femucic**. Maringá, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**.. Editora Vozes. 4ª edição. Rio de Janeiro 1999

MELLO, Zuza Homem de. A era dos festivais. Editora 34. 1ª edição. São Paulo, 2003.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista brasileira de história**, São Paulo, volume 20, nº 39, 2000.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira: da Roça ao rodeio**. Editora 34. 1ª edição. São Paulo, 1999.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SILVA, Expedito Leandro. **Forró no asfalto: mercado e identidade sociocultural**. editora Annablume. 1ª edição. São Paulo, 2003.

SUZIGAN, Geraldo. **O que é música brasileira**. São Paulo: Brasiliense: 1990.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular de índios, negros e mestiços**. Editora Vozes. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1972.

ZANDONADE, V.; FAGUNDES, M. C. de J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. 73 páginas. Monografia; bacharel em jornalismo; Comunicação Social - Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis; Assis-SP, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso: em 28 de setembro. 2009.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - ROTEIRO

<b>Data:</b>	<b>Programa:</b> Diversidade Musical no palco do Femucic	<b>Cinegrafista/Repórter</b> Aline Lopes Bueno Douglas de Oliveira	<b>Retranca:</b>	<b>Tempo:</b>
--------------	---	--	------------------	---------------

**Trilha:** Milton Campos - Ser tão brasileiro

**Primeira tela:** Começa com o fundo branco. Surge uma viola (símbolo do festival) e logo abaixo, as palavras Femucic e Mostra de Música Cidade Canção, aparecem uma a uma. Novamente a tela fica branca e surgem as palavras “Um documentário sobre”. De repente elas desaparecem, uma de cada vez até a tela ficar branca novamente. Surge o nome do documentário: Diversidade Musical no palco do Femucic. Termina com a tela branca.

**Menu inicial:** Com a mesma trilha de fundo, surge uma imagem do teatro Calil Haddad em um dos dias do Festival deste ano. E no canto inferior direito as palavras: Iniciar e extras.

**Clipe de abertura:** Começa com um trecho do DVD do Femucic gravado em 2008 com a música “Reino de Maringá”. Composição e interpretação de Alex Duarte e Roberto Bach. Durante a parte instrumental, aparecem as imagens do DVD original, com os cantores tocando. Quando começam a cantar, surgem diversas imagens de apresentações de músicos participantes do Femucic 2009, intercaladas em fusão. Sobre as imagens, surge a frase “No mês de maio as estradas nos levam ao Paraná, onde os caminhos se encontram, no reino de Maringá”, ao mesmo tempo em que os

<p>músicos cantam o mesmo trecho, que é o refrão da música. Enquanto o refrão se repete, a frase vai desaparecendo, seguindo a letra cantada pelos músicos. Por último, o trecho “onde os caminhos se encontram no reino de Maringá” desliza (efeito roll) na frente da tela no sentido direito para o esquerdo até desaparecer completamente.</p> <p><b>Trilha:</b> continua “Reino de Maringá”.</p> <p><b>Sonora: Cristino Pereira dos Santos</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora Paulo Contessoto</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora José Contesoto</b></p> <p><b>Corte Seco</b></p> <p><b>Sonora Tercílio Men</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora Geraldo Ramos Freire Junior</b></p>	<p>ME CHAMO CRISTINO PEREIRA DOS SANTOS, CIVILMENTE. E, EM WAPIXANA, ME CHAMO “PEMURO”, QUE TEM O SIGNIFICADO DE PASSARINHO PEQUENO, QUE É O BEIJA FLOR.</p> <p>EU SOU O PAULO CONTESSOTO E O NOME ARTÍSTICO É PAULINO.</p> <p>O MEU NOME É JOSÉ CONTESSOTO, NOME ARTÍSTICO É ZEQUINHA</p> <p>E O MEU NOME É TERCÍLIO MEN, SEMPRE USEI ESSE NOME E É O NATURAL.</p> <p>SOU GERALDO RAMOS FREIRE JUNIOR, MEU NOME ARTÍSTICO É</p>
--	--

<p><b>Fade out</b></p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Trilha: Ser tão brasileiro – Milton Campos</b></p> <p><b>Abertura:</b> Começa com o fundo branco. Surge uma viola (símbolo do festival) e logo abaixo, surgem, uma a uma, as palavras Femucic e Mostra de Música Cidade Canção. Novamente a tela fica branca e surgem as palavras “Um documentário sobre”. De repente elas desaparecem, uma de cada vez até a tela ficar branca novamente. Surge o nome do documentário: Diversidade Musical no palco do Femucic. Termina com a tela branca.</p> <p><b>Fade out</b></p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Vinheta:</b> Fundo preto com a frase: O festival. Enquanto isso toca a música “vida boa” - Daniel Migliavaca.</p> <p><b>Fade out</b></p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Geraldo Junior –Ceará</b></p> <p><b>Corte Seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Antônio Vieira – Diretor executivo do SESC</b></p>	<p>GERALDO JUNIOR, SÓ. EU SOU DO CEARÁ DA REGIÃO DO CARIRI.</p> <p>O FEMUCIC É UM FESTIVAL DE GRANDE IMPORTÂNCIA NO CENÁRIO BRASILEIRO HOJE. ELE MOSTRA UM PANORAMA DO QUE VEM ACONTECENDO, MAIS PRÓXIMA DA REALIDADE BRASILEIRA.</p>
---	---

<p><b>Flash Frame branco - Tempo: 2' 45''</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Ricardo Denchuski – Cascavel</b></p> <p><b>Corte Seco</b></p>	<p>O FESTIVAL TEVE O SEU PERÍODO DE MPB, QUE ACONTECEU DESDE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SETE, AQUI NO FEMUSESC, NAS DEPENDÊNCIAS DO SESC, ATÉ MIL NOVECENTOS E OITENTA E SETE, QUE FOI O ÚLTIMO ANO EM QUE O FESTIVAL, ELE ABRIU ESPAÇO TÃO SOMENTE PARA A CHAMADA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, NÃO VOU ENTRAR NO MÉRITO DO DEBATE DESSAS QUESTÕES. A PARTIR DE OITENTA E OITO, NÓS JÁ INSERIMOS A MÚSICA INSTRUMENTAL. ISSO PERCOREREU A TRAJETÓRIA ATÉ MIL NOVECENTOS E NOVENTA E TRÊS, ENTÃO EM NOVENTA E TRÊS ENCERRAMOS ESSE CICLO, ESSA HISTÓRIA DO FESTIVAL DE MPB, INSTRUMENTAL E DE COMPETITIVIDADE.</p> <p>ALÉM DESSA CELEBRAÇÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, E A GENTE TEM COMENTADO MUITO ISSO, NÉ LEO, O FEMUCIC É UMA ESCOLA, NÉ. É UMA ESCOLA NÃO SÓ NA ÁREA CULTURAL EM SI, NA QUESTÃO MUSICAL, SONORA, NÉ,</p>
---	--

<p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Antônio Vieira – Diretor executivo do SESC</b></p>	<p>NA QUESTÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL.</p> <p>EM NOVENTA E QUATRO NÓS TIVEMOS UMA INTERRUPÇÃO E EM NOVENTA E CINCO NÓS VOLTAMOS COM A PROPOSTA DE MOSTRA. ENTÃO, COM A MOSTRA, O FESTIVAL PASSA A VIVER UMA NOVA HISTÓRIA NA SUA ESTRUTURA, NA PRÓPRIA PROPOSTA MUSICAL QUE ELE CARREGAVA NA SUA INTERIORIDADE, O QUE QUE NÓS FIZEMOS, COM A MOSTRA, NÓS ABRIMOS A TODOS OS ESTILOS MUSICAIS, OS ASSIM CHAMADOS GÊNEROS MUSICAIS. ENTÃO, MENOS A QUESTÃO DA MÚSICA RELIGIOSA, QUE É MÚSICA GOSPEL, NÓS PASSAMOS A RECEBER, AI VEIO O ROCK, VEIO ENTÃO O SERTANEJO DE RAIZ, AI NÓS TIVEMOS ASSIM, UM FESTIVAL,</p>
<p><b>Corte Seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: João de Lima – Alagoas</b></p>	<p>EU DIRIA ASSIM, UM FESTIVAL, PLURIFACETADO, COM TODAS AS FORMAS, COM CANÇÕES DE DIVERSOS CANTOS DO BRASIL.</p>
<p><b>Corte seco</b></p>	<p>E O FEMUCIC É LINDO, EU DIGO, EU DIVULGO MUITO O FEMUCIC NAS EMISSORAS QUE EU PASSO, EM</p>

<p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Rachel Coelho - Jornalista</b></p>	<p>ALAGOAS, EM SERGIPE, EM TODO O BRASIL ONDE EU VOU. EU JÁ ESTIVE NO FEMUCIC QUE É O FESTIVAL MAIS BONITO DO ESTADO DO PARANÁ.</p>
<p><b>Corte seco</b></p>	<p>EU ACHO QUE É UM EVENTO MARAVILHOSO, QUE ATRAI MÚSICOS DE MUITA QUALIDADE E PRINCIPALMENTE MÚSICOS APAIXONADOS PELO FESTIVAL, PELA MÚSICA EM SI, PELA ARTE. ACHO QUE ISSO É O QUE TEM DE MAIS LEGAL NO FEMUCIC.</p>
<p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Cristino Wapixana – Roraima</b></p> <p><b>Corte Seco</b></p> <p><b>Sonora: Antônio Vieira</b></p>	<p>ELE PROPORCIONA ESSE ENCONTRO MUSICAL, CULTURAL, E DE PESSOAS, DE ARTISTAS QUE ISSO DÁ POSSIBILIDADES, TANTO PRA GENTE, DE CONHECER E ABRIR NOVOS HORIZONTES PARA COMPOSIÇÃO, PARA CRIAÇÃO, COMO DÁ OPORTUNIDADE A CIDADE VER O QUE TEM SE CRIADO NO RESTO DO PAÍS, VÊ O QUE TA ACONTECENDO DE MÚSICA NO RESTO DO PAÍS.</p>

**Entram Imagens de arquivo cedidas pela RPC - TV Cultura. Três imagens intercaladas com corte seco.**

**Crédito: Arquivo RPC – TV Cultura.**

**Fade out**

**Vinheta:** Fundo preto com a frase em branco: Primeira vez. Enquanto isso toca um trecho da música “vida boa” - Daniel Migliavaca.

**Fade in**

**Sonora – Geraldo Junior**

**Imagens: O grupo “Doutor Raiz” nos bastidores do Femucic em 2001 e da apresentação de palco do grupo intercalada em fusão.**

**Créditos: Arquivo RPC - TV Cultura**

**Fusão**

**Sonora – Geraldo Junior**

**Corte seco**

EU NÃO TENHO DÚVIDA NENHUMA NÉ, QUE O FESTIVAL, ELE SEMPRE FOI MUITO DINÂMICO NESSE SENTIDO, ELE ABRIU PORTAS PARA A MÚSICA NOS MAIS DEFERENTES ESTILOS E ABERTOS A PROPOSTAS INOVADORAS TAMBÉM. NÓS TIVEMOS BÉLISSIMAS REPRESENTAÇÕES DE PALCO, NÓS TIVEMOS DRAMATIZAÇÕES EM CIMA DE MÚSICAS, NÓS TIVEMOS MOMENTOS ASSIM QUE SÃO INESQUECÍVEIS NA HISTÓRIA DO FESTIVAL PORQUE, A MOSTRA, ELA DÁ ESSA FLEXIBILIDADE.

A PRIMEIRA VEZ QUE EU VIM FOI EM 2001 COM O GRUPO QUE EU FAÇO PARTE TAMBÉM QUE É DOUTOR RAIZ. A GENTE VEIO DEPOIS DE GANHAR UM FESTIVAL DE MÚSICA CEARENSE DO SESC E O PRÊMIO ERA VIM A MARINGÁ.

**Sonora – Antônio Vieira**

AI EU VIM O ANO PASSADO INDICADO PELO SESC CEARÁ. E ESSE ANO EU FIZ A INSCRIÇÃO PELA INTERNET.

**Corte seco**

**Sonora**

**Crédito: Cristino Wapixana – Roraima**

NUM PRIMEIRO MOMENTO É FEITO UMA PRIMEIRA, UMA PRIMEIRA SELEÇÃO PRÉVIA NÉ, EM QUE NÓS DAMOS, DIRIA ASSIM, UMA EQUIPE TÉCNICA NÉ, EM QUE PARTICIPAM O DIRETOR MUSICAL DO FESTIVAL, O DIRETOR GERAL, TÉCNICOS DE MÚSICA, PESSOAS ASSIM QUE ESTÃO VINCULADAS AO PROJETO E QUE EU DIRIA ASSIM, FAZEM UM PRIMEIRA PRÉ-SELEÇÃO, ESSE ANO POR EXEMPLO NÓS TIVEMOS MAIS DE SETECENTAS, PRÓXIMAS A SETECENTAS MÚSICAS INSCRITAS.

**Flash Frame Branco – Tempo: 7'12”**

NA VERDADE, EU FIZ AULAS DE MÚSICA E UMA VEZ, EU ERA DOIDO PARA CRIAR, QUANDO EU ERA CRIANÇA EU LEMBRO QUE QUANDO A GENTE IA CAÇAR OU PEGAR PALHA NA MATA PARA COBRIR A CASA, EU FICAVA ASSOVIANDO E INVENTANDO MELODIAS, QUE EU CONHECI

<p><b>BG - “Sonho” - Cristino Wapixana</b></p> <p><b>Imagens com abre áudio: Entra imagem em fusão de Cristino Wapixana cantando um trecho da música “Sonho” na língua Wapixana.</b></p> <p><b>Fusão</b></p> <p><b>Sonora – Antônio Vieira</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: João de Lima – Alagoas</b></p> <p><b>Corte seco</b></p>	<p>COMO IMPROVISACÃO, E EU SEMPRE FUI LIGADO A MÚSICA. EU ESTUDEI MÚSICA E TIVE A OPORTUNIDADE DE FAZER UM CURSO DE COMPOSIÇÃO DURANTE UMA SEMANA ONDE EU FIZ DUAS MÚSICAS. E O SESC LA DE RORAIMA FEZ UMA MOSTRA TAMBÉM DE ONDE A MELHOR MÚSICA VIRIA PARA O FESTIVAL DIRETO, EU NÃO CONHECIA O FEMUCIC, ISSO FOI EM DOIS MIL E CINCO E EU COLOQUEI DUAS MÚSICAS, PASSARAM AS DUAS MÚSICAS E ‘SONHO’ FOI A MÚSICA QUE FOI SELECIONADA PARA VIR PARA CÁ. ASSIM EU CONHECI O FEMUCIC.</p> <p>ESSE GRUPO DE PESSOAS HOUVE AS CONÇÕES NÉ, E ANALISA SOBRE DIFERENTES ÓTICAS NÉ, A PRÓPRIA, A QUESTÃO DA LETRA DA MÚSICA NÉ, A POESIA DA CANÇÃO E A ESTRUTURAÇÃO MÚSICAL NÉ, DA CANÇÃO PROPRIAMENTE DITA.</p>
--	---

<p><b>Sonora – Antônio Vieira</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Ricardo Denchuski – Cascavel</b></p> <p><b>BG - “Mali África” - Ricardo Denchuski e Leonardo Marian.</b></p> <p><b>Imagens com abre áudio: Imagens, em fusão, da apresentação dos Músicos, Ricardo Denchuski e Leonardo Marian no Femucic 2009.</b></p> <p><b>Fusão</b></p> <p><b>Sonora – Antônio Vieira</b></p>	<p>ATRAVÉS DO SESC DE ALAGOAS. UM AMIGO MEU, CHAMADO ABEL DOS ANJOS, ESCREVEU UMA MÚSICA E ME CONVIDOU PRA CANTÁ-LA, LÁ NO SESC EM ALAGOAS. AI EU PEGUEI O ENDEREÇO DAQUI E FIQUEI ESCREVENDO DIRETO.</p> <p>ESSAS AUDIÇÕES, NÃO SÃO AUDIÇÕES FRIAS, EXTREMAMENTE TÉCNICA NÉ, SÃO AUDIÇÕES ONDE AS CANÇÕES QUE SÃO OUVIDAS ELAS SÃO DEBATIDAS, ELAS SÃO DISCUTIDAS.</p> <p>COMO EU SOU NATURAL DAQUI EU EU SEMPRE SOUBE DO FEMUCIC DESDE O INÍCIO. MAS QUANDO ELES TINHAM AQUELE APELO COMPETITIVO, EU NUNCA MANDEI NENHUMA MÚSICA. AI DEPOIS EM 2007 A GENTE VEIO ENTÃO COM O BATUQUE DE VIOLA, COM QUERUMANA. EM 2008 A GENTE TRAZ O RASTAPÉ, ATENTENDO UM APELO DO GATOTÃO AQUI, UM RASTAPÉ COM UM APELO COUNTRY NO SOLO FINAL. PRA</p>
---	--

<p><b>Fade out</b></p> <p><b>Vinheta</b> - Fundo preto com a frase em branco: A letra. Enquanto isso toca um trecho da música “vida boa” - Daniel Migliavaca.</p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Sonora – Cristino Wapixana</b></p> <p><b>BG – Música Kaimenal - Cristino Wapixana</b></p> <p><b>Imagens com abre áudio: Imagem, em fusão, de Cristino Wapixana cantando</b></p>	<p>MISTURAR UM POUCO A COISA DO COUNTRY, MUITA GENTE TEM PRECONCEITO, ATÉ MESMO A GENTE TEM UM POUCO, MAS É UM RITMO ALEGRE COMO O RASTAPÉ NOSSO.E ESSE ANO ESSA MÚSICA INSTRUMENTAL.</p> <p>NÓS TEMOS AS PESSOAS TÉCNICAS, QUE ANALISAM A CANÇÃO SOB O PONTO DE VISTA TÉCNICO, E OUTRAS, PELO GOSTO DA MÚSICA, PELA QUALIDADE DA POESIA, ENTÃO SÃO COISAS QUE SÃO LEVADAS EM CONSIDERAÇÃO E QUE, EVIDENTEMENTE A PAR DA DIVERSIDADE, VEM A QUESTÃO DA REGIONALIDADE, O RITMO DAQUELA CANÇÃO, QUE É UM RITMO COMPLETAMENTE DIFERENTE DAQUELE QUE NORMALMENTE AQUI É CONHECIDO, E EU ACHO QUE O FESTIVAL, ELE É PRÓDIGO EM EXEMPLOS DISSO NÉ.</p>
---	--



<p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora – João de Lima</b></p> <p><b>Insert de imagem com abre áudio – João de Lima cantando um trecho da música.</b></p> <p><b>Fusão</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Madan – São Paulo</b></p>	<p>NESSA MÚSICA QUE A GENTE APRESENTOU NO FEMUCIC, NÉ, ELA SE CHAMA MALI ÁFRICA, FOI UM DOCUMENTÁRIO QUE A GENTE ASSISTIU QUE SE TRATAVA DESSE PAÍS, E DE QUATRO TRIBOS E DE ALGUNS CHEFES DE TRIBOS, QUE DEIXARAM, QUE ABRIRAM MÃO, QUE RENUNCIARAM DE FICAR NA TRIBO COM SEUS FAMILIARES, ENTÃO ESSES REIS, ELES SAEM DE MALI E VÃO SER GARIS EM PARIS. ENTÃO ELES VÃO LÁ PRA TRABALHAR, MAS VESTEM AQUELES TURBANTE, AQUELA ROUPA BONITA, AQUELA ROUPA AFRO. ENTÃO AQUILO ME FEZ LEMBRAR MUITO DE CRISTO, NÉ. DA HUMILDADE DE CRISTO DE DEIXAR TODA A GLÓRIA, TUDO QUE ELE TINHA LÁ COM DEUS NA ETERNIDADE E VIM ASSUMIR FORMA HUMANA. VIM PRA SERVIR, SEMPRE SERVINDO, ENTÃO ISSO ME CHAMOU MUITO A ATENÇÃO, FIQUEI MUITO TOCADO POR ISSO, PEGUEI A VIOLA E COMECEI A PONTIAR, DEPOIS O LEONARDO COMPLETOU A OBRA E AI A GENTE MANDOU PRO FEMUCIC E</p>
--	---

<p><b>BG - “Saussussauá” - Madan</b></p> <p><b>Fusão</b></p> <p><b>Imagem com abre áudio: Apresentação de palco. Madan cantando Saussussauá. Fusão</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Rachel Coelho - Jornalista</b></p>	<p>ESTAMOS AI GRAÇAS A DEUS.</p> <p>AH, EU REPRESENTO MUITA COISA, EU REPRESENTO, POR EXEMPLO, O QUE MAIS, A DOR QUE ME AFLINGE, É A SAUDADE. SAUDADE DE TUDO, DO MEU TEMPO DE CRIANÇA, SAUDADE ATÉ DE UM SOFRIMENTO, AS VEZES A GENTE TIRA PROVEITO.</p> <p>O POEMA É DA OLGA SALVARERA ELA É DE BELÉM DO PARÁ. NASCEU NO BELÉM DO PARÁ. FOI CRIADA LÁ E FOI PRO RIO DE JANEIRO E MORA NO RIO DE JANEIRO ATÉ HOJE. ENTÃO ELA TEM TODO UM LANCE D BELÉM DO PARÁ, AMAZÔNIA, TEM UM ESTUDO TAMBÉM DA LINGUA TUPI, TEM OUTRA MÚSICA QUE CHAMA MIRAUIU, QUE QUER DIZER GENTE DE FLECHA ÍNDIO. EU MUSIQUEI TAMBÉM AS PESSOAS GOSTAM. ELA FALA ALGUMAS PALAVRAS EM TUPI, ENTÃO ELA TEM ESSE ESTUDO E FAZ POEMAS COM ESSAS PALAVRAS EM TUPI SAISSUSSAUÁ É UMA, SIGNIFICA AMOR, ELA COLOCOU AMOR, AMADO, NÉ. ENTÃO É UMA CANÇÃO</p>
--	---

<p><b>Fade out</b></p> <p><b>Vinheta:</b> Fundo preto com a frase em branco: Estilo Musical. Enquanto isso toca um trecho da música “vida boa” - Daniel Migliavaca.</p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Sonora – Ricardo Denchuski</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora – Paulo Contessoto</b></p>	<p>DE AMOR.</p> <p>É IMPORTANTE PARA OS MÚSICOS LOCAIS TEREM CONTATO COM ESSA DIVERSIDADE MUSICAL. O PESSOAL QUE VEM DO NORDESTE, DO NORTE DO PAÍS, TRAZENDO RITMOS QUE AQUI A GENTE CONHECE MUITO POUCO. QUE A GENTE NÃO CONSEGUE OUVIR DE OUTRA FORMA PORQUE NÃO TOCA NA RÁDIO, NÃO TEM SHOWS NOS BARES NAS CASAS NOTURNAS, NÉ. EU ACHO QUE ISSO É MUITO LEGAL, QUE EXISTA ESSA TROCA, ESSE INTERCÂMBIO MUSICAL, QUE A GENTE POSSA CONHECER UM POUCO DO QUE É FEITO NO BRASIL.</p>
---	--

<p><b>Sonora – Tercílio Men</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora – Geraldo Junior</b></p> <p><b>Fade out</b></p> <p><b>Vinheta:</b> Fundo preto com a frase em branco: Influências. Enquanto isso toca um trecho da música “vida boa” - Daniel Migliavaca.</p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Créditos: João de Lima - Alagoas</b></p> <p><b>Insert de imagem em fusão: Trecho do ensaio de João de Lima no teatro Calil Haddad.</b></p>	<p>NÓS AMAMOS MÚSICA EM GERAL, HOJE DEVIDO AO PROJETO QUE A GENTE TEM JUNTO, A ORQUESTRA PARANAENSE DE VIOLA CAIPIRA, LÁ DE CASCAVEL, MAIS A VIOLA DE ARAME A GENTE TEM TOCADO MUITO MÚSICA CAIPIRA. MAS ESSE PROJETO MEU COM O LEONARDO, É UM PROJETO DE MÚSICA INSTRUMENTAL.</p> <p>SERTANEJO É O CAIPIRA ANTIGO, NÉ, ANTIGAMENTE NÃO FALAVA SERTANEJO, NÉ. FALAVA 'NOIS VAI VER OS CAIPIRA AI'. HOJE É SERTANEJO, NÉ. A MÚSICA RAIZ, TEM UM PESSOAL QUE FALA, NÉ.</p> <p>MODAS CAMPEIRAS.</p> <p>EU FALO QUE A GENTE FAZ MÚSICA CARIRI. USANDO ESSA IDENTIDADE DO TRABALHO QUE É MAIS ABRANGENTE. MAS PARTE TUDO DESSA IDENTIDADE CULTURAL NOSSA.</p>
--	--

<p><b>Insert de imagem com abre áudio: Trecho, em fusão, da música “Pra cantar as belezas do Sertão”</b></p> <p><b>Fusão</b></p> <p><b>Sonora – João de Lima</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Madan – São Paulo</b></p> <p><b>BG - “Valsa do desespero” - Madan</b></p> <p><b>Efeito Cross Zoom</b></p> <p><b>Imagem com abre áudio: Madan cantando um dos poemas de Valdo Albuquerque.</b> <b>Corte seco</b></p>	<p>O REPENTE ERA PORQUE O MEU PAI ERA LAVRADOR E TAMBÉM TOCAVA VIOLA MUITO BEM, E CANTAVA REPENTE. NO FINAL DE SEMANA SEMPRE TINHA CANTADORES EM TODAS AS CASAS DE FAZENDEIROS EM ALAGOAS, DOS AGRICULTORES, OS SENHORES DO ENGENHO. SEMPRE TINHA MUITAS DUPLAS, E EU CRESCI VENDO E ASSISTINDO BASTANTE AQUELAS CANTORIAS NA ZONA RURAL. E AS DIVERSÕES ERA ISSO, CANTORIA DE CANTADOR, VIOLEIRO, REPENTISTA, FINAL DE SEMANA, ERA FESTINHA DE, DE, ZABUMBA QUE CHAMA BANDA DE PIFE OU BANDA DE PÍFANO, É, TERNO DE ZABUMBA.</p> <p>E ERA BONITO E SEMPRE TINHA CANTADORES COM VIOLA, TOCANDO REPENTE, CANTANDO DESAFIO. AI EU ACHAVA BONITO E E DEDIQUEI MUITO A ISSO E FAÇO</p>
--	--

**Sonora**  
**Crédito: Cristino Wapixana - Roraima**

COM MUITO PERFEIÇÃO, GRAÇAS A DEUS.

FOI EM 1980, EM UM FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR EM JALES, INTERIOR DE SÃO PAULO, E O FRANCISCO VALDO ALBUQUERQUE, QUE É UM PARAIBANO POETA, UM PARAIBANO QUE MORA EM JALES HÁ MUITO TEMPO, NÉ. ME DEU DE PRESENTE O PRIMEIRO LIVRO DE POESIA DELE. O "CANTO SEMENTAL LIVRE". E AI COMECEI A MUSICAR OS POEMAS DO VALDO. O PRIMEIRO LIVRO DELE.

A MÚSICA, ELA TEM UM PAPEL IMPORTANTE ANTES DA, DO NASCIMENTO. O 'MARULAN', É O RESPONSÁVEL PELA PARTE ESPIRITUAL E, ESPIRITUAL NÃO RELIGIOSA MAS RITUALISTICA E TAMBÉM QUE ENVOLVE A MÚSICA, É, DESDE O ÍNICIO ASSIM. QUANDO A MÃE ESTA GRÁVIDA, A CRIANÇA COMEÇA A OUVIR OS SONS DA,

<p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Geraldo Junior - Ceará</b></p>	<p>QUE ELA CANTA, OS SONS QUE O PAJÉ ENSINA ELA A CANTAR, O PAI TAMBÉM APRENDE, PRA QUE A CRIANÇA COMECE A SE ACOSTUMAR COM ESSE MUNDO. OS CANTOS, NORMALMENTE, É, QUE SÃO ENSINADOS PARA AS MÃES CANTAREM PARA AS CRIANÇAS QUE VOCÊS DIZEM QUE É PRA DORMIR AQUI, PRA GENTE, É OS CANTOS QUE FALAM, CONVIDAM OS PASSARINHOS PEQUENOS, OS FILHOTES DE ANIMAIS, PRA VIM CONVERSAR COM ESSA CRIANÇA E MOSTRAR ESSE NOVO MUNDO PRA ELA. AI OS ESPIRITOS DESSES ANIMAIS VEM COM ELA, CONVERSAR COM O ESPÍRITO DELA, AI ELA SE ACALMA, POR ISSO ELA DORME, QUANDO ADOECE, TEM QUE CANTAR. TÁ ALEGRE, TEM QUE CANTAR, ENTÃO A MÚSICA PERMANECE ATÉ A VELHICE, OU NAS FAZER DIFERENTES DA VIDA, ELA É MUITO IMPORTANTE.</p>
<p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Paulo Contessoto - Maringá</b></p> <p><b>BG- “ Lua dos namorados” - José Contessoto</b></p>	<p>MAS É MAIS UM DISCO DE RAIZ, DESSA NOSSA VIVÊNCIA COM REISADO QUE É UMA DANÇA, UM</p>

<p><b>Flah Frame branco - Tempo: 19'16"</b></p> <p><b>Imagem com abre áudio: Paulino, Zequinha e Tercílio Men cantando um trecho da música "Lua dos namorados" depois da entrevista. Flash frame branco – Tempo: 19'34"</b></p> <p><b>Sonora – Paulo Contessoto</b></p> <p><b>Flash frame branco – Tempo: 19'44"</b></p> <p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Tercílio Men - Maringá</b></p> <p><b>Fade out</b></p> <p><b>Vinheta:</b> Fundo preto com a frase em branco: Mudanças. Enquanto isso toca um trecho da música "vida boa" - Daniel Migliavaca.</p>	<p>FOLGUEDO, QUE EXISTE UMA GRANDE DIVERSIDADE DE RITMOS MAS TAMBÉM DE BANDA DE PÍFANO, QUE A GENTE CHAMA LÁ NO CEARÁ DE BANDA CABAÇAL, MANERO PAU DE CIRANDA, DE COCO, PASTORIL, ESSA HISTÓRIA TODA. LAPINHA, QUE SÃO FOLGUEDOS, SÃO BRINCADEIRAS QUE TEM NA NOSSA REGIÃO. NA VERDADE É MÚSICA CARIRI, MAS QUE TEM OUTRAS INFLUÊNCIAS INEVITAVELMENTE. E A GENTE SE INFLUENCIAVA POR TUDO.</p> <p>ISSO AI A GENTE DESDE CRIANÇA, JÁ NO ESTADO DE SÃO PAULO, A GENTE CANTAVA E SERENATA, CANTAVA MUITO NAQUELAS FESTINHAS DE IGREJA QUE TINHA ALTO FALANTES, NÉ. ENTÃO TINHA UMA BARRAQUINHA, UM ALTO FALANTE ONDE SE OFERECIA MÚSICA PARA AS MOÇAS, ENTÃO NÓS ERA CHAMADO PRA CANTAR</p>
--	---



<p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Antônio Vieira – Direto</b> <b>executivo do SESC</b></p> <p><b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora – Ricardo Denchuski</b> <b>Corte seco</b></p> <p><b>Sonora – Antônio Vieira</b></p> <p><b>Corte seco</b></p>	<p>HOJE ESSAS DUPLAS NOVAS AI, ELES FALAM SERTANEJO ROMÂNTICO, EU NUNCA OUVI NA NOSSA ÉPOCA O SERTANEJO ROMÂNTICO É SEMPRE O CAIPIRÃO MESMO, NÉ. A MODA CAIPIRA COMO A TURMA DIZ, NÉ.</p> <p>O NOSSO ESTILO É O SERTÃO, AGORA HOJE A MÚSICA SERTANEJA SE POPULARIZOU, ESSA É A VERDADE.</p> <p>ATÉ ME ENVOLVER COM MAIS PROFUNDIDADE NO FESTIVAL EU NÃO TINHA CONCEITOS CLAROS SOBRE O QUE É A BOA MÚSICA, SOBRE A MÚSICA DE QUALIDADE.</p> <p>ESSE AMOR QUE A GENTE TEM</p>
--	--

<p><b>Sonora – Paulo Contessoto</b></p> <p><b>BG – música “Toca sanfona danada” - José Contessoto</b></p> <p><b>Flash frame branco –Tempo: 22'04”</b></p>	<p>PELO FEMUCIC, E ACHO QUE TODOS OS MÚSICOS VÃO DEMONSTRAR ISSO, É JUSTAMENTE POR ISSO. É COMO SE FOSSE O NOSSO ALVO, ESTAR NUM FESTIVAL, ONDE A GENTE MOSTRA A MÚSICA.</p>
<p><b>Sonora – Tercílio Men</b></p> <p><b>Flash frame branco – Tempo: 22'17”</b>  <b>Imagem com abre áudio: Trio tocando um trecho da música “Toca Sanfona danada”.</b></p> <p><b>Flash frame branco- Tempo: 22'40”</b></p>	<p>EU DIRIA PRA VOCÊ QUE O FEMUCIC FOI UM GRANDE DICIONÁRIO NÉ, QUE ME PROVOCOU A LEITURA DE MUITAS COISAS SOBRE MÚSICA BRASILEIRA E QUE HOJE, NÃO ME CONSIDERO EXPERTE NÃO, TEM MUITA COISA PRA APRENDER, MAS EU DIRIA QUE EU MUDEI PROFUNDAMENTE OS MEUS CONCEITOS, PASSEI A FAZER NOVAS DESCOBERTAS, VALORIZAR MUITAS COISAS QUE EU NÃO VALORIZAVA E VICE-VERSA.</p>
<p><b>Sonora – Tercílio Men</b></p> <p><b>Corte seco</b></p>	<p>O FEMUCIC PRA MIM É UM GRANDE FESTIVAL, INCENTIVA, NÓS TIVEMOS SORTE DE SER CLASSIFICADO DIVERSAS VEZES, PARECE QUE OITO VEZES.</p>

<p><b>Sonora</b> <b>Crédito: Geraldo e Junior - Ceará</b></p> <p><b>Imagem com abre áudio: Imagem em fusão de Geraldo Junior cantando a música Menestrel do Mundo no palco do Femucic 2009.</b></p> <p><b>Fade out</b></p> <p><b>Fade in</b></p> <p><b>Clipe final: Imagens da música de abertura do Femucic 2009 intercalada com imagens de outras apresentações. Colocamos a ficha técnica do documentário sobre as imagens do clipe. Os créditos aparecem e desaparecem em fusão. Depois da ficha, entram os nomes de todos os músicos que participaram do Femucic 2009 com indicação das suas cidades de origem.</b></p>	<p>É IMPORTANTE TAMBÉM ACRESCENTAR QUE O FEMUCIC, ELE NÃO PEGA SOMENTE MARINGÁ E REGIÃO, ELE PEGA O PAÍS TODO, NÉ. VEM GENTE LÁ DO NORDESTE, DO RIO GRANDE DO SUL, DE TODO LADO, NÉ, ISSO É IMPORTANTE .</p> <p>O NOSSO ESTILO, MODESTO SIMPLES, SERTANEJO, VAI NOS CDS LÁ PRO NORDESTE, PRO RIO GRANDE DO SUL. NÓS OUVIMOS ELES PELO CD E ELES TAMBÉM OUVEM NÓS ATRAVÉS DO CD, NÉ. ISSO É MUITO IMPORTANTE, QUER DIZER, É UMA MISTURA DE GÊNEROS NO PAÍS TODO.</p> <p>A GENTE TA MUITO FELIZ EM PODER RETORNAR A CIDADE, REVER OS AMIGOS E MOSTRA UM POUCO DA NOSSA CULTURA LA DO CEARÁ, DO CARIRÍ NÉ, DENTRO DE UNIVERSO TODO DA MÚSICA</p>
--	---

	BRASILEIRA QUE É PRESENTE AQUI NO FEMUCIC.
--	---

## **APÊNDICE B - ENTREVISTAS**

**Geraldo Ramos Freire Junior – cantor**

**27:46 – PERGUNTA** – DIGA SEU NOME E O LUGAR DE ONDE VEIO.

**27:48 – RESPOSTA** - GERALDO RAMOS FREIRE JUNIOR –MEU NOME ARTÍSTICO GERALDO JUNIOR, SÓ. EU SOU DO CEÁRA DA REGIÃO DO CARIRI.

**28:00 – PERGUNTA** – COMO VOCÊ DEFINE SEU ESTILO DE MÚSICA?

**28:03 – RESPOSTA** – COMO HOJE TEM MUITA COISA MISTURADA NO MERCADO ASSIM, NÉ. PRODUTOS QUE VENDEM, ASSIM COMO O SERTANEJO, COMO O FORRÓ, COMO O SAMBA MESMO, MAS SENDO UM OUTRO PRODUTO, É DIFÍCIL, MAS EU FALO QUE A GENTE FAZ MÚSICA CARIRI. USANDO ESSA IDENTIDADE DO TRABALHO QUE É MAIS ABRANGENTE, MAS PARTE TUDO DESSA IDENTIDADE CULTURAL NOSSA.

**28:32 – PERGUNTA** – PARA MIM SEU ESTILO É FORRÓ. VOCÊ DE ONDE SURTIU DE ONDE VEIO ESSE RITMO, QUAL A INFLUÊNCIA QUE TEVE?

**28:44 – RESPOSTA** – POIS É, PODE-SE CARACTERIZAR COMO UM FORRÓ SIM, PORQUE ESSES RITMOS TODOS ESTÃO EM VÁRIOS FOLGUEDOS, NÉ. UMA PESSOA COMO O LUIS GONZAGA, POR EXEMPLO, QUE FOI UMA PESSOA QUE TROUXE UMA FORMAÇÃO CLÁSSICA PARA OS GRUPOS DE FORRÓ TRADICIONAL. ELE BEBIA DESSAS FONTES QUE A GENTE TAMBÉM TÁ LÁ, PRÓXIMO. O BRINCO REISADO E O REISADO TRAZ TODAS ESSA INFORMAÇÃO, ESSES RITMOS, O JEITO DE DANÇAR PARA CADA RITMO, CADA TIPO DE MELODIA, TIPO DE PEÇA, QUE É A COMPOSIÇÃO QUE ELES CHAMAM MUSICAL. ACHO QUE ELE É UM POUCO MAIS PROFUNDO, VAMOS

DIZER ASSIM, PASSA PELO FORRÓ TAMBÉM. O DISCO ACABOU POR TER MUITA SANFONA, PRINCIPALMENTE ZABUMBA. AS PESSOAS VENDEM COMO FORRÓ E A GENTE USA UM POUCO DISSE ESTRATÉGICAMENTE, MAS É MAIS UM DISCO DE RAIZ, DESSA NOSSA VIVÊNCIA COM REISADO QUE É UMA DANÇA, UM FOLGUEDO, QUE EXISTE UMA GRANDE DIVERSIDADE DE RITMOS MAS TAMBÉM DE BANDA DE PÍFANO, QUE A GENTE CHAMA LÁ NO CEARÁ DE BANDA CABAÇAL, MANERO PAU DE CIRANDA, DE COCO, PASTORIL, ESSA HISTÓRIA TODA. LAPINHA, QUE SÃO FOLGUEDOS, SÃO BRINCADEIRAS QUE TEM NA NOSSA REGIÃO.

**29:57 – PERGUNTA –** ENTÃO PODE-SE DIZER QUE A SUA MÚSICA É ALTAMENTE INFLUENCIADA PELO CARIRI?

**30:01 – RESPOSTA –** É, COM CERTEZA. EU TAMBÉM VOU ALÉM, EU DIGO QUE, NA VERDADE É MÚSICA DO CARIRI, MAS QUE TEM OUTRAS INFLUÊNCIAS INEVITAVELMENTE. A GENTE ESCUTA DE TUDO, ASSIM, NÃO TEMOS A MENOR DISCRIMINAÇÃO COM A MÚSICA. E EU GOSTO MUITO POR EXEMPLO, BEATLES, ESSAS COISAS, ESSES GRUPOS CLÁSSICOS, MAS A GENTE, INCLUSIVE A GENTE SEMPRE ESCUTOU ISSO. DESDE MUITO JOVEM, O PESSOAL QUE A GENTE TRABALHA JUNTO, A GENTE JÁ SE CONHECE há BASTANTE TEMPO, DESDE O GINÁSIO, ESCUTAVA TUDO E NÃO VIA UMA DIFERENÇA ENTRE LUIZ GONZAGA, ESCUTAR UM ALCIR VALENÇA, AO MESMO O TEMPO QUE UM PINK FLOID. ACHO QUE A MÚSICA BOA TA POR AI. E A GENTE SE INFLUENCIAVA POR TUDO. MAS SEMPRE VIA REISADO BRINCANDO, TAVA LÁ UM MESTRE DE UMA BANDA CABAÇAL TOCANDO. A GENTE TAVA SEMPRE MUITO PERTO DE TUDO.

**30:54 – PEGUNTA –** O QUE LEVOU VOCÊ A ESCOLHER ESSE TIPO DE RITMO PRA TRABALHAR, PRA CANTAR?

**31:02 – RESPOSTA –** ACHO QUE A IDENTIFICAÇÃO, NÉ. POR QUE QUANDO A GENTE COMEÇOU A TOCAR, A GENTE BRINCAVA, NÉ. E AI FAZIA COVER DE

UM MONTE DE COISA ASSIM. TOCAVA..A PRIMEIRA BANDA QUE EU TIVE ERA DE ROCK AND ROLL POR SINAL. MAS LOGO DEPOIS DISSO, A GENTE TOCAVA TAMBÉM, GILBERTO GIL, ALCIR VALENÇA, LUIZ GONZAGA, NAÇÃO ZUMBI, MESTRE DE AMBRÓSIO E COMEÇOU A DAR UM CARA DIFERENTE PARA ESSAS COISAS. QUANDO A GENTE VIU JÁ ESTAVA COMPONDO E USANDO ELEMENTOS LÁ DA REGIÃO. TAVA MUITO PRÓXIMO DISSO. A GENTE SEMPRE GOSTOU, E ACHO QUE O DIFERENCIAL, PRO ARTISTA, É ELE SE DESCOBRIR, ASSIM, COM IDENTIDADE. AI PASSA, ALÉM DE UMA CULTURA POPULAR QUE EXISTE NA SUA CIDADE, QUE ISSO É SEMPRE PECULIAR DO LUGAR DE ONDE VOCÊ VEM, NÉ. POR MAIS QUE EXISTE, POR EXEMPLO, O FORRÓ EM TODO NORDESTE, EM TODO BRASIL HOJE, MAS SEMPRE TEM SOTAQUE DIFERENTE DE UM LUGAR PARA O OUTRO, DE UMA REGIÃO PARA OUTRA. E A GENTE TINHA ESSE CONHECIMENTO TODO E NATURALMENTE COMEÇAMOS A USAR. A GENTE NÃO PENSOU NUMA FÓRMULA PRA PODER, AH, VAMOS FAZER ASSIM, ASSADO QUE VAI DAR CERTO. NATURALMENTE, A GENTE, A BANDA USAVA GUITARRA E AO MESMO TEMPO UMA SANFONA, UM PÍFANO, UMA ZABUMBA. QUANDO A GENTE COMEÇOU A COMPOR, ESSAS COISAS VINHAM E A GENTE FOI COMPONDO E USANDO OS INSTRUMENTOS QUE A GENTE TINHA ALI. MAS, É.., PERCEBENDO, É CLARO, QUE ESSA COISA QUE A GENTE TINHA, DO QUE ERA NOSSO, ERA UM DIFERENCIAL. A GENTE TINHA ESSA PREOCUPAÇÃO DE SER UMA BANDA REGIONAL, EM PRIMEIRO LUGAR, TER ESSA ESSENCIA, ESSA IDENTIDADE E DEIXAR QUE AS OUTRAS INFLUÊNCIAS VIESSE COMO, VIESSEM PRA SOMAR E NÃO INVERTER. EM VEZ DE SER UM GRUPO DE ROCK AND ROLL, POR EXEMPLO, QUE TIVESSE A SUA IDENTIDADE COMO ALGO QUE ESTIVESSE EM SEGUNDO PLANO.

**32:59 – PERGUNTA –** AS INFLUÊNCIAS FORAM SURGINDO ASSIM, DA ÉPOCA QUE VOCÊS ERAM MULEQUES?

**33:04 – RESPOSTA –** É, CLARO, CLARO. E DAÍ PRINCIPALMENTE NA SITUAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA, NÉ. O JUAZEIRO É UMA CIDADE DO SERTÃO, DO INTERIOR, REGIÃO DO CARIRI, JUAZEIRO DO NORTE, CRATO. MAS JÁ É

UM CENTRO URBANO. MAS A GENTE SOFRIA INFLUÊNCIAS COMO QUALQUER JOVEM AI, URBANO, DAS COISAS EXTERNAS, NÉ, DO ROCK AND ROLL, DA MÚSICA DE MERCADO, MAS A GENTE NÃO TINHA PRECONCEITO NÃO. ESCUTAVA DE TUDO, AO MESMO TEMPO QUE TAVA ALI, CURTINDO A GALERA, IA SAIR PRA TOMAR UMA, AQUELA HISTÓRIA TODA DA ESCOLA, FUGIA DA AULA PRA TOCAR VIOLÃO. AI SAIA DE TUDO NO REPERTÓRIO DA GENTE.

**33:42 – PERGUNTA –** DA ÉPOCA QUE VOCÊ MORAVA NO CARIRI E AGORA QUE VOCÊ ESTÁ NO RIO DE JANEIRO, O QUE MUDOU NA SUA MÚSICA? TEVE ALGUMA INFLUÊNCIA?

**33:53 – REPOSTA –** OLHA, DESDE QUANDO A GENTE COMEÇOU A VIAJAR A TRABALHO, JÁ TEM UNS DOZE TREZE ANOS JÁ. E SEMPRE VEIO UM CRESCIMENTO MUITO GRANDE DE PODER TER UMA OUTRA VISÃO DAS SUAS PRÓPRIAS IDÉIAS, DO QUE VOCÊ TEM COMO MÚSICA, O QUE PENSA SOBRE A VIDA. NA SITUAÇÃO DE VIAJAR, DE PASSAR MAIS TEMPO FORA, ESSA FOI A PRIMEIRA, PORQUE, ASSIM, A GENTE JÁ TINHA PASSADO UM MÊS, UM MÊS E MEIO E EU DECIDI DAR UM TEMPO MESMO, PRA ESTUDAR E FAZER INTERCÂMBIO. E A GENTE, NA VERDADE IA PRA SÃO PAULO E, MAS AI, COMO SURGIRAM SITUAÇÕES NO RIO, A GENTE FICOU POR LÁ. MAS É DO LADO E A GENTE PODE DIZER QUE TA NO SUDESTE. A IDÉIA É PODER CIRCULAR. O RIO DE JANEIRO SE PARECE MUITO COM A NOSSA REALIDADE. AS PESSOAS, O CLIMA. A GENTE AS VEZES NEM SE SENTE FORA DE CASA. É CLARO QUE A GENTE SENTE MUITA SAUDADE DA REGIÃO PORQUE A GENTE TEM UMA LIGAÇÃO MUITO FORTE COM TUDO, ASSIM, COM O LUGAR MESMO EM SI, COM A NATUREZA, COM OS FOLGUEDOS QUE FALEI PRA TI. MAS AI, LÁ NO RIO, A GENTE TA TENDO INFLUÊNCIAS COM OUTRA COISAS. A GENTE JÁ ESCUTAVA MUITO, ASSIM, SAMBA. MAS A GENTE TA VIVENCIANDO ISSO AGORA. É ALGO MUITO IMPORTANTE. TEM GENTE FAZENDO OFICINA DE MÚSICA, OUTROS ESTÃO FAZENDO FACULDADE. INCLUSIVE TEM DOIS GAÚCHOS NA BANDA E UM BAIANO. FORA OS QUATRO CEARENSES. NÓS

SOMOS SETE. E AI TODO MUNDO TROCA ESSE CONHECIMENTO QUE VAI ADQUIRINDO. POR EXEMPLO, EU FIZ UMA OFICINA DE FÉRIAS E O RENÊ FEZ UMA PERMANENTE COM O ITIBERÊ, QUE É..... PRA GENTE, ASSIM, ELE É UM MESTRE, É UM CARA QUE TEM UM CONHECIMENTO DE VIDA E UMA ESCOLA MUITO LEGAL PRA REPASSAR.

**35:33 – PERGUNTA –** E VOCÊ JÁ FEZ PARCERIA COM ALGUM MÚSICO QUE CANTE UM OUTRO ESTILO DE MÚSICA?

**35:40 – RESPOSTA –** EU TENHO SIM ALGUMAS PARCERIAS, MAS PRINCIPALMENTE COM PESSOAS DO CARIRI. AINDA, QUE EU ME LEMBRE AGORA, SÃO PROPOSTAS, ALGUMAS IDÉIAS. MAS NESSA CORRERIA TODA, NÃO PAREI AINDA. MAS TEM UM MONTE DE AMIGO QUE A GENTE TA ANTENADO PARA POSSIVELMENTE COMPOR.

**35:57 - COMENTÁRIO – ALINE -** A RELAÇÃO COM O CARIRI É FORTE AINDA!?

**35:58 – RESPOSTA -** É, É SIM. VERDADE. É DIFÍCIL TA DISTANTE, SABE. A GENTE TA VIAJANDO ASSIM POR UMA SITUAÇÃO DE TRABALHO. NÃO QUE NÃO SEJA BOM NOS OUTROS LUGARES, CLARO, NÉ. MAS PRA MORAR ASSIM É COMPLICADO. SÓ QUE AI, PELO TRABALHO A GENTE FAZ UM ESFORÇO COMO QUALQUER OUTRO PROFISSIONAL TERIA QUE, DE REPENTE, FAZER UM MESTRADO OU UM DOUTORADO FORA, NÉ. AI, É BOM TER ESSE DISTANCIAMENTO AS VEZES. O DISCO FALA MUITO DESSA SITUAÇÃO. DE SE DESLOCAR, DE VIAJAR, DE SAUDADE.

**36:31 – PERGUNTA -** O QUE VOCÊ VISA NO SEU FUTURO, NA SUA CARREIRA ARTÍSTICA, LEVANDO MÚSICA E CONHECIMENTO PRA TANTOS LUGARES. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ISSO, O QUE VOCÊ IAMGINA?

**36:50 – RESPOSTA –** A GENTE TEM SEMPRE MUITO PRA APRENDER, NÉ. A HISTÓRIA É VOCÊ CONHECER PESSOAS, FAZER AMIGOS E IR CONTRUINDO

ESSA TRAJETÓRIA COMO PROFISSIONAL ATÉ. É UM TRABALHO DE FORMIGUINHA. A GENTE TEM UM TRABALHO ALTERNATIVO POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, NÉ. O NOSSO TRABALHO É ALTERNATIVO PORQUE NÃO TA NO EIXO DE INTERESSE DO MERCADO HOJE. MAS COMO NÓS, TEM MUITA GENTE POR AI. E O NOSSO INTERESSE É DIVULGAR CADA VEZ MAIS E CHEGAR A PONTO DE TER UM TRABALHO QUE SE SUSTENTE EM PRIMEIRO PLANO, ASSIM. PORQUE COMO MÚSICO, COMO ARTISTA HOJE, QUE TEM UM TRABALHO MAIS CHAMADO CULTURAL, NÉ, AQUELA COISA QUE ATÉ O GRANDE PÚBLICO AS VEZES TEM UM CERTO “QUE ISSO”, NÉ. MPB, AQUELA COISA DISTANTE, INTELECTUAL. O INTERESSE QUE A GENTE TEM, MESMO TENDO QUE TRABALHAR COM OUTRAS COISAS, DANDO AULA, FAZENDO UMA OFICINA, QUE ISSO É ÓTIMO TAMBÉM, MAS PODER SE SUSTENTAR DISSO ASSIM, SABE, DE UMA FORMA MAIS TRANQUILA. A GENTE NÃO TEM MUITA PRETENSÃO, SABE. NÃO VIZUALIZA MUITO COISA DE TV, ESSAS HISTÓRIAS, NÃO. SIMPLEMENTE É PODER TER OS CONTATOS, NÉ, CRIAR UM NOME PRA PODER FACILITAR ESSA, VIAJAR PELO PAÍS E PELO MUNDO AI, COM O TRABALHO. DIVULGAR O NOSSO TRABALHO E SEMPRE LEVANDO A BANDEIRA, ASSIM, QUE O IMPORTANTE É A DIVERSIDADE. A GENTE DIVULGA A NOSSA CULTURA, MAS NÃO A COLOCA COMO A MAIS IMPORTANTE NÃO. É TÃO IMPORTANTE E TÃO BELA COMO QUALQUER OUTRA. ACHO QUE O LEGAL DE ESTAR VIAJANDO POR AI, É CONHECER OUTRAS PESSOAS, OUTRAS MUSICALIDADES, NÉ. OUTRA PROPOSTAS, OUTROS SENTIMENTOS PRA IR SEMPRE AGREGANDO ESSA TRAJETÓRIA NOSSA, COMO SER HUMANO.

**38:32 – PERGUNTA –** E O FEMUCIC, COMO VOCÊ VÊ O FEMUCIC, JÁ QUE ELE TRAZ ESSA DIVERSIDADE DE RITMOS DO BRASIL INTEIRO. COMO VOCÊ CARACTERIZA O FEMUCIC?

**38:45 – RESPOSTA –** O FEMUCIC É UM FESTIVAL DE GRANDE IMPORTÂNCIA NO CENÁRIO BRASILEIRO HOJE. ELE MOSTRA UM PANORAMA DO QUE VEM ACONTECENDO. MAIS PRÓXIMO DA REALIDADE BRASILEIRA. **(38:57)** - TODOS

ESSES ARTISTAS QUE VEM AQUI, ALGUNS ATÉ COM UMA CERTA TRAJETÓRIA, OUTROS ARTISTAS NOVOS, MAS TODOS COM UMA GRANDE QUALIDADE NO TRABALHO. UMA PREOCUPAÇÃO ESTÉTICA, ARTÍSTICA, NÉ, EDUCACIONAL ATÉ. **(39:09)** - E O FEMUCIC É MARAVILHOSO NESSE SENTIDO. PORQUE A GENTE CONHECE PESSOAS. EU JÁ FUI TOCAR EM OUTROS ESTADOS, EM OUTRA REGIÕES, POR CONTA DE CONTATOS QUE A GENTE FEZ AQUI. MANTEM TAMBÉM AMIZADE PELA INTERNET MESMO. VEZ OU OUTRA SE ENCONTRA NESSE OU OUTROS FESTIVAIS. **(39:27)** - E O FEMUCIC É UMA SITUAÇÃO, E ACHO QUE A CIDADE DE MARINGÁ É MUITO FELIZ NESSE SENTIDO, PORQUE EXISTEM MOSTRAS DE MÚSICAS, E MUITAS DELAS ORGANIZADAS PELO SESC, QUE POR SINAL TEM UM TRABALHO MUITO LEGAL NO BRASIL TODO. **(39:45)** - E O FEMUCIC TA AI, COMO UMA MOSTRA DESSAS QUE A GENTE VEM VISITANDO NUM LUGAR MUITO ESPECIAL, PORQUE ELA CONGREGA, MAIS OU MENOS, TODOS OS FESTIVAIS LOCAIS. **(39:59)** - QUANDO VOCÊ NÃO É INDICADO PELO REGIONAL DO SEU ESTADO, NÉ, DO SESC, VOCÊ MANDA O MATERIAL, OU GANHA O FESTIVAL LOCAL E VEM PRA CÁ. AI ELE APRESENTA PRO PÚBLICO DE MARINGÁ E PRA GENTE QUE TAMBÉM VEM PARTICIPAR DESSA MUSICALIDADE QUE TA AÍ, FORA DO GRANDE EIXO DA COMUNICAÇÃO E QUE INFELIZMENTE HOJE NAS TVS E RÁDIOS É PRATICAMENTE TODA COMPRADA. E POR ISSO ESSA DISTÂNCIA DESSE BRASIL REAL COM ESSA COISA IMPOSTA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.

**40:35 – PERGUNTA –** QUANDO VOCÊ SE INSCREVEU PELA PRIMEIRA VEZ NO FEMUCIC, COMO VOCÊ FICOU SABENDO DO FESTIVAL?

**40:42 – RESPOSTA –** É... A PRIMEIRA VEZ QUE EU VIM FOI EM 2001 COM O GRUPO QUE EU FAÇO PARTE TAMBÉM QUE É DOUTOR RAIZ. A GENTE VEIO DEPOIS DE GANHAR UM FESTIVAL DE MÚSICA CEARENSE DO SESC E O PRÊMIO ERA VIM A MARINGÁ. E AI FOI UMA SITUAÇÃO PRA GENTE MUITO IMPORTANTE NO TRAJETO DA BANDA E DE CADA UM. **(41:02)** - AS PESSOAS QUE A GENTE CONHECEU, TER SE DESLOCADO ATÉ AQUI, DEPOIS A GENTE

FOI PRA SÃO PAULO, JÁ APROVEITANDO, DEMOS UM TEMPO MORANDO AQUI. AI EU VIM O ANO PASSADO INDICADO PELO SESC CEARÁ. E ESSE ANO EU FIZ A INSCRIÇÃO PELA INTERNET MAS SEM MUITO PRETENSÃO PORQUE A GENTE JÁ TINHA PARTICIPADO O ANO PASSADO.(41:19) - EU NÃO IMAGINEI QUE FOSSE, PORQUE TEM MUITA GENTE NO CENÁRIO AI MANDANDO. FORAM VÁRIAS PROPOSTAS, ACHO QUE MAIS DE 600. E EU FIQUEI, TAMBÉM, BEM FELIZ COM ISSO. FORAM DUAS MÚSICAS APRESENTADAS DO NOSSO DISCO.

(41:41) - NÃO SEI COMO VAI SER VEICULADO MAS PODERIA DIVULGAR QUE O NOSSO DISCO TA A VENDA CONOSCO, NOS SHOWS. É UM DISCO SEM DISTRIBUIDORA, ALTERNATIVO, INDEPENDENTE. VOCÊ COMPRA ATRAVÉS DA INTERNET, ENTRA NO SITE AI, PEGA OS CONTATOS, DEPÓSITO BANCÁRIO E A GENTE ENVIA O CD. OU PODE BAIXAR TODAS AS MÚSICA, TANTO DO MEU TRABALHO, NÉ, GERALDO JUNIOR, QUANTO DO DOUTOR RAIZ. VOCÊ ENTRA NO SITE E TEM UNS LINKS PARA ESSES GRUPOS E OUTROS DA REGIÃO E AMIGOS QUE TEM O TRABALHO TAMBÉM NESSA LINHA. VOCÊ PODE CONHECER MAIS SOBRE O TRABALHO ACOMPANHAR A AGENDA E BAIXAR TODO O NOSSO ALBÚM. [WWW.GERALDOJUNIOR.COM.BR](http://WWW.GERALDOJUNIOR.COM.BR) E TEM TAMBÉM COMUNIDADE NO ORKUT, PERFIL NO ORKUT DA GENTE. QUALQUER INFORMAÇÃO SOBRE O NOSSO TRABALHO OU QUALQUER UM DOS MÚSICOS QUE TOCAM CONOSCO, É SÓ COLOCAR NO GOOGLE E ENCONTRA A GENTE.

**42:36 – PERGUNTA –** O QUE VOCÊ ENTENDE POR CULTURA DO POVO?

**42:49 – RESPOSTA –** OLHA, BEM DELICADO. MAS A MANIFESTAÇÃO CULTURAL, ELA ENGLOBA TUDO QUE É DA ALMA DO SER HUMANO. O PROBLEMA É QUE HOJE, AS PESSOAS JÁ TEM OUTRA REFERÊNCIA.(43:05) - O GRANDE PÚBLICO CADA VEZ MAIS PERDE ESSA IDENTIDADE, ESSA BRASILEIRIDADE, ESSA COISA DO REGIONALISMO, NÉ, DAS CULTURAS BRASILEIRAS. E ISSO NÃO É SÓ AQUI NÃO. (43:17) - ACHO QUE A GENTE JÁ

DEU UMA VIAJADO BOA E ONDE A GENTE SE APRESENTOU, AS PESSOAS SE IDENTIFICAM COM MÚSICA, SE SENTEM TOCADAS, E ISSO DEIXA A GENTE MUITO FELIZ. PORQUE ACHO QUE É O PRINCIPAL. A GENTE SOFRE COM ESSA COISA. FORRÓ POR EXEMPLO, O CEARÁ EXPORTA AS BANDAS DE FORRÓ ELETRONICAS, COMO SÃO CHAMADAS, E, ASSIM, EU SEI QUE TEM UM PÚBLICO QUE GOSTA, MAS É BEM DELICADO COLOCAR PORQUE CHEGOU A UM PONTO DE SER DE MUITO, DENIGRE MUITO A IMAGEM DO SER HUMANO. AS LETRAS E APRESENTAÇÕES CHEGAM A SER PORNOGRÁFICAS, COMO OS FUNKS CARIOCAS TAMBÉM.(43:56) - SÃO RITMOS DANÇANTES E TODA ESSA HISTÓRIA. MAS TA BEM COMPLICADO PORQUE ISSO É DIVULGADO ABERTAMENTE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, INFLUENCIA AS CRIANÇAS, AS EXPÕE A UMA SITUAÇÃO DELICADA E A GENTE SE IMPÕE CONTRA ISSO. (44:11) - NÃO APENAS PORQUE NOSSO TRABAHO TRAZ UMA POÉTICA E AO MESMO TEMPO UMA MÚSICA BOA PRA CURTIR, DANÇAR, MAS, ASSIM, ACHO QUE HOJE É UMA QUESTÃO DE CIDADANIA. SE COLOCAR CONTRA. ACHO QUE TEM QUE TER UM PENSAMENTO,UMA REFLEXÃO, PORQUE A COISA DESENFREADA DESSA MANEIRA É MUITO POBRE, MUITO TRISTE. (44:27) - ALÉM DE NÃO EDUCAR VOCÊ DES-EDUCA AS PESSOAS VEICULANDO DESSA MANEIRA. NÃO OPORTUNIZANDO ATÉ, PORQUE O MERCADO É FECHADO, NÉ. CADA LUGAR DESCOBRIU UM FORMA, NO MERCADO, DESSE PRODUTO, QUE DEU CERTO. E AI TODOS OS OUTROS GRUPO VÃO SE REPRODUZINDO E CADA UM VAI JOGANDO MAIS SUJO PRA PODER CONQUISTAR UM PÚBLICO. (44:52) - E A VISÃO DA MULHER TAMBÉM, SABE, É UM FORMA TAMBÉM DEPRIMENTE. E AS MÚSICAS, AS LETRAS, O SHOW. EU NÃO PASSO NEM A DIZER QUE É BREGA, PORQUE É POUCO, NÉ. MAS REALMENTE É DE MUITO MAL GOSTO. É UMA COISA MUITO TRISTE, ASSIM, DE SE OUVIR.(45:09) - E ASSIM ACONTECE COM O SAMBA, COM O SERTANEJO. O MERCADO CONFUNDI, NÉ. PORQUE DIZ: A DUPLA SERTANEJA. MAIORIA DAS DUPLAS QUE A GENTE VÊ, SÃO TRABALHOS POP, ROMÂNTICOS, NÉ. O PROBLEMA NÃO É O ESTILO QUE O CARA TA APRESENTANDO, A BANDA DE FORRÓ, QUE ISSO É UM FATO, PE UMA REALIDADE, É UMA MANIFESTAÇÃO DO POVO, O FUNK, NÉ. TUDO

BEM. **(45:28)** - MAS, ASSIM, SER VENDIDO COMO PRODUTO BRASILEIRO, SER EXPORTADO, IR PARA OS FESTIVAIS NO EXTERIOR, HOJE, APRESENTADO COMO PRODUTO BRASILEIRO É MAIS DIFÍCIL AINDA. ALÉM DISSO O MERCADO SE FECHA, E NÃO DEIXA, ASSIM, OUTRA PESSOA CHEGAR. **(45:43)** - LÁ NO CEARÁ MESMO, A GENTE TEM UM GRANDE PÚBLICO, MAS LUTANDO COM OUTROS MEIOS, NÉ. INTERNET POR EXEMPLO. PORQUE AS FESTAS POPULARES FORAM TODAS DOMINADAS. E UMA COISA TRISTE TAMBÉM É O PODER PÚBLICO. PORQUE EXISTE O MERCADO PRA ISSO. AI VOCÊ COLOCA, POR EXEMPLO, UMA BANDA COMO A “CALCINHA PRETA” OU “ AVIÕES DO FORRÓ”, EM QUALQUER LUGAR QUE ELES FOREM TOCAR, TEM UM PÚBLICO PRA ISSO. **(46:07)** - AI AS FESTAS POPULARES, QUE ANTES TINHAM ESPAÇO PARA OS ARTISTAS LOCAIS E MANIFESTAÇÕES DE QUALIDADE, OS FOLGUEDOS, OS BRINQUEDOS, NÉ, QUADRILHA, REISADO, BANDA E PÍFANO, HOJE ELES NÃO ESTÃO MAIS NESSE ESPAÇO NÃO. TODOS VIRARAM UM FORMATO DE MICARETA, NÉ. **(46:23)** - AQUELA COISA TODA DE VENDER OS PACOTES, O ABADÁ AQUELA COISA, SEJA DE ROCK AND ROLL, SEJA DE MÚSICA BAIANA OU DE FORRÓ. ISSO É TRISTE TAMBÉM POR ESSE LADO, POR UNIFORMIZAR, NÉ, POR NÃO DAR OPORTUNIDADE DE MOSTRAR A DIVERSIDADE QUE EXISTE EM CADA LUGAR.

**46:45 – PERGUNTA –** QUANDO VOCÊ ESCREVE UMA MÚSICA, QUAL A INFLUÊNCIA QUE VOCÊ CARREGA NA SUA LETRA?

**46:51 – RESPOSTA –** O QUE VENHO VIVENDO, O QUE VENHO SENTINDO. O INTERESSE É DE FALAR DA VIDA, ASSIM. DAS COISAS BOAS E TAMBÉM DAS COISAS TRISTES, RUINS. MAS SEMPRE BUSCANDO UMA FORMA POÉTICA, DE SE COLOCAR NUMA LINGUAGEM MAIS SIMPLES TAMBÉM. CLARO QUE A GENTE PROCURA A ESTÉTICA, UMA FORMA. EU GOSTO DE LER BASTANTE, **(47:16)** - TENHO INFLUÊNCIA PRINCIPALMENTE DESSA LITERATURA DE CORDEL, PLANTA COMO PATATIVA E OUTROS TANTOS. A LITERATURA BRASILEIRA DE FORMA GERAL. EU LEIO DE TUDO. **(47:27)** - MAS

NÃO...O QUE A GENTE QUER, É ATRAVÉS DE, COM ESSE CUIDADO, COM OS SENTIMENTOS, COM O CARINHO E O AMOR, FALAR DAS COISAS DA VIDA. UMA MÚSICA PARA AS PESSOAS DANÇAREM, CURTIREM, MAS ACHO QUE, ENALTEÇA O SER HUMANO, COLOQUE DE UMA BOA FORMA, FAZENDO UMA LOUVAÇÃO AS COISAS BOAS DA VIDA. **(47:53)** - AO MESMO TEMPO, O GRANDE PÚBLICO, AS VEZES, QUE ERA O QUE EU TAVA FALANDO, TEM MEDO DESSA COISA, DA MÚSICA MPB, DA MÚSICA ERUDITA, MAS NÃO É. TEM MUITA COISA BOA QUE TA POR AÍ, SABE. GRUPOS DE COCOS, DE FORRÓ, COISA BOA DE DANÇAR, DE CURTIR E QUE O GRANDE PÚBLICO NÃO TEM ACESSO A ESSA CULTURA, A ESSA OUTRA CULTURA.

**48:15 – PERGUNTA** - O QUE É A CULTURA DO CARIRI PRA VOCÊ?

**48:25 – RESPOSTA** - OLHA, A NOSSA REGIÃO TEM UMA HISTÓRIA BEM PECULIAR, ASSIM. DESDE OS ÍNDIOS, ELA SEMPRE TEVE UMA CERTA MAGIA ENVOLVIDA ALI, UMA MÍSTICA, NÉ. **(48:39)** – PORQUE TA ALI, NO SERTÃO DO NORDESTE, NO MEIO DO SEMI ÁRIDO, ELA SEMPRE É MUITO VERDE PORQUE É UMA CHAPADA, UMA SERRA E TEM MUITA ÁGUA. JÁ EXISTE UMA LOUVAÇÃO AI. NO IMAGINÁRIO, LENDAS QUE TRATAM DESSA HISTÓRIA TODA. **(48:57)** – E QUE FORAM FORTALECIDAS CULTURALMENTE, DEPOIS DO FÊNOMENO PADRE CÍCERO. A REGIÃO SEMPRE FOI UM LUGAR DE PASSAR MUITA GENTE, MUITA GENTE SE INSTALAVA LÁ. DESDE O POVOAMENTO QUE COMEÇOU SUBINDO ALI POR VAQUEIROS, ORIUNDOS DA BAHIA, PROCURANDO TERRAS FÉRTEIS E TODA ESSA HISTÓRIA. **(49:21)** - E COM O PADRE CÍCERO, POR CONTA DA FÉ, AI VINHAM PESSOAS DE TODO BRASIL E PRINCIPALMENTE DAS ALAGOAS, DA PARAÍBA, DO PERNAMBUCO, SERGIPE. E ESSAS PESSOAS VINHAM E TRAZIAM CONSIGO O SEU CONHECIMENTO POPULAR **(49:34)**- AS SUAS DANÇAS, SUA COMIDA, E ELA É MUITO RICA POR CONTA DISSO. A GENTE É BEM FELIZ, BEM ORGULHOSO, E FALA, ASSIM, SEMPRE FAZENDO LOUVAÇÃO, MAS NUNCA COLOCANDO TAMBÉM COMO O MELHOR LUGAR DO MUNDO. É O MELHOR LUGAR DO MUNDO PRA GENTE. NÃO TEM NADA COMO O LUGAR QUE A GENTE NASCEU. **(49:55)** – E ESSA

RELAÇÃO COM OS GRUPOS DE CULTURA POPULAR TRADICIONAL, PRA MIM, E PRA TODO MUNDO DO GRUPO É MUITO ESPECIAL. POR QUE A GENTE TEM BASTANTE RESPEITO, E A BASE DO NOSSO TRABALHO É A NOSSA ESSENCIA POR ISSO QUE A GENTE FAZ SEMPRE REFERENCIA. O BRINCO REISADO, POR EXEMPLO, COM O MESTRE ANTÔNIO, QUE É O REISADO DOS IRMÃOS, MAS EXISTEM VÁRIOS POR LÁ. E A GENTE TRABALHA COM ESSA LINGUAGEM E AS VEZES FAZENDO DA FORMA TRADICIONAL, E AS VEZES TAMBÉM MISTURANDO COM OUTRAS INFLUENCIAS, MAS SEMPRE COLOCANDO OS CRÉDITOS, FALANDO, OH ESSA BRINCADEIRA AI ACONTECE DESSA FORMA, NESSE LOCAL, APRENDI ISSO COM ESSE MESTRE. TEM MUITA GENTE TAMBÉM QUE INFELIZMENTE NÃO TEM ESSA PREOCUPAÇÃO. **(50:38)** – MAS PRA GENTE O CARIRI É UM LUGAR ESPECIAL, O NOSSO TRABALHO VEM DE LÁ, E A GENTE TA GIRANDO O MUNDO MAS TA SEMPRE PENSANDO EM DAR UMA PASSADA POR LÁ, PELO MENOS PRA CARREGAR AS BATERIAS, PORQUE O NOSSO TRABALHO TEM RELAÇÃO DIRETA COM A REGIÃO. **(50:53)** – QUEM QUISER CONHECER MAIS NA INTERNET TEM MUITA COISA SOBRE, HISTÓRIAS, COMO POR EXEMPLO, O CALDEIRÃO, QUE FOI ALGO PARECIDO COM CANUDOS. UMA COMUNIDADE QUE VIVIA ATRAVÉS DA ORAÇÃO E DO TRABALHO, SABE, PLANTANDO. FOI DESTRUÍDA TAMBÉM. **(51:09)** – E O PRÓPRIO PADRE CÍCERO, A CIDADE DO CRATO, A CIDADE DO NORTE, TEM UMA HISTÓRIA BEM INTERESSANTE PRA SE CONHECER. TEM VÁRIAS MANIFESTAÇÕES POPULARES RICAS. NO NORDESTE EU VEJO COMO UM TODO, ALGUMAS PESSOAS DO SUDESTE...MAS TODO LUGAR TEM UMA HISTÓRIA, TEM UM ESTUDO, POR MAIS NOVA QUE SEJA. TUDO É RELATIVO. **(51:36)** – O NORDESTE SÓ TEM UM POUCO MAIS DE INFORMAÇÃO ASSIM, PORQUE NÃO É METRÓPOLE, NÃO É O CENTRO. E AI, COMO ESSA INFLUENCIA CHEGAVA DE FORMA MAIS TARDIA, E AINDA CHEGA, CONTUDO HOJE TODO MUNDO TEM INTERNET, TV, AI SE MANTEM UM POUCO MAIS DESSA ESSÊNCIA, NÉ, DO BRASIL. **(51:56)** - MAS ONDE VOCÊ QUE É ...VOCÊ CHEGA EM SÃO PAULO MESMO VOCÊ VAI ENCONTRAR DANÇA, BRINCADEIRA, MESTRES DE VIOLA, FANDANGO, TUDO ISSO. E ESSA COISA TODA DO BRASIL É MUITO IMPORTANTE. A GENTE TEM QUE CADA VEZ MAIS

TA ANTENADO NESSAS COISAS, TEM QUE VALORIZAR, CONHECER, SE IDENTIFICAR, NÉ. PORQUE TUDO ISSO É NOSSO, É DO POVO BRASILEIRO.

**47:25 – PERGUNTA** - COMO FOI A EMOÇÃO DE HOJE?

**47:27 – RESPOSTA** - OLHA, DUPLA NÉ, DUAS VEZES E UMA SUPRESA PRA MIM, FIZ O ANO PASSADO E VOLTAR AQUI PRO FEMUCIC ASSIM SABE, QUE É UM, A CIDADE, AS PESSOAS DO SESC, A BANDA, A PRODUÇÃO TODINHA RECEBE SUPER BEM O PÚBLICO NÉ. A GENTE TEM VOLTADO AGORA FOI UMA COISA BEM ESPECIAL. **47:48** A GENTE TA MUITO FELIZ EM PODER RETORNAR A CIDADE, REVER OS AMIGOS E MOSTRA UM POUCO DA NOSSA CULTURA LA DO CEARÁ, DO CARIRÍ NÉ, DENTRO DE UNIVERSO TODO DA MÚSICA BRASILEIRA QUE É PRESENTE AQUI NO FEMUCIC.

**48:05 – PERGUNTA** - EXPLICA PRA GENTE O QUE QUE FOI AQUELA DANCINHA SUA LÁ, ESSE É O SEU JOGO, É O SEU MARKETING PRA ATRAIR O PÚBLICO?

**48:11 – RESPOSTA** - AQUILO LÁ SÃO PASSOS DE REISADO, NA VERDADE EU FIZ MUITO POUCO ATÉ PORQUE EU TAVA ALI COM A FLAUTA E SEM ESTRUTURA. NO SHOW E A GENTE USA UM POUCO MAIS DISSO. O REISADO SÃO VÁRIOS RITMOS QUE, ALGUNS SÃO CONHECIDOS ASSIM NO MEIO DA MÚSICA NORDESTINA, E CADA MÚSICA TEM UM JEITO DE DANÇAR CHAMA O TRUPÉ. **48:30** - AÍ A MARCHA MAIS NAQUELE JEITO QUE EU FIZ ALI. O QUILOMBO, QUE É AQUELE OUTRO TIPO DE MÚSICA QUE TEM DENTRO DA MARCHA NÉ, QUE PARECE MAIS MÚSICA AFRO, TAMBÉM JÁ TEM OUTRO JEITO DE DANÇAR EU FIZ UM POUCO. A GENTE BRINCA NÉ, EU DANÇO, O RAMIRO ACOMPANHOU UM BOM TEMPO LÁ OS MESTRES DO REISADO DOS IRMÃOS, CHAMADO. MEU MESTRE É MESTRE ANTONIO, O MESTRE DA GENTE. **48:49** E ESSAS PESSOAS LÁ QUE A GENTE DEDICA O TRABALHO SEMPRE QUE TEM ESSE CONHECIMENTO DA ESSÊNCIA DA MÚSICA BRASILEIRA.

**ENTREVISTA COM JOÃO DE LIMA**

**01:45 – PERGUNTA** - BOM, VAMOS LÁ, FALA PRA MIM O NOME DO SENHOR COMPLETO E DE ONDE O SENHOR É.

**01:49 – RESPOSTA** - MEU NOME COMPLETO, JOÃO PEREIRA LIMA, ALIÁS, ESSE LIMA ENTRO NA NOSSA FAMÍLIA SEM, SEM, SEM, SEI LÁ, EU NÃO SOU LIMA. EU TENHO O NOME DE LIMA PORQUE O MEU PAI TINHA UM APELIDO, UM CODNOME DE CORREIA LIMA, CORREIA LIMA. QUANDO FOI BATIZAR OS FILHOS, INCLUSIVE EU, AI O TABELIÃO PERGUNTOU EM PORTO REAL DO COLÉGIO: O NOME DO SENHOR? DISSE, DAMÁSIO CORREIA LIMA, AI FICOU COM ESSE NOME DE CORREIA LIMA MEU PAI, É DAMÁSIO CORREIA LIMA, SÓ QUE ELE, DA FAMILIA CALIXTO MACHADO, CALIXTO MACHADO SABE, **02:34** MEUS PRIMOS, MEUS TIOS, NENHUM NASCEU COM ESSE NOME DE LIMA, MAS PEGOU, É, DOCUMENTALMENTE NO REGISTRO DE NASCIMENTO, E TODO FILHO DO MEU PAI TEM O NOME DE LIMA, LIMA, PEREIRA PELA PARTE DA MINHA MÃE. MINHA MÃO ERA PEREIRA, NESTINA PEREIRA, AI, ARTISTICAMENTE EU GOSTO DE ASSINAR JOÃO DE LIMA, JOÃO DE LIMA, QUE É UM NOME MUITO CONHECIDO.

**02:58 – PERGUNTA** - É, O SENHOR É DE ONDE?

**02:59 – RESPOSTA** - EU SOU NATURAL DE PORTO REAL DO COLÉGIO ALAGOAS, EU NASCI E ME CRIEI NO SÍTIO, BOA VISTA, OUVINDO O PASSARINHO CANTAR, E ME CRIEI LÁ CANTANDO PELOS CAMINHOS DA ROÇA, ASSISTINDO CANTADORES, LENDO MUITO LIVRINHOS DE LITERATURA DE CORDEL, **03:14** AQUELAS HISTORINHAS VERDADEIRAS OU LENDÁRIAS. E EU GOSTAVA MUITO DE LER E DECORAR ASSIM COMO NO SUL E SUDESTE DO BRASIL, O POVO LIA MUITO LIA MUITO DA ZONA RURAL E AINDA LÊ A MODINHA SERTANEJA, NÉ. NO NORDESTE, MAS LITERATURA DE CORDEL, SÃO FOLHETINHOS COM DEZ PÁGINAS, DOZE PÁGINAS, OITO PÁGINAS...

**03:38 – PERGUNTA** - E COMO É QUE O SENHOR COMEÇOU A FAZER OS REPENTES?

**03:42 – RESPOSTA** - O REPENTE ERA PORQUE O MEU PAI ERA LAVRADOR E TAMBÉM TOCAVA VIOLA MUITO BEM, E CANTAVA REPENTE, NO FINAL DE SEMANA SEMPRE TINHA CANTADORES EM TODAS AS CASAS DE FAZENDEIROS EM ALAGOAS, DOS AGRICULTORES, OS SENHORES DO ENGENHO. SEMPRE TINHA MUITAS DUPLAS, E EU CRESCI VENDENDO E ASSISTINDO BASTANTE AQUELAS CANTORIAS NA ZONA RURAL. **04:10** - E PRA MIM COMEÇAR HOJE, SE EU FOSSE UMA CRIANÇA, EU NÃO QUERIA MAIS SER UM CANTADOR REPENTISTA COM EU SOU. É, MAS EU NÃO POSSO MAIS DEIXAR, PORQUE EU JÁ, JÁ, ME TORNEI MUITO CONHECIDO E ME DEDIQUEI MUITO A ISSO. PRA MIM COMEÇAR HOJE EU NÃO QUERIA MAIS, ENFRENTAR TANTA DIFICULDADE, MAS EU JÁ ENFRETEI TANTA DIFICULDADE QUE GRAÇAS A DEUS, PRA MIM NADA É DIFÍCIL MAIS, EU SOU FELIZ.

**04:35 – PERGUNTA** - É, QUAL QUE É A, O QUE QUE O SENHOR TENTA REPRESENTAR NA LETRA DAS SUAS MÚSICAS?

**04:41 – RESPOSTA** - AH, EU REPRESENTO MUITA COISA, EU REPRESENTO, AH... POR EXEMPLO, O QUE MAIS, A DOR QUE MAIS ME ATINGE, QUE ME AFLINGE, É A SAUDADE. SAUDADE DE TUDO, DO MEU TEMPO DE CRIANÇA, SAUDADE AH... ATÉ DE UM SOFRIMENTO, AS VEZES A GENTE TIRA PROVEITO, POR EXEMPLO, EU FUGI DE CASA COM DEZESSEIS ANOS DE IDADE, DE ALAGOAS E VIM PRA SÃO PAULO EM UM PAU DE ARARA, PAREI EM PRESIDENTE PRUDENTE NO OESTE PAULISTA, **05:10** - E LÁ FIQUEI NA ZONA RURAL TRABALHANDO PLANTANDO AMENDOIN, ALGODÃO, COM OS FAZENDEIROS E FUI EMBORA PARA O NORDESTE E, E TODO ANO EU VENHO VISITÁ-LOS AI, E QUANDO EU CHEGO, PARECE QUE CHEGOU UM FILHO DA CASA, AQUELA ALEGRIA, AI EU LEMBRO MUITO ASSIM AQUELAS MOÇAS BONITAS, AQUELES BAILES NA ROÇA, TUDO É SAUDADE, É, POR ONDE EU PASSO É, SEMEANDO SAUDADE E CARREGANDO SAUDADE, GRAÇAS A

DEUS.

**05:40 – PERGUNTA** - É, QUANDO O SENHOR ERA CRIANÇA, O SENHOR MORAVA EM ALAGOAS NÉ?! É, COMO QUE ERA A CULTURA DE LÁ? O SENHOR ACHA QUE A CULTURA QUE TINHA LÁ, INFLUENCIOU A SUA MÚSICA?

**05:53 – RESPOSTA** - INFLUENCIOU REALMENTE BASTANTE, TEM MUITA COISA LÁ QUE SE TENTA RESGATAR. NÃO SE RESGATA MAIS SINCERAMENTE PORQUE, POR EXEMPLO, AS TRADIÇÕES CULTURAIS QUE TINHA TANTO EM ALAGOAS, AINDA EXISTE, PORÉM NÃO COMO ANTIGAMENTE, PORQUE, POR EXEMPLO, GUEREIRO, GUEREIRO É UM CLUBE FOLCLÓRICO MUITO BONITO NO NORDESTE, QUE HAVIA BASTANTE, BAHIANAS, QUE CHAMAVA LÁ UM TIPO DE DANÇA TAMBÉM. O PASTORIL AINDA EXISTE NAS CIDADES, MAS NÃO COM TANTO ESTIMULO COMO TINHA ANTIGAMENTE. JÁ A CANTORIA, ESSA QUE A GENTE USA, EU E TANTOS OUTROS, AINDA TEVE UM AVANÇO É CLARO, SUBIU MAIS, PROMOVEU MAIS NAS CIDADES QUE NA ZONA RURAL, PORQUE A MÚSICA TRADUZ DA, DA ROÇA, DO CAMPO, E SE MUDANDO PARA A CIDADE, ONDE TEM RÁDIO, TELEVISÃO, PRA SE APRESENTAR SABE, **06:46** - E... POR EXEMPLO, EU TENHO DOIS RAPAZES QUE NÃO, NÃO, NÃO TEM A TENDÊNCIA PRA CANTAR, É... POR QUE QUANDO EU ERA MENINO, EU, A GENTE NA ZONA RURAL NÃO ASSITIA NEM TELEVISÃO, ERA LUGAR, LUGAR ASSIM CHAMADO ATRASADO NÉ, E... AS DIVERSÕES ERA ISSO, CANTORIA DE CANTADOR, VIOLEIRO, REPENTISTA, FINAL DE SEMANA, ERA FESTINHA DE, DE, ZABUMBA QUE CHAMA BANDA DE PÍFE OU BANDA DE PÍFANO, É, TERNO DE ZABUMBA, E, A MINHA MÃE VENDIA BOTIQUIM, CHAMA BOTIQUIM, NAS MESAS COM GUARANÁ, MUITO REFRIGERANTE, ALIMENTOS, E ERA BONITO E SEMPRE TINHA CANTADORES COM VIOLA, COM VIOLA, TOCANDO REPENTE, CANTANDO DESAFIO, **07:47** - AI EU ACHAVA BONITO E ME DEDIQUEI MUITO A ISSO E FAÇO COM MUITA PERFEIÇÃO GRAÇAS A DEUS. EU TENHO POESIAS EDITADAS EM MUITAS REVISTAS, EM ALMANAQUES, ATÉ ALMANAQUE DO PENSAMENTO, E MUITAS EDITORAS DO RIO DE JANEIRO JÁ FIZERAM MUITOS LIVROS QUE TINHAM A MINHA PARTICIPAÇÃO, COMO A

SHOGUM EDITORA QUE TINHA EM COPACABANA, A EDITORA CARIOCA E AQUELES LIVRINHOS PEQUENINOS DE LITERATURA DE CORDEL EU FAÇO BASTANTE PARA POLÍTICO. SE VOCÊ FOSSE UMA CANDIDATA A PREFEITA OU DEPUTADA DIGAMOS ASSIM, OU GOVERNADORA OU SENADORA DO PARANÁ, AI VOCÊ PODIA ME DAR A SUA HISTÓRIA QUE EU ESCREVA É, VINTE, TRINTA ESTROFES E VOCÊ FARIA O FOLHETIM PARA DISTRIBUIR COM OS ELEITORES E EU ATÉ GRAVAVA ASSIM, TIPO, É NO CD PRA RODAR, DEZENDO A VANTAGEM DO CANDIDATO, EU FAÇO MUITO ASSIM DE ENCOMENDA SABE. **08:48** - EU FAÇO POR DIA, QUASE DIARIMENTE EU MANDO TRINTA, QUARENTA CORRESPONDÊNCIAS PARA JORNALISTAS, É, PESSOAS, E EU MANDO AS MINHAS CORRESPONDÊNCIA TODAS RIMADAS. SE EU TIVER, SE EU QUIZER FAZER UMA SOLICITAÇÃO A AUTORIDADE FAZER UM PEDIDO OU UMA RECOMENDAÇÃO EU MANDO UMA CARTA TODA RIMADA, AI A PESSOA RECEBE LÁ E ACHA ATÉ ENGRAÇADO O MEU MODO DE ESCREVER. OUTRO DIA EU MANDANDO UMA CARTA PARA O SENADOR DE ALAGOAS, RENAN CALHEIROS, É MEU AMIGO, EU IA MANDANDO UM CARTA PRA ELE E EU NÃO USO COMPUTADOR, EU USO MUITO MÁQUINA VELHA, PORQUE, QUANDO EU ERA MENINO EU TINHA MUITA VONTADE DE TER UMA MÁQUINA DE ESCREVER SABE, E ESCREVA COM A CANETA É, CHAMAVA BICO DE PATO. EU NÃO SOU VELHO NÃO, EU SOU NOVO, É QUE LÁ NÃO TINHA NA ÉPOCA, AH, EU DIGO ASSIM, POR EXEMPLO, EU DIZIA ASSIM, POR EXEMPLO, HUM, **09:49** - EU COMEÇEI A ESCREVER COM A MÁQUINA E A MÁQUINA COMEÇOU A PULAR ASSIM A LETRA NÉ, MAS DEIXA ASSIM, EU DISSE, NA CARTA EU DISSE ASSIM: “EU FUI NASCIDO E CRIADO AQUI NO INTERIOR. NO MEU TEMPO DE MENINO NÃO TINHA COMPUTADOR. TINHA VONTADE DE TER UMA MÁQUINA DE ESCREVER EMBORA SEM PROFESSOR. HÁ POUCO TEMPO COMPREI UM COMPUTADOR PRA MEU FILHO MAS NÃO TENHO PACIÊNCIA DE ESPERAR PELO BRILHO. USO A MINHA MÁQUINA VELHA CORRENDO SOBRE MEU TRILHO. **10:17** - AI EU TENHO DOZE MÁQUINAS VELHAS. EU ACHO BONITO O BARULHINHO DA MÁQUINA, NEM ELÉTRICA, MANUAL MESMO SABE. AI EU GOSTO, GOSTO DE VIOLA, TENHO DOZE VIOLAS, É, TENHO DOZE VIOLAS. A MINHA AFINAÇÃO NÃO É CEBOLÃO,

NÃO É RÉ ABAIXO, NÃO É RÉ ACIMA, EU CHAMO AFINAÇÃO JÕAO DE LIMA PORQUE EU AFINO DIFERENTE DE TODO MUNDO, ATÉ OS CANTADORES DO NORDESTE, ELES DISCORDAM DA MINHA AFINAÇÃO, EU ACHO BONITA COM EU AFINO. EU FAÇO O QUE EU GOSTO E NÃO VOU POR ORIENTAÇÃO DE NINGUÉM.

**10:57 – PERGUNTA** - É, O SENHOR ACHA QUE ESSA LITERATURA DE CORDEL QUE SENHOR LIA DESDE PEQUENO, DESDE CRIANÇA, INFLUENCIOU MUITO?

**11:05 – RESPOSTA** - MUITÍSSIMO, POR EXEMPLO, EU LIA PELEJO DE CANTADORES, QUER DIZER, A DISPUTA, O DESAFIO, POR EXEMPLO. TINHA UM LIVRINHO QUE EU LIA MUITO, ERA A PELEJA DE SEVERINO BOGE COM PATATIVA DO NORTE. AI NO FINAL, UM SAIA VITORIOSO NA DISPUTA NÉ, A PELEJO DE JOAQUIM JAQUERA COM JOÃO MELQUIAS E HISTORINHAS DE AMOR COMO.. EU DECOREI A HISTÓRIA DE APOLINÁRIO E CHIQUINHA, A HISTÓRIA DO RAPAZ COM A MOÇA, A HISTÓRIA DE CIDRÃO E HELENA, O RAPAZ POBRE QUE NAMOROU A MOÇA RICA FILHA DE UM BARÃO, UMA LENDA NÉ! MAS TÃO EMOCIONANTE QUE CANTANDO O POVO ATÉ CHORA, PARECE VERDADEIRA MESMO A HISTÓRIA.

**11:47 – PERGUNTA** - O SENHOR SABE COMO É QUE, O REPENTE É MUITO TRADICIONAL LÁ EM ALAGOAS COMO O SENHOR TAVA FALANDO...

**11:52 – RESPOSTA** - EM TODO O NORDESTE DO BRASIL, ALIÁS, EM SÃO PAULO TEM DEMAIS TÁ, REPENTISTAS, EM BRASÍLIA TEMOS A CASA DO CANTADOR QUE UM NORDESTINO CHAMADO GONSALO GONÇALVES FUNDOU E SEMPRE TEM ENCONTROS DE CANTADORES REPENTISTAS DE TODO O BRASIL. E EU VOU MUITO LÁ PARTICIPAR TAMBÉM.

**12:20 – PERGUNTA** - O SENHOR ACHA QUE O REPENTE QUE VOCÊ FAZIA, QUE TODO MUNDO FAZIA EM ALAGOAS ANTIGAMENTE E O QUE FAZ HOJE, QUAL É A DIFERENÇA VOCÊ VE AI?

**12:32 – RESPOSTA** - NÃO, O REPENTE CONTINUA NO MESMO RITMO, NO MESMO JEITO, COMO A MÚSICA GAÚCHA, A MÚSICA SERTANEJA, SÓ QUE NÓS PROCURAMOS ATUALMENTE A PERFEIÇÃO SABE, PORQUE MÚSICA DE CANTADORES ANTIGOS FAZIAM A RIMA ERRADA SABE, É... POR EXEMPLO, OS LIVRINHOS DE CORDEL QUE CHAMA, PORQUE PENDURAVA NA CORDA DE BARBANTE E CHAMAVA LITERATURA DE CORDEL, AI EU TENHO DITO, A MINHA LITERATURA NÃO É SIMPLEMENTE DE CORDEL. É PRA SE GUARDAR EM ESTANTE DE OURO. EU DIGO ORGULHOSAMENTE PORQUE EU AMO O QUE EU FAÇO SABE, AI EU, A MINHA POESIA EU NÃO ESCREVO COM ERRO, ESCREVO CORRETAMENTE TÁ, NÃO MANDO NINGUEM CORRIGIR, EU MESMO CORRIJO, JÁ VOU ESCREVENDO COMO EU SEI ESCREVER.

**13:29 – PERGUNTA** - QUANDO O SENHOR SE INSCREVEU PELA PRIMEIRA VEZ AQUI NO FEMUCIC, COMO FOI QUE O SENHOR FICOU SABENDO QUE IA TER O FESTIVAL?

**13:35 – RESPOSTA** - ATRAVÉS DO SESC DE ALAGOAS. UM AMIGO MEU CHAMADO BEL DOS ANJOS, ESCREVEU UMA MÚSICA E ME CONVIDOU PRA CANTÁ-LA, LÁ NO SESC EM ALAGOAS. AI EU PEGUEI O ENDEREÇO DAQUI E FIQUEI ESCREVENDO DIRETO. EU CANTO MUITO EM SESC'S, EM CURITIBA MESMO, SÃO PAULO, E MUITAS CIDADES DO BRASIL. EU GOSTO DE CANTAR EM SESC, E O FEMUCIC É LINDO, EU DIGO, EU DIVULGO MUITO O FEMUCIC NAS EMISSORAS POR ONDE EU PASSO, EM ALAGOAS, SEGIPE, EM TODO O BRASIL ONDE EU VOU. EU JÁ ESTIVE NO FEMUCIC QUE É O FESTIVAL MAIS BONITO DO ESTADO DO PARANÁ.

**14:18 – PERGUNTA** - O QUE QUE O SENHOR ACHA DA DIVERSIDADE QUE TEM AQUI, QUE APRESENTA AQUI?

**14:22 – RESPOSTA** - POR ISSO QUE É BOM, ESSA VARIEDADE MUSICAL, ACHO LINDO, TODOS OS RITMOS.

**DVD 07 – ENTREVISTA COM CRISTINO WAPIXANA**

**01:44 - PERGUNTA** - FALA O SEU NOME COMPLETO E DE ONDE O SENHOR VEIO.

**01:47 – RESPOSTA** - ME CHAMO CRISTINO PEREIRA DOS SANTOS CIVILMENTE. E, EM WAPIXANA, ME CHAMO 'PEMURO', QUE TEM O SIGNIFICADO DE PASSARINHO PEQUENO QUE É O BEIJA-FLOR. O POVO WAPIXANA É DE RORAIMA, ESTADO DE RORAIMA, E SOMOS CERCA DE DEZ MIL AINDA HOJE.

**02:22 – PERGUNTA** - E ONDE SE ENCONTRA A ALDEIA, QUANTAS ALDEIAS AINDA EXISTEM?

**02:34 – RESPOSTA** - EXISTEM AINDA MAIS DE QUARENTA ALDEIAS DO NOSSO POVO. ALGUMAS SÃO SÓ ESPECIFICAMENTE DO POVO, E OUTRAS TEM UMA MISTURA COM OUTROS POVOS, QUE MORAM NA REGIÃO, DA RAPOSA SERRA DO SOL, NA RESERVA ÍNDIGENA RAPOSA SERRA DO SOL, SÃO MARCOS E UMA OUTRA RESERVA, E EXISTEM OUTROS POVOS COMO O 'MAKUCHI', O 'TORIPAN' QUE MORAM, VIVEMOS HOJE, JUNTOS, NO PASSADO NÃO VIVIAMOS JUNTOS MAS HOJE JÁ MORAMOS JUNTOS. HÁ CASAMENTOS ENTRE POVOS DIFERENTES DA NOSSA ALDEIA E BEM AO NORTE MESMO DE RORAIMA.

**03:23 – PERGUNTA** - E O QUE REPRESENTA A MÚSICA DENTRO DE UMA ALDEIA?

**03:26 – RESPOSTA** - A MÚSICA, ELA TEM UM PAPEL IMPORTANTE ANTES DA, DO NASCIMENTO. O 'MARULAN', É O RESPONSÁVEL PELA PARTE ESPIRITUAL E, ESPIRITUAL NÃO RELIGIOSA MAS RITUALÍSTICA E TAMBÉM QUE ENVOLVE A MÚSICA, É, DESDE O ÍNICIO ASSIM. QUANDO A MÃE ESTA GRÁVIDA, A

CRIANÇA COMEÇA A OUVIR OS SONS DA, QUE ELA CANTA, OS SONS QUE O PAJÉ ENSINA ELA A CANTAR, O PAI TAMBÉM APRENDE, PRA QUE A CRIANÇA COMECE A SE ACOSTUMAR COM ESSE MUNDO. E NORMALMENTE A MÚSICA INDÍGENA, ELA TA SEMPRE LIGADA COM OS ANIMAIS, COM OS PÁSSAROS, ELA CONTA SEMPRE UMA HISTÓRIA, E QUANDO A CRIANÇA NASCE, ELA NASCE CHORANDO, É NORMAL QUE TODAS NASCEM CHORANDO NÉ? PRA GENTE, ESSE CHORO É QUE ELA ESTA CONHECENDO UM MUNDO DIERENTE, ESSE É O MUNDO DIFERENTE, NÃO O MUNDO QUE ELA VIVE, ELA VEM DE UM MUNDO TRANQUILO, PROTEGIDO, ELA CHEGA AQUI EM UM MUNDO CHEIO DE SOM, DE COISAS DIFERENTES, AI O CANTO ENTRA. OS CANTOS, NORMALMENTE, É, QUE SÃO ENSINADOS PARA AS MÃES CANTAREM PARA AS CRIANÇAS QUE VOCÊS DIZEM QUE É PRA DORMIR AQUI, PRA GENTE, É OS CANTOS QUE FALAM, CONVIDAM OS PASSARINHOS PEQUENOS, OS FILHOTES DE ANIMAIS, PRA VIM CONVERSAR COM ESSA CRIANÇA E MOSTRAR ESSE NOVO MUNDO PRA ELA. AI OS ESPIRITOS DESSES ANIMAIS VEM COM ELA, CONVERSAR COM O ESPÍRITO DELA, AI ELA SE ACALMA, POR ISSO ELA DORME, QUANDO ADOECE, TEM QUE CANTAR. TÁ ALEGRE, TEM QUE CANTAR, ENTÃO A MÚSICA PERMANECE ATÉ A VELHICE, OU NAS FAZER DIFERENTES DA VIDA, ELA É MUITO IMPORTANTE, SEMPRE TÁ PRESENTE MÚSICA E DANÇA, SEMPRE PRESENTE MÚSICA E DANÇA, POR ISSO FICAMOS DESCALÇO PARA TER ESSE CONTATO DIRETO COM A MÃE CRIADORA DAS COISAS QUE DÁ TUDO PRA GENTE.

**05:40 – PERGUNTA** - COMO QUE FOI A SUA DECISÃO DE LEVAR A SUA MÚSICA PRA FORA DA SUA ALDEIA?

**05:48 – RESPOSTA** - ASSIM, É UMA DAS FORMAS QUE A GENTE TEM DE MUDAR A IDÉIA QUE AS PESSOAS TEM, QUE FOI ENSINADO PRA ELA SOBRE QUE ÍNDIO É TUDO IGUAL. CADA POVO TEM UMA CULTURA DIFERENTE. HOJE NO BRASIL AINDA EXISTEM MAIS DE DUZENTOS E TRINTA POVOS ÍNDIGENAS, E DESSES DUZENTOS E TRINTA POVOS FALAM MAIS DE CENTO E OITENTA LÍNGUAS, QUANDO SE TRATA DE POVO É A MESMA COISA QUE

NAÇÃO, UMA NAÇÃO ELA É INDEPENDENTE, O POVO BRASILEIRO, A NAÇÃO BRASILEIRA ELA INDEPENDE DE UMA OUTRA NAÇÃO PARA SOBREVIVER, ELA É AUTO SUFICIENTE EM TUDO, DESDE ALIMENTOS À SAÚDE, TUDO. ENTÃO, OS POVOS ÍNDIGENAS SEMPRE FORAM AUTOSUFICIENTES A MAIS DE TRÊS MIL ANOS EM TUDO. HOJE, O QUE A GENTE TEM É O COMPARTILHAMENTO E FOI ENSINADO NAS ESCOLAS QUE O ÍNDIO É TUDO IGUAL, QUE PINTA, QUE USA O COCAKI, A VESTIMENTA É DIFERENTE, A PINTURA É DIFERENTE, TUDO É DIFERENTE, E, A MÚSICA É UMAS DAS COISAS QUE MEXEM COM A ALMA DAS PESSOAS DIRETAMENTE E A ARTE EM SÍ, E NÓS QUEREMOS MOSTRAR AQUILO QUE NÓS TEMOS DENTRO DA ALDEIA, A IMPOSTÂNCIA QUE ELA TÊM E A DIVERSIDADE QUE SE TEM DE POVO PRA POVO, E A GENTE TENTA TRANSMITIR ISSO, NUMA LINGUAGEM MAIS ACESSÍVEL. A NOSSA MÚSICA, ELA NUNCA, ELA É UMA MÚSICA, LIMITADA ASSIM, DIGAMOS, NESES SONS QUE NÓS TEMOS AQUI, NÓS TEMOS POUCO SONS, ASSIM QUE A GENTE UTILIZA, IMITANDO OS BICHINHOS, OS PÁSSAROS, MAS A GENTE, NUMA ESCALA, NUMA ESCALA DE NOTAS MUSICAIS QUE VAMOS DIZER, DE OITAVA, DE DÓ A DÓ POR EXEMPLO USAMOS ATÉ QUINTA, DIFÍCILMENTE PASSAMOS DE UMA QUINTA, E PRA GENTE TRAZER, SE A GENTE TROUXER ESSA MÚSICA TRADICIONAL AQUI, NÃO FARÁ TANTO EFEITO MAS SE EU TRAGO UMA MÚSICA QUE TEM ESSES DOIS LADOS DESSES DOIS MUNDOS, ESSA SONORIDADE DESSES DOIS MUNDOS E UM POUCO TAMBÉM ACADÊMICA, SERIA, ISSO VAI FAZER COM QUE AS PESSOAS OUCAM, E ELAS OUVINDO, EU CONSEGUI CHAMAR A ATENÇÃO DELAS, E EU CHAMANDO A ATENÇÃO DELAS SERIA EU PASSAR PRA ELE A NOSSA ESSÊNCIA CULTURAL. E ISSO VAI FAZER COM QUE ELA CONHEÇA E PASSE A RESPEITAR E A TER UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A GENTE, SOBRE OS POVOS ÍNDIGENAS, NÓS SOMOS DIFERENTES SIM, MAS NA QUESTÃO INTELLECTUAL NÃO, SOMOS IGUAIS, SÓ VIVEMOS EM MUNDOS DIFERENTES, NOSSO TEMPO É DIFERENTE E EU FIZ ESSA BUSCA E ESTUDEI INCLUSIVE MÚSICA EXATAMENTE PRA ENTRAR, PRA JUNTAR ESSES DOIS MUNDOS E PRA QUAA GENTE POSSO A PARTIR DAÍ TER DIÁLOGO, POR ISSO EU ESTOU TENDO UM DIÁLOGO COM VOCÊS HOJE, EM FUNÇÃO DESSE

TRABALHO. EU ACREDITO QUE SÓ A MÚSICA ÍNDIGENA EM SÍ, AS MÚSICAS TRADICIONAIS NÃO TERIAM, NÃO PODERIAM ME DAR ESSA OPORTUNIDADE DE REPERCUTIR DESSA FORMA.

**09:32 – PERGUNTA** - QUAL É A INFLUÊNCIA QUE A MÚSICA QUE VOCÊ CANTAVA QUANDO VOCÊ ERA CRIANÇA NÉ, QUE VOCÊ APRENDEU DESDE DE PEQUENO TEM HOJE NA SUA MÚSICA, NA MÚSICA QUE VOCÊ COMPÕE?

**09:41 – RESPOSTA** - EU TENHO INFLUÊNCIA DA LÍNGUA EM ESPECIAL. NÓS MANTEMOS EMBORA TEMOS CONTATO, EMBORA QUE A GENTE USE COISAS DAQUI QUE É, COMO EU TE FALEI, ESSA DIFERENÇA DE POVO, DIFERENÇA DE CONTATO, ISSO CAUSA, CAUSO NA GENTE MUITO IMPACTO MAS EXITEM AINDA A PARTE TRADICIONAL MUITO PRESERVADA. ESPECIALMENTE OS POVOS DO NORTE, PARTE DO CENTRO-OESTE SÃO BEM PRESERVADO, ENTÃO ALI, A LÍNGUA É PRESERVADA, O CANTO TRADICIONAL É PRESERVADO, SE VOCÊ PEDIR PRA CANTAR UM CANTO TRADICIONAL, EU VOU CANTAR UM CANTO TRADICIONAL, MAS COMO EU TE FALEI, ESSE CANTO TRADICIONAL, É, SE EU TROUXESSE NÃO TERIA TANTA REPERCUSSÃO MAS ESSE CANTOS TRADICIONAIS COMO A NOSSA VESTIMENTA TRADICIONAL, PINTURA, TUDO ISSO AQUI AINDA É UTILIZADO NAS ALDEIAS SEMPRE. HÁ DIAS DE FESTA E TODO MUNDO VAI USAR ROUPA TRADICIONAL, TODO MUNDO VAI UTILIZAR ISSO, CLARO, EMBORA QUE A GENTE CONHEÇA AQUI, QUE GANHE ESPAÇO AQUI, QUE ATÉ, SÓ CANTE PORTUGUÊS, MAS O QUE A GENTE APRENDEU NUNCA SAI DA GENTE E DAÍ QUE NÓS VIVEMOS, ESSA É A IDENTIDADE, ESSA É A NOSSA DIFERENÇA.

**11:01 – PERGUNTA** - EM RELAÇÃO AS LETRAS, A ESSÊNCIA É A MESMA?

**11:04 – RESPOSTA** - A LETRA, EM PARTE SIM, PORQUE A NOSSA ELA ABRANGE DESDE UM HISTÓRINHA DE ALGUÉM QUE ESTÁ VINDO DA CAÇA, QUANTO AOS LAMENTOS DE UMA MÃE QUANDO UM FILHO MORRE OU QUANDO VAI CONTAR UMA HISTÓRIA. A MÚSICA SEMPRE É UMA HISTÓRIA E

O QUE EU PROCURO COLOCAR NAS MINHAS LETRAS É QUE AS PESSOAS PAREM UM POUCO PRA OBSERVAR O QUE TEM AO REDOR, O QUE TEM DE ENCANTAMENTO NOS BALANÇAR DAS FOLHAS, EM OBSERVAR UM DETALHE DE UMA FLOR, OBSERVAR O DETALHE, A ESSÊNCIA DAS PESSOAS, O QUE SE PERDIDO MUITO HOJE, ENTÃO A MÚSICA, A PRIMEIRA MÚSICA QUE EU PARTICIPEI DO FEMUCIC 'AQUIDAWAN' QUE É SONHO, A VISÃO DA CRIANÇA DO MUNDO, ISSO NÃO IMPORTA QUE COR QUE ELA É, QUE POSIÇÃO SOCIAL ELA TÊM DE ONDE ELA VEIO, ISSO NÃO IMPORTA, CRIANÇA É CRIANÇA E EU TENDEI COLOCAR ISSO. NA MÚSICA QUE EU CONSEGUI CLASSIFICAR AGORA FALA DE PAZ, QUE É PARA AS PESSOAS TEREM UMA, UM POUCO DE, FAZER UM POUCO DE REFLEXÃO SOBRE SÍ E O QUE ESTA AO REDOR E O QUE ELAS PODEM FAZER, CONTRIBUIR PARA QUE A VIDA CONTINUE, QUE O RIO CONTINUE A CORRER.

**12:36 – PERGUNTA** - COMO VOCÊ ACHA QUE SUAS MÚSICAS SÃO VISTAS PELAS PESSOAS? VOCÊ ACHA QUE CONSEGUI TRANSMITIR A MENSAGEM?

**12:45 – RESPOSTA** - CONSIGO TRANSMITIR A MENSAGEM. PELO MENOS NA PRIMEIRA EU CONSEGUI TRANSMITIR A MENSAGEM PORQUE ELA FOI TÃO DIFERENTE DIANTE DAS OUTRAS QUE TAMBÉM HOUVE UMA QUALIDADE MUSICAL NELA DE ARRANJO, DE MELODIA MESMO QUE CHAMOU A ATENÇÃO, SÓ POR SÍ ELA CHAMOU A ATENÇÃO E FOI TANTO QUE O FEMUCIC ADICIONOU NO REGULAMENTO QUE ACEITAVA A LÍNGUA ÍNDIGENA BRASILEIRA PORQUE EU FALEI SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ISERIR OS POVOS ÍNDIGENAS DENTRO DESSE, DESSE FESTIVAL. O SESC DEU ESSA OPORTUNIDADE PRA GENTE, TANTO AQUI QUANTO LÁ EM RORÁIMA, QUE LÁ EM RORÁIMA EU JÁ PARTICIPAVA...DE TROFÉUZINHOS DESSES E ISSO TERMINA ABRINDO PORTAS, MAS AS MINHAS MÚSICAS HOJE SÃO MAIS REFLEXIVAS, REFLETIR SOBRE O SER E CONTRIBUIR.

**13:51 – PERGUNTA** - PRA VOCÊ, O QUE É A CULTURA DA SUA REGIÃO, O QUE QUE ELA REPRESENTA ASSIM NAS ALDEIAS ÍNDIGENAS?

**14:01 – RESPOSTA** - A CULTURA NOSSA? É A NOSSA ESSÊNCIA. A NOSSA CULTURA ELA ESTÁ DENTRO DE TUDO, DE TODAS AS COISAS, DA ÁRVORE, DA ÁGUA, DE TUDO, DA TERRA E, SE TIRAM A MATA DA GENTE OU OS ANIMAIS MORREM, A GENTE NÃO TEM LUGAR PARA PESCAR, ACABA EU ACHO, COM MAIS DE CINQUENTA POR CENTO DA NOSSA VIDA, DO NOSSO EXISTIR, POR QUE TODA A NOSSA BASE ESTA NESSE VÍNCULO, NESSE CÍRCULO QUE NUNCA TEM FIM, QUE NÃO TEM COMEÇO NEM FIM, QUE É ESSA COISA DE, DA RENOVAÇÃO DE TUDO, DA NOSSA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS, A NOSSA RELAÇÃO COM A ÁGUA, TUDO, ESSE CÍRCULO ELE NÃO DEVE NUNCA PERDER. EU LAMENTO QUE MUITOS POVOS DAQUI DO PRÓPRIO PARANÁ QUE TEM O POVO GUARANÍ, MATO GROSSO, A REGIÃO DO NORDESTE INFELIZMENTE GRANDE PARTE DELES OU A MAIORIA, MAIORIA MESMO, NÃO TEM MAIS MATA, NÃO TEM PEIXE, NÃO TEM LAGO, NÃO TEM RIO PARA PESCAR E ISSO TERMINA DEFORMANDO, TORNANDO O INDÍGENA É, UM SER SEM UMA IDENTIDADE, SÓ UMA IDENTIDADE FÍSICA, NÃO TEM UMA IDENTIDADE MAIS ESPIRITUAL COM ESSÊNCIA E ISSO TORNA ELE UM ROBÔ, UMA MÁQUINA, PARECIDO COM MÁQUINA, E QUE GRAÇAS AO CRIADOR QUE É 'TOMINQUIÉ' AINDA TEMOS MUITO ISSO, AINDA PODEMOS VER PÁSSAROS, É, OUVIR OS SONS DE MUITOS PÁSSAROS TANTO DE DIA QUANTO DE NOITE, QUANTO POR AQUI AS NOITES JÁ SÃO SILENCIOSAS E PRA GENTE, EU NÃO IMAGINO O NOSSO MUNDO LÁ SEM ISSO, EU CREIO QUE TODOS LÁ NÃO IMAGINAM UM MUNDO SEM ISSO, INFELIZMENTE AQUI PRA ESSAS REGIÕES JÁ É, É BEM FORTE ESSA, ESSA COISA JÁ ACONTECEU E TALVEZ NÃO TENHA MAIS RETORNO.

**16:08- PERGUNTA** - QUANDO VOCÊ SE INSCREVEU PELA PRIMEIRA VEZ PARA O FEMUCIC COMO VOCÊ DESCOBRIU QUE TINHA ESSE FESTIVAL?

**16:16 – RESPOSTA** - NA VERDADE, EU FIZ AULAS DE MÚSICA E UMA VEZ, EU ERA DOIDO PARA CRIAR, QUANDO EU ERA CRIANÇA EU LEMBRO QUE QUANDO A GENTE IA CAÇAR OU PEGAR PALHA NA MATA PARA COBRIR A

CASA EU FICAVA ASSOBIANDO E INVENTANDO MELODIAS, QUE EU CONHECI COMO IMPROVISAÇÃO, E EU SEMPRE FUI LIGADO A MÚSICA. EU ESTUDEI MÚSICA E TIVE A OPORTUNIDADE DE FAZER UM CURSO DE COMPOSIÇÃO DURANTE UMA SEMANA ONDE EU FIZ DUAS MÚSICAS, AI EU DESCOBRI COMO FARIA, COMO FAZIA UMA, ESTUDEI UM POUCO, AI TECNICAMENTE DA PARA, EU ENTENDI COMO FAZER, DAÍ EU FIZ PRA UM PROJETO QUE EU DESENVOLVIA NAS ALDEIAS PRA ESSAS CRIANÇAS QUE ESSA 'SONHO' E O SESC LA DE RORAIMA FEZ UMA MOSTRA TAMBÉM DE ONDE A MELHOR MÚSICA VIRIA PARA O FESTIVAL DIRETO, EU NÃO CONHECIA O FEMUCIC, ISSO FOI EM DOIS MIL E CINCO E EU COLOQUEI DUAS MÚSICAS, PASSARAM AS DUAS MÚSICAS E 'SONHO' FOI A MÚSICA QUE FOI SELECIONADA PARA VIR PARA CÁ. ASSIM EU CONHECI O FEMUCIC.

**17:32 – PERGUNTA** - E COMO VOCÊ VÊ O FESTIVAL DE MÚSICA CIDADE CANÇÃO, FEMUCIC, COMO VOCÊ VÊ ESSA DIVERSIDADE QUE ELE TRÁZ PARA CÁ?

**17:38 – RESPOSTA** - ISSO É EXTREMAMENTE IMPORTANTE E NECESSÁRIO PARA QUE AS PESSOAS CONHEÇAM OU TENHAM IDÉIA DO TAMANHO DESSE BRASIL, É MUITO GRANDE. QUANDO EU VIM PELA PRIMEIRA VEZ PARA CÁ EU SAI DE LÁ DE CASA, DE RORAIMA, A UMA DA MANHÃ E FUI CHEGAR AS CINCO DA TARDE AQUI, EU NÃO TINHA IDÉIA DO TAMANHO DESSE PAÍS, HOJE, EU JÁ TENHO UMA IDÉIA RAZOÁVEL, MAS É IMPORTANTE QUE AS PESSOAS SAIBAM O QUE ESTA ACONTECENDO EM OUTROS ESTADOS, COMO É QUE TÁ A MUSICALIDADE DE LÁ, E CONHEÇA A QUANTIDADE QUE SE TEM MESMO. ENTÃO, O FEMUCIC, ELE PROPORCIONA ESSE ENCONTRO MUSICAL, CULTURAL E DE PESSOAS, DE ARTISTAS QUE ISSO DA POSSIBILIDADES TANTO PRA GENTE, DE CONHECER E ABRIR NOVOS HORIZONTES PRA COMPOSIÇÃO, PARA CRIAÇÃO, COMO DAR OPORTUNIDADE A CIDADE VER O QUE TEM SE CRIADO NO RESTO DO PAÍS, VÊ O QUE QUE ESTÁ ACONTECENDO DE MÚSICA NO RESTO DO PAÍS.

**DVD 9 – ENTREVISTA 1 - TERCÍLIO MEN, PAULO CONTESSOTO E JOSÉ CONTESSOTO**

**00:29** MEU NOME É PAULO CONTESSOTO E O NOME ARTÍSTICO: PAULINO

**00:31 - RESPOSTA** - MEU NOME É JOSE CONTESSOTO. NOME ARTÍSTICO: ZEQUINHA

E EU, TERCÍLIO MEN, COMONHO A DUPLA FORMANDO O TRIO: PAULINO, ZEQUINHA E TERCÍLIO MEN

**00:54 – PERGUNTA** - QUAL É O ESTILO DE MÚSICA DE VOCÊS?

**00:56 – RESPOSTA** - O ESTILO. O NOSSO ESTILO, O QUE A GENTE MAIS GOSTA, É O POPULAR SERTANEJO. E O SERTANEJO É O CAIPIRA QUE A TURMA FALA, NÉ. ELE É COMPOSTO DE VALSA, DE PAGODE, CATERETÊ, TOADA, MOSA DE VIOLA E ASSIM POR DIANTE, MODA CAMPEIRA, NÉ. ENTÃO O RITMO QUE A GENTE GOSTA DE CANTAR. E AS MÚSICAS QUE A GENTE CANTA, É UMA CRIAÇÃO MINHA, NÉ. QUANDO VEM INSPIRAÇÃO A GENTE ESCREVE ALGUMA COISINHA. E LETRA E MÚSICA MINHA, NÉ. E COM A PARTICIPAÇÃO DO MEU IRMÃO, NÉ, QUE SEMPRE ME ACOMPANHO FAZENDO A PARTE DELE E EU FAÇO A MINHA. FORMANDO A DUPLA PAULINO E ZEQUINHA.

**01:48 – PERGUNTA** - DE ONDE VEIO A INFLUÊNCIA PARA VOCÊS COMEÇAREM A CANTAR ESSAS MÚSICAS?

**01:50 – RESPOSTA – (PAULINO)** - ISSO AI NÓS COMEÇAMOS JÁ NO ESTADO DE SÃO PAULO, LÁ NA REGIÃO DE ARAÇATUBA, QUANDO TINHA MUITA FESTINHA DE IGREJA, A GENTE CANTAVA EM AUTO FALANTE, CANTAVA NO MEIO DA ROÇA, PORQUE A GENTE TRABALHAVA NA LAVOURA, NÉ. FAZIA SERENATA E NAS ÉPOCAS DE NATAL E ANO NOVO A GENTE FAZIA SETENATA.

NAQUELA ÉPOCA TINHA MUITA FOLIA DE REIS, ENTÃO A GENTE ACOMPANHAVA AQUELA FOLIA DE REIS E GOSTAVA DA MÚSICA, DA VIOLA. AI EU COM O ZEQUINHA COMEÇAMOS A CANTAR.

**02:23 – RESPOSTA -(TERCÍLIO MEN)-** TINHA SERENATA TAMBÉM NAQUELA ÉPOCA TAMBÉM PARA AS NAMORADAS. AS VEZES ERA NA JANELA, NÉ. (CANTA UM TRECHO DA MÚSICA: ABRE A PORTA E A JANELA..RISOS)

**02:27 – (PAULINO)** EXATAMENTE. AI A GENTE FOMOS CRESCENDO E EM 1948 NÓS FOMOS PARTICIPAR.. NAQUELA ÉPOCA QUASE NÃO EXISTIA EMISSORA DE RÁDIO..ENTÃO TINHA EM GUARARAPI, PRA FRENTE DE ARAÇATUBA UM POUCO, NÉ, QUE É BIRIGUI – ARAÇATUBA E GUARARAPI. ENTÃO NOS COMEÇAMOS LÁ. O DIA EM QUE FRANCISCO ALVES MORREU, EM 1948, EU E O ZEQUINHA, E TINHA UM RAPAZ NA VIOLA QUE ACOMPANHAVA NÓS E O ZEQUINHA NO CAVAQUINHO.

**02:59 –** ENTÃO, NO DIA QUE O FRANCISCO ALVES MORREU, NÓS TAVA DANDO UM SHOW EM PRAÇA PÚBLICA LÁ EM GUARARAPI. ISSO EM 1948. AI CANTAMOS EM ARAÇATUBA, CANTAMOS EM BIRIGUI, AI EM 1951 NÓ VIEMOS PARA MARINGÁ. VIEMOS PRA, MOTIVO DE MUDANÇA DE ESTADO, NÉ. POR QUE A GENTE ERA AGREGADO, NÃO TINHA, ASSIM, PODER AQUISITIVO AI NÓS TIVEMOS QUE PARTIR PRA CÁ. TAVA ABRINDO MARINGÁ E IA SURGIR A RÁDIO CULTURA. ENTÃO NOSSO INTERESSE ERA CANTAR E TRABALHAR. FAZER AS DUAS ATIVIDADES AO MESMO TEMPO. CHEGAMOS AQUI E JÁ FOMOS CONTRATADOS PELA RELOJOARIA LONGINES, JÁ PRA CANTAR NO RÁDIO.

**03:45 –** AI COM O DECORRER DO TEMPO CHEGAMOS A TER SETE PATROCINADORES, CERTO. E CANTAMOS ATÉ 1959. FOI QUANDO EU CONHECI O TERCÍLIO MEN, ESSE SANFONEIRO QUE TÁ AQUI. COMO ELE TOCAVA COM AS IRMÃS MARIAS, ENTÃO EU QUERIA SEMPRE QUE ELE TOCASSE COM NÓS. FALEI TERCÍLIO, VAMOS CANTAR COMIGO RAPAZ:

PAULINO, ZEQUINHA E TERCÍLIO MEN.

**04:07**- RAPAÇ, EU VOU DEIXAR DE TOCAR COM DUAS MULHERES PRA TOCAR COM DOIS HOMENS. RISOS

**04:12** – (TERCÍLIO MEN) CONTRASTE, NÉ.

**04:14** – (PAULINO) – MAS GRAÇAS A DEUS, NÓS CHEGAMOS LÁ, AONDE NÓS QUERÍAMOS, COM O TERCÍLIO MEN, FIZEMOS OS ENSAIOS, GRAVAMOS O CD QUE TÁ AI, QUE É TUDO LETRA E MÚSICA MINHA, NÃO É ISSO?. ENTÃO O QUE EU QUERIA NA MINHA VIDA ERA GRAVAR AS MINHAS MÚSICAS E CONSEGUI. POR QUE NAQUELA ÉPOCA A GENTE NÃO PODIA IR EM SÃO PAULO, SÓ TINHA EM SÃO PAULO QUE TINHA GRAVADORA, E DESDE 1958 EU TINHA TODAS ESSAS MÚSICAS MINHAS.

AI SURTIU AQUI EM MARINGÁ, DEPOIS DO ANOS 70, 80, SURTIU UMA GRANDE GRAVADORA QUE É A DIGITAL ONDE EU GRAVEI O MEU CD, JUNTO COM O TERCÍLIO E O ZEQUINHA E QUE É PRIMEIRA QUALIDADE. ENTÃO GRAÇAS A DEUS TIVE ESSE PRAZER NA VIDA DE GRAVAR AS MINHAS MÚSICAS.

**05:03** – E PARTICIPANDO SEMPRE DO FESTIVAL, DO FEMUCIC. SE EU NÃO ME ENGANO ESSA DEVE SER A OITAVA VEZ QUE NÓS SE CLASSIFICA, NÉ. TODAS COM LETRA E MÚSICA MINHA. CANTAMOS UMA ONTEM E VAMOS CANTAR OUTRA HOJE.

**05:16** – (ZEQUINHA) E MUITO FELIZ POR ESTAR DO LADO DO TERCÍLIO.

**05:20** – PERGUNTA - E VOCÊ TERCÍLIO, DE ONDE VEIO A VONTADE DE TOCAR ESSE TIPO DE MÚSICA?

**05: 26** – RESPOSTA -(TERCÍLIO) – BOM, PRA NÃO REPETIR O QUE O PAULINO JÁ DISSE, É A MESMA HISTÓRIA. NA ÉPOCA, AQUELES RÁDIO A PILHA, NÉ,

AQUELAS PILHAS ENORMES, ENTÃO A GENTE ERA DA LAVOURA, ATRAVESSAVA UM “CORGUINHO”, UMA PINGUELA. E A GENTE IA OUVIR O RÁDIO, NA CASA DO PATRÃO. ENTÃO, LÁ NA CASA DO PATRÃO, JUNTAVA OS VIZINHOS TUDO, POR QUE SÓ ELE QUE TINHA RÁDIO, SÓ ELE QUE PODIA, NÉ, NA ÉPOCA. ENTÃO LÁ A GENTE OUVIA, RAUL TORRES E FLORENCIO, SERRINHA E CABOCLINHA, PEDRO BENTO E ZÉ DA ESTRADA, TUNICO E TINOCO, E OUTRAS DUPLAS TAMBÉM QUE A GENTE NÃO TINHA AQUELE HORÁRIO, NÉ. PARMERO E LUIZINHO. E O MARIO ZAM, MARIO ZAM QUE EU SEMPRE GOSTEI DO ESTILO DA MÚSICA DELE. HAJA VISTA QUE EU TOCO QUASE TODAS. QUASE TODO O REPERTÓRIO DO MARIO ZAM, EU EXECUTO TAMBÉM, NO ACORDEÃO.

**06:21 - (TERCÍLIO)** E SEMPRE PARTICIPANDO, COM UMA DUPLA, COM UM TRIO, AS VEZES ATÉ FAZENDO REGIONAL, REGIONAL QUER DIZER, UM CONJUNTINHO PRA ACOMPANHAR CANTORES, CALOUROS, NÉ. AQUI MESMO EM MARINGÁ, HÁ CERCA DE OITO ANOS MAIS OU MENOS, JÁ ACOMPANHEI O CLUBE DO CAÇULA, AS CRIANÇAS QUE VINHAM CANTAR, TODO DOMINGO, DAS NOVE AS 11H DA MANHÃ.

**06:44** – E EU ENTÃO ENSAIAVA NO SÁBADO, AS CRIANÇAS, JÁ COM A RELAÇÃO, DO NOMES DAS CRIANÇAS, DO NOME DA MÚSICA E A TONALIDADE. E NAS QUARTAS-FEIRAS, TINHA UM OUTRO PROGRAMA, MUITO BACANA QUE ERA MUITO ACEITO EM MARINGÁ: ERA MARINGÁ SE DIVERTE. ENTÃO, ALÉM DOS CALOUROS, TINHA TAMBÉM UM PROGRAMA CÔMICO. TINHA LÁ UMAS PESSOAS FAZENDO GRAÇA, NÉ. MEU AMIGO CAFEZINHO, SANTANA, JÁ DE SAUDOSAS MEMÓRIAS, POR QUE JÁ FALECERAM, NÉ. MAS ERA UM COMICOS SUPER BACANAS, ESTILO MAZAROPI. DA MESMA MANEIRA EU ENTOA ACOMPANHANDO OS CALOUROS, NÉ. AQUELAS PESSOAS QUE VINHAM PRA CANTAR.

**07:25** - E SEMPRE PARTICIPANDO, NUM CONJUNTO MUSICAL, TOCANDO BAILES, TOCANDO FESTAS, JUNINAS, TOCANDO ANIVERSÁRIOS,

CASAMENTOS. HAJA VISTA QUE EU JÁ TENHO, GRAÇAS A DEUS, MEIA DUZIAS DE BODAS DE OURO, QUE EU TOQUEI O BAILE DO CASAMENTO, QUANDO CASARAM, HÁ 50 ANOS ATRÁS. E AGORA, TAMBÉM TOQUEI A FESTA DA BODAS DE OURO, QUER DIZER, 50 ANOS ANTES EU TOQUEI O CASAMENTO, NÚPCIAS. E AGORA, ENTÃO, NOVAMENTE A FESTA DELES. MESMO NOIVO, MESMA NOIVA E O MESMO SANFONEIRO. NÃO ME RECORDO SE EU TOQUEI A MESMA VALSA.

**08:05** – E AI ENTÃO ACOMPANHANDO, NÉ, COMO DISSE O PAULINO, TINHA UMA DUPLA MUITO BACANA, IRMÃS MARIA, NO ESTILO DAS IRMÃS GALVÃO, AQUELA MESMA MÚSICA, NÉ. AQUELE TEMPO JÁ ERA SUCESSO A CHALANA, MORENINHA LINDA, BEIJINHO DOCE, E DAÍ EU VENHO SEMPRE PARTICIPANDO, AQUI, ALI ACOLÁ. E NÃO POSSO PARAR.

**08:29 – PERGUNTA** - E QUANDO VCS COMEÇARAM. VOCÊS DISSERAM QUE IAM NA CASA DO PATRÃO PRA OUVIR O RADIO, NÉ, VOCÊS FAZIAM RODA DE AMIGOS PRA TOCAR, CANTAR?

**08:43 – RESPOSTA - (TERCÍLIO)** – ISSO, É. TANTO NA IDA QUANTO NA VOLTA. A GENTE IA E VOLTAVA CANTANDO. AQUELAS MUSICAS QUE A GENTE OUVIA NO RÁDIO, JÁ FICAVA NA CABEÇA, NÉ. COMO EU FALEI AGORA POUCO (TRECHO DE MÚSICA- ABRE A PORTA E A JANELA) E TINHA OUTRAS MUITO CONHECIDAS. (TRECHO DE MÚSICA: MORENINHA LINDA). E QUANDO IA NO BAILA TAMBÉM, NÉ.

**09:02 - ZEQUINHA** – A MINHA CASA FICA LÁ DETRÁS DO MORRO

**09:06 - PAULINO** - NAQUELA ÉPOCA ERA MUITO BACANA, QUE TAVA COMEÇANDO, COMO O TERCÍLIO FALOU, TINHA TORRES E FLORENCIO, TUNICO E TINOCO, ENTÃO, O MEU SOGRO, O ÚNICO CIDADÃO QUE TINHA LÁ NO BAIRRO ONDE MORÁVAMOS, QUE TINHA UM RÁDIO, CERTO. ENTÃO TODO MUNDO, AQUELA VIZINHANÇA, IA LÁ A NOITE. ERA AS QUARTAS, AS

SEXTAS-FEIRAS, TORRES E FLORENCIO, TUNICO E TINOCO, ENTÃO A GENTE IA ASSISTIR, ELES CANTAR AQUILO LÁ. ENTÃO FOI O QUE DESPERTOU, PAULINO E ZEQUINHA CANTAR, NÉ. A GENTE GOSTAVA DEMAIS.

**09:39 - TERCÍLIO** – AI DESDE CRIANÇA, A GENTE Q JÁ VEM COM ESSE DOM MUSICAL, JÁ GOSTAVA DAQUELE TRIO, DAQUELA DUPLA QUE SE APRESENTAVA E A GENTE COMEÇAVA A ACOMPANHAR. E EU ERA MUITO FÃ DA SANFONA, AINDA HOJE SOU, NÉ. ENTÃO OUVIA AS MUSICAS DO MARIO ZAM, DO (NÃO ENTENDI) , QUE ERA, TORRES FLORENCIO E (NÃO ENTENDI). ENTÃO TEM ESSE REPERTORIO ANTIGO AI. É CLARO QUE DEPOIS FUI PEGANDO OUTROS ESTILOS, NÉ, A GENTE VAI APERFEIÇOANDO, NÉ. TOQUEI, INCLUSIVE, NA ORQUESTRA TUPI, LÁ DE CURITIBA. NÃO SEI SE ELA EXISTE AINDA, ORQUESTRA TUPI. UM NOME MUITO GRANDE LÁ EM CURITIBA. GRANDES CONJUNTOS AQUI EM MARINGÁ TAMBÉM.

**10:14 - (PAULINO)** - E A GENTE ESTANDO COM ESSE COSTUME ANTIGO, É DIFÍCIL MUDAR, NÉ. ENTÃO É A MÚSICA SERTANEJA, É O QUE DOMINA O NOSSO ESTILO.

**10:22 - (TERCÍLIO)** - NÓS CONTINUAMOS PRESERVANDO, O ESTILO RAIZ. AQUELAS MUSICAS ANTIGAS, O MESMO ESTILO ANTIGO, QUE É FALAR DO SERTÃO.

**10:33 - (ZEQUINHA)** - MESMO MUDANDO A LETRA, A GENTE CONTINUA PRESERVANDO O ESTILO ANTIGO, NÉ.

**10:36** - EXATAMENTE. FALANDO DA RAIZ, NOSSO SERTÃO QUERIDO.

**10:39 - PERGUNTA** - O QUE VOCÊS ACHAM QUE MUDOU, DE QUANDO COMEÇOU, ESSE ESTILO DE RAIZ, PRA O QUE VENDIDO HOJE.

**10:46 – RESPOSTA -(TERCÍLIO)-** MUDOU MUITO. POR QUE, VEJA BEM, HOJE, A MÚSICA SERTANEJA SE POPULARIZOU. ENTÃO, PODE VER QUE A JUVENTUDE HOJE GOSTA DAS DUPLAS SERTANEJAS. SÓ QUE DE SERTANEJO LÁ NÃO TEM MAIS NADA. PODE VER QUE AS LETRAS HOJE, FALAM MAIS DO AMOR, PORQUE TA GAMADO, PORQUE, DE MULHER, NÉ. TODAS AS LETRAS TEM AMOR NO MEIO. MAS NÃO FALA MAIS DO SERTÃO. ENTÃO ELAS SÃO DUPLAS, MAS NÃO SÃO SERTANEJAS. HAJA VISTA, CHITÃOZINHO E XORORÓ, ZEZÉ DE CAMARGO E LUCIANO, E OUTRAS TANTO QUE ESTÃO SURGINDO POR AI. PODE VER QUE SE SERTANEJO MESMO NÃO TEM. É UM ESTILO DIFERENTE.

**11:25 -** A MUSICA POPULAR HOJE, É A ANTIGA SERTANEJA, SUBSTITUINDO DEVAGARINHO. MAS ELA SÓ SE POPULARIZOU. PORQUE SE SERTANEJO MESMO, TEM BEM POUCO.

**11:38 – PERGUNTA -** O QUE O SENHOR TENTA CONTAR NAS LETRAS QUE O SENHOR ESCREVE?

**11:46 – RESPOSTA – PAULINO -** NAS LETRAS QUE EU FAÇO, ISSO AI É, TODA PESSOA Q ESCREVE UMA MÚSICA, DEPENDE DA INSPIRAÇÃO (INTERRUPÇÃO DO TERCÍLIO) (11:56) SÓ QUE NAQUELE TEMPO ELE ERA SOLTEIRO AINDA, E ELE ERA MEIO APAIXONADO.

**12:02 -(PAULINO)-** QUANDO VEM A INSPIRAÇÃO, NO MEU CASO, QUANDO VINHA A INSPIRAÇÃO EU TINHA QUE PEGAR UM CADERNO E UM LÁPIS E SAIR ESCREVENDO. EU JÁ ESCREVIA ESSA MÚSICAS QUE EU TENHO. EM 5 MINUTOS EU “COMPUNHAVA” UMA LETRA JÁ COM UMA MÚSICA. E NO OUTRO DIA JÁ CHAMAVA O ZEQUINHA E FALAVA ZEQUINHA TEM UMA MÚSICA PRONTA. E QUASE TODAS ASSIM.

**12:21 - (TERCÍLIO)-** SE TORNA FÁCIL PORQUE VEM A INSPIRAÇÃO, NÉ.

**12:23 – (PAULINO)** - SE EU FOR PEGAR, QUISER FAZER UM VERSO HOJE, OUTRO AMANHÃ, OUTRO DEPOIS, NÃO SAI NADA. ISSO AI É INDISCUTÍVEL, NÃO SAI. EU TENHO UMA MÚSICA QUE CHAMA-SE LUA DOS NAMORADOS, QUE É UM HINO, BEM DIZER UM HINO, ELA PARTICIPOU DO FEMUCIC NO ANO 18, QUANDO FOI GRAVADO O PRIMEIRO CD DO FEMUCIC A GRAVAÇÃO SAIU JUNTO. DEPOIS TEM, É, LEMBRANDO DAS MODAS CAMPEIRAS, QUE EU TAVA NUMA FESTA, E UM CAMARADA PERGUNTOU: CADÊ O CAVALO PRETO, CADÊ O BURRO PICASSO, NÃO SE OUVI MAIS.

**13:01** - VERSINHO DA MÚSICA – CADÊ MEU CAVALO PRETO, CADE MEU BURRO PICASSO, CADÊ A CHICA MORENA QUE TANTO ME DEU ABRAÇO. CADE OS TRÊS BOIADEIROS QUE TRANSPORTAVA BOAIDA, MINHA BALDRANA MACIA E O CHOFER DA ESTRADA.

**13:30 - (TERCÍLIO)** – TUDO ISSO SÃO MÚSICAS DO PASSADO JÁ.

**13:33 - (PAULINO)** – CHOFER DA ESTRADA É UMA MÚSICA DE PALMEIRA E LUIZINHO, BALDRANA MACIA É UMA MÚSICA DE PALMEIRA E LUIZINHO. FILHO DE MATO GROSSO, CHICA MORENA, ENTÃO EU PEGUEI UMA PARTE. MENINO DA PORTEIRA, E ASSIM POR DIANTE.

**13:50 – (TERCÍLIO)** - AI VINHA, INCLUSIVE, CAVALO PRETO, BALDRANA MACIA, BURRO PICASSO.

**13:58 - (PAULINO)** – TEM UMA MÚSICA AI, MÚSICA QUE, VAMOS SUPOR, ESSA QUE EU CANTEI ONTEM, CORAÇÃO DE NATA, É UM CABRA QUE SEMPRE LEVOU VANTAGEM NA VIDA, E NUNCA CHEGOU EM PRIMEIRO. AI TEM A “BOCA MENTIROSA”, QUE LEVA O TÍTULO DO NOSSO CD, TAMBÉM DE UM CARA QUE SÓ LEVOU DESVANTAGEM NO NAMORO, E ASSIM POR DIANTE. MAS COM ESTILO SERTANEJO. E TEM UMA OUTRA MÚSICA QUE EU FIZ MAIS PARA O TERCÍLIO MEN, QUE CHAMA ASSIM: TOCA SANFONA DANADA.

**14:31** – ESSA MÚSICA NÓS FIZEMOS ELA AQUI NO FEMUCIC DO ANO PASSADO (2008) E FOI A ÚNICA MÚSICA QUE SAIU NO MEU PARANÁ. ISSO É UMA HONRA PRA NÓS.

**14:50 - (TERCILIO)** – DEIXA EU PUXAR SARDINHA PRO MEU LADO AGORA. NÓS TIVEMOS TAMBÉM A GRAÇA DE SER CLASSIFICADO LÁ EM JACAREZINHO, NO FEJACAM. E LÁ NÓS LEVAMOS UMA MÚSICA, LETRA E MÚSICA DE MINHA AUTORIA, QUE É UMA LETRA COMPLETAMENTE DIFERENTE, CHAMA-SE PSICODÉLICO DE LINHA. EU NUNCA VI EM NEHUMA FESTIVAIS POR AI, QUE A DUPLA QUE SE APRESENTOU FOI BISADO. CANTAR TRÊS VEZES A MESMA MELODIA. E OLHA, NÓS TRÊS AQUI, COM A NOSSA IDADE AVANÇADA, NO MEIO DE TANTOS JOVENS, DE TANTA MÚSICA JOVEM E NÓS PASSAMOS LÁ. VAMOS CANTAR UM VERSINHO.

**15:24 – TRECHO DA MÚSICA** - SOU UM CARA LEGAL, GOSTO DE GAROTA ENGRAÇADINHA, AS MULATAS AS MESTIÇAS OU AS LOIRINHAS, OI, OI, OI, SOU PSICODÉLICO DE LINHA. LARARARARA..OIOIOI...SOU PSICODÉLICO DE LINHA.

**16:16 – PERGUNTA** - E O QUE VOCÊS TEM PRA FALAR SOBRE O FEMUCIC? DA DIVERSIDADE QUE ELES TRAZEM PRA CÁ, DANDO OPORTUNIDADE PARA VÁRIOS ESTILOS?

**16:25 - (TERCILIO)** - AH, É SEMPRE UM PRAZER PARTICIPAR, MESMO NÃO SENDO CLASSIFICADO, EU ACHO Q VALE A PENA A GENTE PARTICIPAR. NÓS, EM TODOS ELES, NÓS PARTICIPAMOS MANDANDO LETRAS DE MÚSICAS PARA O FESTIVAL. EMBORA NEM TODOS OS ANOS FOMOS CLASSIFICADOS. CLARO HAJA VISTA QUE O BRASIL ESTÁ MANDANDO SUAS MELODIAS, SEUS ARTISTAS.

**16:46 - (PAULINO)** – SÃO 26 ESTADOS MANDANDO, NÉ

**16:50 - (TERCILIO)** – NESTE FESTIVAL TEM 16 ESTADOS, NÉ. E NÓS ESTAMOS PARTICIPANDO, EM TODOS ELES NOS PARTICIPAMOS. PODE SER QUE SIM, PODE SER QUE NÃO SE CLASSIFICA, MAS A NOSSA VEZ NÓS FAZEMOS.

**17:02 - (PAULINO)** – E DESSA VEZ NOS FOMOS CLASSIFICADOS COM DUAS MUSICAS. É UMA HONRA PARA NÓS.

**17:10** - ALIÁS PARABÉNS À DIREÇÃO DO SESC, ESSA ORGANIZAÇÃO MARAVILHOSA, MESMO PORQUE, VEJA BEM, COMO EU TAVA DIZENDO, QUER DIZER, JÁ NÃO TEM MAIS AQUELE SERTANEJO COMO ANTIGAMENTE. JÁ NÃO SE TEM MAIS UM PROGRAMA SERTANEJO, AO VIVO, PARA QUE A PESSOA POSSA SE APRESENTAR LÁ NO RÁDIO, E NA TELEVISÃO. ENTÃO, ESSE FESTIVAIS, FAZ COM QUE NÓS SE ENCONTRAMOS. NÃO SÓ NÓS SERTANJOS, MAS COM TODA A CÚPULA ARTÍSTICA DO BRASIL INTEIRO. ISSO É MARAVILHOSO. É UM CONGRACAMENTO QUE ALEGRA TODOS NÓS.

**17:40 - (ZEQUINHA)** – E TODAS AS MÚSICA, FAZ BEM PARA O CORAÇÃO, FAZ BEM OUVIR, BEM PRA ALMA. É UMA MARAVILHA.

**18:20 - TRECHO DA MÚSICA SANFONEIRO DANADO** – QUANDO EU VEJO UMA SANFONA NA MÃO DE UM SANFONEIRO, ME LEMBRO DAQUELES TEMPO DO BAILINHO DE TERREIRO, COBERTURA DE INSERADO E A LUZ DE UM CANDIEIRO. TOCA SANFONA DANADA, TOCA, TOCA SANFONEIRO. (2X)  
HOJE TEM BAILE DE GALA NOS CLUBE DA CIDADE, TEM GENTE DE CLASSE MÉDIA E DA ALTA SOCIEDADE, TEM BAILE A FANTASIA, DE HUMOR E VAIDADE. MAS O BAILE LÁ DA ROÇA QUE É BAILE DE VERDADE (2X).

**ENTREVISTA 2 - TERCÍLIO MEN, PAULO CONTESSOTO E JOSÉ CONTESSOTO**

**00'07''** IMAGENS E CONVERSA

**02'00''** SOU O PAULO CONTESSOTO, O NOME ARTÍSTICO É PAULINO, O MEU NOME É JOSÉ CONTESSOTO E O MEU NOME ARTÍSTICO É ZEQUINHA E O MEU NOME É TERCÍLIO MEN, SEMPRE USEI ESSE MESMO NOME E É O NATURAL.

**02'15'' - PERGUNTA** - É, FALA UM PAUQUINHO, QUAL É O ESTILO DE MÚSICA DE VOCÊS.

**02'19'' - RESPOSTA – (PAULINO)** - SERTANEJO, O SERTANEJO É O CAIPIRA ANTIGO NÉ. ANTIGAMENTE NÃO FALAVA SERTANEJO NÉ, FALAVA 'NÓIS VAI VER OS CAIPIRA AI', HOJE É O SERTANEJO NÉ, A MÚSICA RAIZ, TEM UM PESSOAL QUE FALA NÉ,

**TERCÍLIO MEN – MODAS CAMPEIRAS NÉ**

**02'37'' - PERGUNTA** - E DE ONDE VEIO A INFLUÊNCIA PARA VOCÊS COMEÇAREM A ANTAR ESSE TIPO DE MÚSICA?

**02'42'' RESPOSTA – (PAULINO)** – ISSO AI NÓS DESDE CRIANÇA, JÁ NO ESTADO DE SÃO PAULO, A GENTE CANTAVA EM SERENATA, CANTAVA MUITO NAQUELAS FESTINHAS DE IGREJA QUE TINHA OS ALTO FALANTES NÉ, ENTÃO TINHA UMA BARRAQUINHA, UM ALTO FALANTE ONDE SE OFERECIA MÚSICA PARA AS MOÇAS, ENTÃO NÓS ERA CHAMADO PARA CANTAR, O PAULINO E ZEQUINHA, ATÉ NÓS CHEGAR NO TERCÍLIO MEN, LÓGICO, UNS TRINTA ANOS APÓS. ENTÃO NÓS COMEÇAMOS A CHEGAR EM GUARARAPE NO ESTADO DE SÃO PAULO, DEPOIS BIRIGUI, ARAÇATUBA, ISSO EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E UM NÓS VIEMOS PARA MARINGÁ, AI JÁ INAUGURAMO A RÁDIO CULTURA COMO TRIO PAULISTA E FOMOS ATÉ MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NOVE, ONDE EU COMPUNHAVA AS MINHAS MUSIQUINHAS NÉ E COM UM OUTRO SANFONEIRO, ATÉ NÓS CHEGAR NESSE FAMOSO TERCÍLIO MEN, QUE ACOMPANHA NÓS HOJE Á TRINTA

ANOS.

**03'40'' - PERGUNTA** - QUANDO VOCÊS ERAM CRIANÇAS, VOCÊS CONVIVIAM MUITO NA ROÇA, COMO É QUE ERA?

**03'44'' - RESPOSTA – (PAULINO)** - A GENTE FOMOS CRIADOS NA ROÇA NÉ, ENTÃO A GENTE OUVIA TONICO E TINOCO QUE ERA UM DOS PRIMEIROS MÚSICOS QUE TINHAM SERTANEJO NÉ, OS CAIPIRAS FALADOS, ERA TORRES E FLORÊNCIO, PALMEIRAS E LUIZINHO, ERA ESSAS AS ATRAÇÕES DA ÉPOCA. NA ÉPOCA ERA ESSAS TRÊS EQUIPES AI TONICO E TINOCO, PALMEIRAS E LUIZINHO E TORRES E FLORÊNCIO. ENTÃO AGENTE GOSTAVA MUITO, LÁ NO ESTADO DE SÃO PAULO TINHA UM COLÔNIA MUITO GRANDE E EXISTIA POUCO RÁDIO, O RÁDIO ERA BEM ESCASSO, NÃO TINHA QUASE LÁ. QUANDO TINHA MEU SOGRO, QUE ERA UM SITIANTE ATÉ MAIS OU MENOS, ELE TINHA UM RÁDIO E A NOITE, SEGUNDA, QUARTA E SEXTA-FEIRA, TINHA TORRES E FLORÊNCIO, ENTÃO O PESSOAL IA A NOITE LÁ NA CASA DELE PARA ASSISTIR, ASSISTIR NÃO, OUVIR NO RÁDIO, ESSA DUPLA NÉ, TONICO E TINOCO NÁ RÁDIO BANDEIRANTES E PALMEIRAS E LUIZINHO E ASSIM POR DIANTE. ENTÃO LOTAVA A CASA DO MEU SOGRO DE GENTE PARA ASSISTIR, PRA OUVIR PORQUE ERA O ÚNICO QUE TINHA O RÁDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO NAQUELA ÉPOCA, CERTO.

**RESPOSTA – (TERCÍLO MEN)** – COMPLETANDO O QUE O PAULINO TÁ DIZENDO, NAQUELA ÉPOCA A GENTE SE INPIRAVA MUITO NAQUELAS MÚSICAS DO RÁDIO NÉ, E A GENTE OUVIA LÁ NA CASA DO PATRÃO QUE TINHA O RÁDIO NÉ PAULINO? ENTÃO A GENTE ATRAVESSAVA A PINGUELA, ATRAVESSAVA O CORREGO E IA LÁ OUVIR. ENTÃO LEMBRANDO BEM, ERA TORRES FLORÊNCIO E RIELINHO, E RIELINHO ERA O SANFONEIRO, A ONDE EU APRENDI ALGUMA MÚSICA DELE TAMBÉM, E TAMBÉM NA ÉPOCA ERA SUCESSO O MARIO ZAN, MARIO ZAN FALECEU A POUCO TEMPO NÉ, TAMBÉM TOCAVA MUITO NAQUELA ÉPOCA E EM TODOS OS RÁDIO POR AI, TODOS OS FUNDOS MÚSICAIS ERAM COM ELE, E ALGUMA TAMBÉM, MUITO

RELACIONADA E PEDIDO, PEDIAM-SE MUITO AQUELA MÚSICA CAPRICHOS E CIGANO, SERELEPE NÉ, QUARTO CENTENÁRIO QUE É DO MARIO ZAN, FOI A, IGUAL O PAULINO SE INSPIRO, NO TONICO E TINOCO, NO PALMEIRA E LUIZINHO, E OUTRO TRIOS DA ÉPOCA, EU TAMBÉM ME INPIREI NO RIELINHO, NO MÁRIO ZAN E OUTROS SANFONEIROS DA ÉPOCA. POR ISSO QUE EU ESTOU ATÉ HOJE TOCANDO AQUELAS MÚSIQUINHAS GOSTOSA DOS FORROS POR AI, TOCANDO OS BAILINHOS E O ZEQUINHA.

**RESPOSTA – (ZEQUINHA)** – E EU, COMO ERA MAIS TÍMIDO, EU FICA SÓ OUVINDO E DAÍ, POR INTERMÉDO DOS DOIS, EU FUI ACOMPANHANDO E FOI SEGUINDO E GOSTANDO E AI, A GENTE FICOU SENDO COMPANHEIRO.

**RESPOSTA – (TERCÍLIO MEN)** – FORMAMOS O TRIO, E HOJE ESTAMOS POR AI, CANTANDO, ANIMANDO FESTA PRA QUI, PRA LI, E VÁRIOS FESTIVAIS TAMBÉM ONDE GRAÇAS A DEUS PAULINO, ZEQUINHA E TERCÍLIO MEN, NÓS TEMOS INCLUSEI GANHO VÁRIOS TROFÉUS NÉ PAULINO? ATÉ EM JACAREZINHO, AQUI EM MARINGÁ.

**RESPOSTA – (ZEQUINHA)** – QUANDO NÓIS PASSOU A PRIMEIR A VEZ NO FEMUCIC, EU DISSE, FIQUE COM ESSE TROFÉU QUE O OUTRO PE MEU ...RISADAS...AI ELE FALOU, O CORAGEM EM, O CARA TEM UMA FÉ, E NO FIM, ATÉ SOBROU TROFÉU ATÉ PRO MEU NETO

**RESPOSTA – (TERCÍLIO MEN)** – GRAÇAS A DEUS

**06'59" - PERGUNTA** - E QUANDO VOCÊS COMEÇARAM, TIPO, NO COMEÇO, VOCÊS IAM NA CASA DO PATRÃO OUVIR RÁDIO, VOCÊS FAZIAM UMA RODA DE AMIGO ASSIM PARA TOCA?

**07'09" - RESPOSTA – (TERCÍLIO MEN)** – É O QUE MAIS TINHA

**RESPOSTA – (PAULINO)** – ERA O QUE MAIS TINHA, INCLUSIVE, EU QUERIA

CONTAR, NÓIS NO ESTADO DE SÃO PAULO, EU FOI NASCIDO EM BIRIGUI, ONDE NÓIS COMEÇAMOS A CANTAR, LÁ TINHA UM TAL DE VALDEMAR LOT, QUE ERA UM FAZENDEIRO, E FOMOS CHAMADOS NA CASA DELE PRA FAZER UMA CANTORIA NA CASA DELE, SÓ EU E O ZEQUINHA, NÓS COMEÇAMOS SÓ EU E O ZEQUINHA E TINHA UM TAL DE SEVERINO MELO QUE TOCAVA VIOLÃO E O ZEQUINHA SÓ TOCAVA EM CAVAQUINHO E EU NUNCA TOQUEI NADA NÉ, NO MEU CASO É CANTAR, ESCREVER E CANTAR. ENTÃO NO ANO LÁ TINHA ESSE FAZENDEIRO O VALDEMAR LOT, ELE TINHA UMA VITROLA QUE CHAMA NÉ, QUE ERA DE CORDA VIU. ENTÃO TINHA DISCO TONICO E TINOCO, AQUELES COMPACTO, SETENTA E OITO ROTAÇÕES, ENTÃO ELE TINHA NA MESA DELE, UM FIOZINHO, UM MICROFONE E TINHA UM PINO, AGORA PAULO, VOCÊ VAI CANTAR A MÚSCIA E DEPOIS VOCÊ VAI OUVRI VOCÊ CANTAR, ENTÃO ELE TOCAVA, DEVIA TER UM MOTORZINHO ELETRICO NÉ, NA ÉPOCA, ISSO FOI EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E OITO, JÁ FAZ SESSENTA ANOS, POR AI, OU MAIS, SETENTA POR AI, SESSENTA ANOS, ENTÃO ELE RODAVA UM FIO COM UMA CORDA DE VIOLÃO DESSA AQUI, O FIOZINHO RODAVA E NÓIS CANTANDO, DEPOIS QUE TERMINAVA ELE VOLTAVA AQUELE FIO E VOLTAVA A TOCAR, ENTÃO NÓS FICAVA OUVINDO NÓIS CANTANDO NUM FIO IGUAL A UMA CORDA DE VIOLÃO, ENTÃO, ERA GRAVADO EM FIO, ISSO É COISA INÉDITA QUE NÓS CONTAR HOJE O CARA, SÓ PRA QUEM VIU ATÉ ACREDITA NUMA COISA DESSAS, COISA INÉDITA NO MUNDO.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** – QUER DIZER, A TECNOLOGIA DE HOJE JÁ VEM DE MUITO TEMPO ATRÁS DA INTELIGÊNCIA DO HOMEM.

**09'06'' - PERGUNTA** - O QUE VOCÊS ACHAM QUE MUDOU NO ESTILO DE VOCÊS DE ANTIGAMENTE PRA HOJE?

**RESPOSTA – (PAULINO)** - PRA NÓS NÃO MUDOU NADA NÉ PORQUE NÓS SEMPRE GOSTAMOS DO GÊNERO SERTANEJO NÉ, MODA CAMPEIRA, CATERETE, É, VALSEADO, É, PAGODE TAMBÉM, E TOADA, ENTÃO PRA NÓS

NÃO MUDOU NADA.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** – ENTÃO EU ACHO, ME PERMITA, EU ACHO QUE DAQUELA ÉPOCA PRA HOJE MUDOU MUITO NÃO O ESTILO MUSICAL, MAS AS LETRAS DEIXAM MUITO A DESEJAR NÉ, NAQUELE TEMPO SE FALAVA MUITO DO SERTÃO, SE FALAVA MUITO DA ROÇA, DA LAVOURA, DO POVO EM SÍ, E HOJE MAIS É MULHER, MULHER, MULHER, MULHER NÉ, ENTÃO PODE VER, NÃO TEM MAIS NENHUMA LETRA DE HOJE, QUE ELA CONTÍNUA TENDO SUCESSO, NO MÁXIMO TRÊS MESES, ACABA A MÚSICA, VEJA, NÓS TEMOS AI BONECA COBIÇADA QUE FOI O PRIMEIRO BOLERO GRAVADO PELO PALMEIRA E BIÁ, A QUANTOS ANOS É SUCESSO, SAUDADE E MATÃO, TORRES E FLORÊNCIO LANÇOU, QUANTOS ANOS É SUCESSO, ENTÃO, NÃO TEM NENHUMA PORNOGRAFIA NAS LETRAS, ME PERMITA ESSA PALAVRA NÉ, ENTÃO, ERA COISA SÁDIA NÉ, AGORA O RITMO SEMPRE É O MESMO, SHOT, E O VANERÃO É A VALSA, É O BOLERO, ME DESCULPA PAULINO, NÉ, SÓ PARA COMPLEMENTAR, NO ESTILO DE LETRA HOJE MUDOU MUITO E ESTA DEIXANDO MUITO A DESEJAR NÃO SEI SE VOCÊ CONCORDA.

**RESPOSTA – (PAULINO)** - HOJE ESSA DUPLA NOVA DE HOJE AI, ELES FALAM O SERTANEJO ROMÂNTICO, EU NUNCA OUVI NA NOSSA ÉPOCA O SETANEJO ROMÂNTICO É SEMPRE CAIPIRÃO MESMO NÉ, A MODA CAIPIRA NÉ COMO A TURMA DIZ NÉ.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** - O NOSSO ESTILO É DO SERTÃO, AGORA, HOJE A MÚSICA SERTANEJA ESTA POPULARIZADA ESSA É A VERDADE NÉ.

**RESPOSTA – (ZEQUINHA)** – E VOLTANDO ATRÁS, NAQUELE TEMPO EM QUE NÓS ERAMOS CRIANÇAS NÓS CANTAVA E O POVO GOSTAVA ENTENDEU, DE NÓS.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** - É, CANTAVA

**RESPOSTA – (ZEQUINHA)** – E NÓS ERA QUERIDO

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) - CANTAVA A CANÇÃO**

**RESPOSTA – (PAULINO) - ATÉ HOJE NÓS SOMOS QUERIDOS**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) –** O ZEQUINHA SE EMOCIONA QUANDO A GETNE FALA, AI É A VERDADE QUE EU ESTOU DIZENDO, MUDOU MUITO NÉ, A MÚSICA AINDA É A MESMA, MAS AS LETRAS NÉ, PORQUE TINHA AQUELE CONTEÚDO GOSTOSO DE FALAR DA LAVOURA, DA ROÇA, SO SERTÃO NÉ, DOS PASSÁROS E ASSIM POR DIANTE.

**11'38" - PERGUNTA -** É, O QUE O SENHOR TENTA COLOCAR NAS LETRAS QUE O SENHOR ESCREVE?

**11'43" RESPOSTA – (PAULINO) -** ISSO É, VEM A INSPIRAÇÃO, PORQUE QUANDO A GENTE FAZ A MÚSICA NÉ, PORQUE A MÚSICA É O SEGUINTE, PORQUE SE NÃO VIER INSPIRAÇÃO NÃO SAI NADA. ENTÃO AS MÚSICAS QUE EU TENHO, AS MÚSCIAS QUE EU ESCREVI VINHA A INSPIRAÇÃO, EU JÁ PASSAVA A MÃO NUM CADERNO, UMA CANETA OU UM LAPÍIS E COMEÇAVA A ESCREVER DE CIMA A BAIXO E JÁ SAIA A MÚSICA, A LETRA COM A MÚSICA, AI EU CONVIDAVA O ZEQUINHA E JÁ IA ENSAIAR, E NO OUTRO DIA JÁ IA PRO RÁDIO CANTAR MÚSICA NOVA, COMO O DIA DOS NAMOADOS, BOCA MENTIROSA LEMBRANDO A MODA CAMPEIRA, TOCA A SANFONA DANADA QUE EU FIZ, MAIS EM HOMENAGEM AO TERCILIO MEN ENTENDEU.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) –** ESSA, LEMBRANDO AS MODAS CAMPEIRAS, VEJA BEM, FAÇA UM VERSINHO SÓ, PRA VOCÊ VER, LEMBRA AQUILO QUE NÓS ESTAVAMOS FALANDO, A CAMPEIRA, VAI LÁ.

**RESPOSTA – (PAULINO) –** EU FIZ ESSA MÚSICA, POR QUE NÓS ESTAVAMOS CANTANDO NUM BAR E CHEGOU UM CIDADÃO E PERGUNTOU: O PAULO, CADÊ O CAVALO PRETO, CADÊ O BURRO PICASSO, AI EU CHEGUEI EM CASA

E ME INSPIREI, ENTÃO VOU FAZER UMA MÚSICA LEMBRANDO A MODA CAMPEIRA, VAMOS LÁ

**12'53" MÚSICA – LEMBRANDO A MODA CAMPEIRA**

**13'25" RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** - SÓ PRA COMPLETAR ENTÃO, CADA UMA QUE ELE TÁ PERGUNTANDO AI FORAM MÚSICA DE SUCESSO NO PASSADO, CAVALO PRETO, MINHA BALDRANA MACIA, SHOFER DA ESTRADA NÉ.

**RESPOSTA – (PAULINO)** – CADA UMA VAMOS SUPOR, BALDRANA MACIA ERA O NOME DE UMA MÚSICA, SHOFER DA ESTRADA ERA O NOME DE OUTRA MÚSICA, TRÊS BOIADERIOS, AI EU FALO, MENINO DA PORTEIRA, PARANÁ DO NORTE, ENTÃO TEM TUDO ISSO AI NÁ MÚSICA.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** - ALIÁS, VOCÊ FOI MUITO FELIZ NESSA LETRA VIU PAULO, LEMBRA, NÓS PERGUNTAMOS HOJE ATÉ PARA O RADIALISTA, CADÊ ESSAS MÚSICAS? TÁ TUDO ESCONDIDO E SEMPRE FOI SUCESSO.

**RESPOSTA – (PAULINO)** - VAMOS SUPOR, FILHO DE MATO GROSSO, QUE EU FALO TAMBÉM, QUE É UMA MÚSICA MUITO BONITA NÉ, SHOFER DA ESTRADA E ASSIM POR DIANTE.

**14'08" - PERGUNTA** - VAMOS VOLTAR PARA O FEMUCIC AGORA, O QUE VOCÊS TEM PRA FLAR SOBRE O FEMUCIC?

**14'17" - RESPOSTA – (PAULINO)** – O FEMUCIC PRA MIN É UM GRANDE FESTIVAL, INCENTIVA, NÓS TIVEMOS SORTE, FOMOS CLASSIFICADOS, DIVERSAS VEZES, PARECE QUE OITO VEZES, SEMPRE CHEGAMOS A IR LÁ EM CIMA NÉ, SE BEM DIZER, NÃO TEM PRIMEIRO LUGAR PORQUE NÃO É CLASSIFICAÇÃO, É CLASSIFICADO O SEGUINTE, É MANDADO VAMOS SUPOR, SETECENTAS, OITOCENTAS INSCRIÇÕES, MÚSICAS PRA LÁ, É

CLASSIFICADA CINQUENTA E QUATRO MÚSICA PARA APRESENTAR E NÓS, VÁRIAS VEZES, FOMOS CLASSIFICADOS ENTRE AS CINQUENTA E QUATRO MÚSICA, CERTO, E ENTRE ESSAS CINQUENTA E QUATRO, ELES SÓ ESCOLHER DEZOITO PARA UM CD, NÓS TIVEMOS A FELICIDADE DE SER DESSE MEIO JÁ TRÊS OU QUATRO VEZES COM O CD, ENTÃO PRA NÓS O FEMUCIC É UM INCENTIVO, É UM EMOÇÃO A CADA VEZ QUE A GENTE ENTRA NO PALCO.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** - É IMPORTANTE TAMBÉM ACRECENTAR QUE O FEMUCIC, ELE NÃO PEGA SOMENTE MARINGÁ E REGIÃO, ELE PEGA O PAÍS TODO NÉ, VEM GENTE LÁ DO NORDESTE, DO RIO GRANDE DO SUL, DE TODO O LADO NÉ, ISSO É IMPORTANTE, ENTÃO VEM OS ESTILOS DIFERENTES DA MÚSICA DE TODO O NOSSO PAÍS. ENTÃO VEM GENTE LÁ DO NORDESTE, DO RIO GRANDE DO SUL, DE TODO O LADO NÉ, ISSO É IMPORTANTE, ENTÃO, VEM OS ESTILOS DIFERENTES DA MÚSICA, DE TODO O NOSSO PAÍS, PORQUE, VAMOS DIZER ASSIM, NO RIO GRANDE DO SUL, TEM UM ESTILO DE GAUCHO NÉ, É O XOTE, É O VANERAÃO NÉ, E LÁ NO RIO GRANDE DO NORTE POR EXEMPLO, ENTÃO JÁ TEM UM OUTRO ESTILO, É O FORRÓ PROPRIAMENTE DITO, O PAULISTA JÁ É MAIS ARRASTA PÉ, NÓS AQUI, MAIS O SERTANEJO, E ASSIM POR DIANTE, ENTÃO EU ACHO EXCELENTE O FEMUCIC POR CAUSA DISSO, ABRANGE TODO ESTILO DE MÚSICA.

**15'54" - PERGUNTA** - E COMO QUE É FICAR NO MEIO DESSA DIVERSIDADE DE RITMO, MOSTRAR O ESTILO DE VOCÊS PRA GENTE DE DIVERSOS LUGARES DO PAÍS?

**RESPOSTA - 16'01" (PAULINO)** - ISSO É MUITO BOM PORQUE, VAMOS SUPOR, TEM O POPULAR, EU GOSTO DA MÚSICA POPULAR, SOU FAN NÚMERO UM DO NELSON GONÇALVES QUE JÁ FOI, ENTENDEU, MAS NÃO DEIXA DE O SERTANEJO, TAMBÉM DE TER O SEU VALOR, COMO O TONICO E TINOCO, QUE TEM UM VALOR TREMENDO, PALMEIRA E LUIZINHO QUE JÁ FORAM E

QUE DEIXARAM MUITA SAUDADE, ENTÃO O NOSSO LEMA É DEIXAR SAUDADE TAMBÉM COM A NOSSA PARTICIPAÇÃO A ONDE NÓS VAMOS.

**RESPOSTA – (ZEQUINHA) – E LÁ NO CAMARIM DO FEMUCIC É LEGAL.**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) - LEMBRA EXATAMENTE O NOSSO PASSADO, O NOSSO**

**RESPOSTA – (ZEQUINHA) – VOCÊ ENCONTRA O POVO DE TODO LUGAR, DE TODO O ESTADO, E ALI TEM A QUELE CONTATO TÃO LEGAL.**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) – COM TODOS OS ESTILOS MÚSICAIS**

**RESPOSTA – (PAULINO) – INCLUSIVE COM OS REPORTERES NÉ**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) – TAMBÉM COMPLETANDO, VEJA BEM, O NOSSO ESTILO MODESTO SIMPLES, SERTANEJO, VAI NOS CEDER LÁ PRO NORDESTE, PRO RIO GRANDE DO SUL, NÓS OUVIMOS ELES PELO CD E ELES TAMBÉM OUVEM NÓS, ATRAVÉS DO CD NÉ. ISSO É MUITO IMPORTANTE, QUER DIZER, É UMA MISTURA NÉ DE GÊNERO NO PAIS TODO**

**17'24'' A OPINIÃO DO ZEQUINHA SOBRE O FEMUCIC**

**17'31'' RESPOSTA – (ZEQUINHA) – O FEMUCIC É COMO DISSE O PAULINO, É LEGAL, FOI TUDO PRA NÓS E INCLUSIVE NÃO PODE PARAR, PORQUE NO ANO QUE VEM NÓS ESTAMOS NOVAMENTE LÁ COM CERTEZA, SE INSCREVEMOS LÁ, SE NÓS PASSARMOS, NÓS ESTAMOS LÁ**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) – A INTENÇÃO É DE PASSAR NÉ ZEQUINHA**

**18'08'' RESPOSTA – (PAULINO) – ENTÃO COMO EU TAVA DIZENDO, ELA PRGUNTOU QUANDO EU ME ISNPIRO NA MÚSICA, ENTÃO É DAQUELA**

MANEIRA QUE EU FALEI, ENTÃO EU SEMPRE TIVE NA MINHA VONTADE, DE GRAVAR AS MÚSICAS DE MINHA COMPOSIÇÃO, COMO TEM ESSE CD AQUI, PAULINO, ZEQUINHA E TERCÍLIO MEN, QUE LEVA O NOME DE BOCA MENTIROSA E PRIMEIR A MÚSICA DO CD É BOCA METIROSA, ISSO É DE UM CARA QUE SÓ SOFREU COM A MOÇA QUE SÓ MENTIA PRA ELE, E DEPOIS EU TENHO AQUI, LEMBRANDO A MODA CAMPEIRA, QUE FOI ESSA MÚSICA QUE NÓS CANTAMOS NO FEMUCIC, QUE FOI UM SUCESSO QUE NO OUTRO DIA, FOI UM PRAZER A GENTE VER NO JORNAL O DIÁRIO, UMA PÁGINA INTEIRA ASSIM, PAULINO, ZEQUINHA E TERCÍLIO MEN, DELIRAM O PÚBLICO COM A SUA MÚSICA, E DEPOIS TEM AQUI LUA DOS NAMORADOS QUE FOI CANTADA NO FEMUCIC E QUE SAIU EM CD E ASSIM POR DIANTE TUDO LETRA E MÚSICA MINHA, ENTÃO A MINHA HONRA, ERA GRAVAR AS MINHAS MÚSICAS, MAS NAQUELA ÉPOCA, SÓ TINHA GRAVADORA EM SÃO PAULO, E A GENTE NÃO TINHA CONDIÇÕES DE IR LÁ ME SÃO PULO GRAVAR, HOJE NÓS TEMOS GRAVADORA SE BEM DIZER, BEM NA PORTA DA COZINHA DA GENTE, É UMA GRANDE GRAVADORA QUE É ESSA AQUI, QUE É A DIGITAL, E NÃO É FUNDO DE QUINTAL, VOCÊS PODEM VER, VOCÊS PODEM RODAR NOSSO CD A VIDA TODA QUE NÃO GASTA NUNCA, ENTÃO PRA NÓS FOI UMA HONRA NÓS GRAVAR AS MINHAS MÚSICAS, NÓS TEMOS CD NO JAPÃO, NÓS TEMOS CD NOSSO NOS ESTADOS UNIDOS, NA ESPANHA, E NÓS TEMOS CD NOSSO NO BRASIL INTEIRO, COM A GRAÇA DE DEUS, COM ESSE SANFONEIRO QUE AJUDA NÓS E COM O ZEQUINHA

**RESPOSTA - (TERCILIO MEN) – ESTAMOS EM TODAS**

**RESPOSTA – (PAULINO) - VAMOS CANTAR UM PEDACINHO DA MÚSICA QUE É, EU FIZ ESSA MÚSICA, EM HOMENAGEM MAIS AO TERCILIO MEN, QUE É, TOCA A SANFONA DANADA**

**MÚSICA – TOCA A SANFONA DANADA**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) – QUEM NÃO GOSTA DE UMA SONFONINHA BEM TOCADA**

**RESPOSTA – (PAULINO) – TA NESSE CD AQUI**

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN) – TÁ NO CDZINHO AI, E ESSA NÓS TIVEMOS NO FEMUCIC COM ELA TAMBÉM, ESSA QUE FOI NO MEU PARANÁ.**

**22'44" - PERGUNTA - TEM UM TRECHINHO QUE VOCÊS CANTARAM E QUE EU GOSTARIA QUE VOCÊS CANTE QUE É A DO PSICODÉLICO DE LIMA**

**22'54" RESPOSTA – (PAULINO) – PSICODÉLICO DE LIMA É UMA MÚSICA QUE CHAMOU MUITA A ATENÇÃO, O TERCÍLIO NÃO DAVA VALOR, EU FALEI, ESSA MÚSICA É DEMAIS, AI EU DISSE QUE SE INCREVESSEMOS NO FESTIVAL TAI NESSE ALBÚM, NÓS FOMOS CLASSIFICADOS NO FESTIVAL LÁ EM JACAREZINHO PRA COMEÇAR EU NUNCA VI NA MINHA VIDA E DURANTE ESSA ÉPOCA QUE NÓS ESTAMOS PARTICIPANDO DE FESTIVAIS, UMA MÚSICA SER BIZADA, E NÓS FOMOS BIZADOS E TIVEMOS QUE CANTAR A MÚSICA DUAS VEZES NO PALCO, QUE O PESSOAL GOSTARAM DEMAIS, PSICODÉLICO DE LIMA, VAMOS LÁ**

**MÚSICA – PSICODÉLICO DE LINHA**

**26'52" - PERGUNTA - A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ FORAM PARTICIPAR DO FEMUCIC, QUE MÚSICA QUE ERA**

**26'57" RESPOSTA – (PAULINO) – A PRIMEIRA MÚSICA ERA, QUE NÓS PARTICIPAMOS, FOI LUA DOS NAMORADOS, É QUE SAIU GRAVADO EM CD A PRIMEIRA MÚSICA MINHA QUE SAIU GRAVADO EM CD. FOI ISSO QUE ME INPIROU EM GRAVAR TODAS AS MINHAS MÚSICAS**

**MUSICA – LUA DOS NAMORADOS**

**30'36" - RESPOSTA – (TERCILIO MEN) – ATÉ A LUA CHEGA A CHORAR**

**RESPOSTA – (PAULINO) – ESSA FOI A PRIMEIRA MÚSICA GRAVADA NO CD**

NOSSO, NOSSO NÃO, DO FEMUCIC E QUE LEVOU MUITA ALEGRAI PRA NÓS, NÉ TERCÍLIO, DEVE ESTAR AQUI ASSIM O CD

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** – MAS ANTES DE VOCÊ ENCERRAR ENTÃO, EM NOME DO PAULINO E ZEQUINHA, EU TERCILIO QUERO AGRADECER, A VOSSA PASCÊNCIA E O VOSSO CAPRICO, A INTENÇÃO BOA DE VIR ATÉ AQUI NA CASA DO PAULINO E FAZER ESSA ENTREVISTA E QUE SIRVA DE EXEMPLO ATÉ PARA OUTRAS DUPLAS QUE ESTÃO INICIANDO QUE NÓS AQUI, SETENTA E CINCO, SETENTA E SETE E SETENTA E NOVE ANOS, AINDA ESTAMOS COM CORAGEM DE TOCAR E ANIMAR FETAS POR AI, MUITOS BEM, BEM MAIS NOVOS QUE A GENTE JÁ ESTÃO DESISTINDO, NÃO PODE, VAMO CONTINUAR, OBRIGADO UMA VEZ MAIS A TODOS VOCÊS

**RESPOSTA – (ZEQUINHA)** – AGRADEÇO AO VOSSO CARINHO E TUDO VIU

**RESPOSTA – (PAULINO)** – EU AGRADEÇO DE CORAÇÃO, A PORTA ESTA ABERTA PRA QUANDO VOCÊS QUISEREM CHEGAR AQUI, MUITO BORGADO POR TUDO QUE VOCÊS FIZERAM POR NÓS.

**RESPOSTA – (TERCILIO MEN)** – CONTINUE PRESTIGIANDO O SERTANEJO

**DVD 13 – ENTREVISTA COM MADAN**

**PERGUNTA:** FALA SÓ SEU NOME E DE ONDE VOCÊ VEIO.

**RESPOSTA:** MADAN, VIM DE SÃO PAULO, É ISSO?

**COMENTÁRIO - (E O VIOLÃO TA SAINDO NESSE MICROFONE AQUI?)**

MADAN CANTANDO O TRECHO DE UMA MÚSICA: “ESTOU CEGO A TODAS AS MÚSICAS. NÃO OUVI MAIS O CANTAR DA MUSA”.

**COMENTÁRIO** - (VOCÊ NÃO VAI COM O MICROFONE – TIPO FERNANDO FARO – FERNANDO FARO QUE

**01:22 - PERGUNTA** - BOM, VAMOS COMEÇAR FALANDO UM POUQUINHO DA SUA MÚSICA. COMO VOCÊ CLASSIFICA O SEU ESTILO DE MÚSICA?

**01:28 – RESPOSTA** - ENTÃO, EU JÁ COMPUS VÁRIOS ESTILOS DE MÚSICAS. MEU PRIMEIRO CD DE 1999, TINHA BOSSA NOVA, UM SAMBINHA. FALO SAMBINHA PORQUE É SAMBINHA MESMO PORQUE SAMBA, QUEM SABE FAZER SAMBA. GODIE E VÁRIOS OUTROS AUTORES SAMBISTAS MESMO. MAS EU ACHO QUE O MEU É SAMBINHA. ENTÃO, SAMBA, FOLK, CANÇÕES, FUNK. AI O PRIMEIRO CD. AI EU PAREI DE FAZER BOSSA NOVA, SAMBA, ESSA COISA MAIS MPB EU DEI UMA PARADA.

02:10 – E AI ULTIMAMENTE EU TENHO FEITO, O SEGUNDO DISCO JÁ ERA FOLK ROCK. SÓ QUE TINHA UMA PITADAS DE JAZZ, POR QUE OS MÚSICOS ERAM JAZZISTAS, ROQUEIROS JAZZISTAS, FUSION ROCK JAZZ, NÉ. MAS EU TO GRAVANDO O QUINTO CD QUE É BEM FOLK ROCK MESMO, QUE SERIAM COM AS GUITARRAS MAIS PESADAS MESMO, MAIS SUJAS, ROCK, NÉ.

02:32 -ENTÃO É A PRAIA QUE EU TO MAIS FAZENDO.

**02:36 – PERGUNTA** – E DE QUANDO VOCÊ COMEÇOU AINDA, COMO QUE FOI A IDÉIA DE VOCÊ COMEÇAR A CANTAR. DE ONDE SURTIU ESSE ENCANTAMENTO PELA MÚSICA?

**02:44 – RESPOSTA** – A MÚSICA, EM PRIMEIRO LUGAR, FOI, DESDE QUE EU NASCI EU OUVI MEU PAI TOCANDO BANDOLIM. MEU PAI ERA GUARDA CIVIL, E ELE TOCAVA BANDOLIM AMADOR, TOCAVA NOS CLUBINHO DA ZONA LESTE DE SÃO PAULO ALI. E AI EU COMECEI A TOCAR COM ELE O BANDOLIN. TOQUEI, TOCAVA MUITO BEM ATÉ OS QUATORZE ANOS TOQUEI MUITO BEM. E AI QUANDO ELE MORREU, SIMPLEMENTE MORREU A MÚSICA PRA MIM, MORREU O BANDOLIN, MORREU, ESQUECI TUDO. TANTO QUE CHOROS, VALSAS, FADOS, ESSAS COISAS ANTIGAS, ESSA MÚSICA ANTIGAS, DA

ÉPOCA DELE, LÁ.

03:25 – ENTÃO EU ESQUECI TUDO. E AI DEPOIS COM 16 ANOS EU VI O ELTON JHON COM “GOOD BYE ...”. E AI EU OUVI, GOSTEI PRA CARAMBA AI ME DESPERTOU NOVAMENTE PRA MÚSICA. E AI EU COMECEI A CURTIR MAIS O ROCK INGLÊS. (FALA O NOME AS BANDAS QUE TOCAM ROCK INGLÊS), COMECEI A CURTIR MAIS O ROCK INGLÊS.

**03:55 – PERGUNTA –** E ESSA QUESTÃO DE VOCÊ COMEÇAR A CANTAR POESIA?

**04:02 – RESPOSTA –** AI ACONTECEU TAMBÉM SEM QUERER, FOI EM 1980, EM UM FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR EM JALES, INTERIOR DE SÃO PAULO, E O FRANCISCO VALDO ALBUQUERQUE, QUE É UM PARAIBANO PORRETA, UM PARAIBANO QUE MORA EM JALES HÁ MUITO TEMPO, NÉ. ME DEU DE PRESENTE O PRIMEIRO LIVRO DE POESIA DELE. O “CANTO SEMENTAL LIVRE”. E AI COMECEI A MUSICAR OS POEMAS DO VALDO. O PRIMEIRO LIVRO DELE.

04:32 – AI EU LEMBRO QUE NO MESMO ANO, ASSIM EU JÁ MUSIQUEI VÁRIOS POEMAS. (CANTA UM POEMA QUE ELE MUSICOU)

04:51 – OLHA O FUNK AQUI, NÉ. E AI COMEÇOU AI A HISTORIA DE MUSICAR POEMA. LIVRO, LIVRO, FOI INDO LIVRO. ALGUMAS PESSOAS ME DAVAM O POEMA, AI EU FUI DESCOBRINDO LIVROS. MINHA EX-MULHER, QUE MOREI DEZ ANOS DE 1991 A 2001 ME MOSTROU UM LIVRO DA DÉLIA PRADO, EU MUSIQUEI. E AI FOI INDO. NATURAL.

**05:10 – PERGUNTA –** E VOCÊ TINHA ALGUMA INTENÇÃO QUANDO VOCÊ COMEÇOU A FAZER ISSO. O QUE VOCÊ QUERIA TRANSMITIR PARA AS PESSOAS? TINHA ALGUMA MENSAGEM?

**05:19 – RESPOSTA –** NÃO. NÃO TINHA NENHUMA MENSAGEM. FOI OS

POEMAS, INTUITIVAMENTE FUI ESCOLHENDO OS POEMAS. E UMA ÉPOCA ERA MUITO INTUITIVO AO PONTO DE EU NEM, ENTENDER. DE EU MUSICAR SEM SABER O QUE EU ESTAVA FALANDO. AI DEPOIS DE MUSICAR E FICAR REPETINDO, REPETINDO EU COMEÇAVA A ENTENDER O QUE O POEMA QUIS DIZER.

05:42 – ENTÃO UMA COISA TÃO FORTE DA MÚSICA. A PALAVRA TRAZENDO A MÚSICA. E DEPOIS, AGORA QUE EU APRENDENDO UM POUQUINHO MAIS TA SENDO MAIS DIFÍCIL DE MUSICAR POEMA. QUANTO MAIS VOCÊ SABE PIOR AINDA.

LEMBRO UM POETA, ADEMIR ASSUNÇÃO, FALO, POXA VOCÊ ESTUDOU, VOCÊ FAZ ISSO. AI EU, NÃO, NÃO SEI NADA, NUNCA ESTUDEI. ENTÃO NÃO ESTUDA. TO EU QUERO ESTUDAR, ELE NÃO, NÃO ESTUDA NÃO, FICA ASSIM. DO JEITO QUE TÁ, TA BOM. MAS EU QUERO, QUERO TA MAIS POR DENTRO DA POESIA, DA LITERATURA. PRA SABER OS DADOS E TALS. MAS O PROCESSO É MUITO INTUITIVO.

06:16 – AGORA OS TEMAS ULTIMAMENTE EU TENHO ESCOLHIDO MAIS. O MEU CD NOVO É SOLIDÃO. O TEMA BÁSICO É SOLIDÃO. ENTÃO MUITAS CANÇÕES DE SOLIDÃO. DE VÁRIAS TEMÁTICAS ASSIM, MAS SEMPRE TENDO UM POUQUINHO DE SOLIDÃO. MAS EU GOSTO DE CANTAR TODO O TIPO DE TEMAS. VÁRIOS TEMAS, NÉ. MÍSTICO, GOSTO MUITO DE POESIA MÍSTICA, NÉ. MÚSICA DE HOMAR CAIANO, RUBAIA, NÉ.

**06:50 – PERGUNTA** – E QUANTO AO CD INFANTIL? COMO É QUE VEIO A IDÉIA DE FAZER UM CD INFANTIL?

**06:55 – RESPOSTA** - O CD INFANTIL FOI EM 94. ATÉ 94 EU FAZIA ESSE TRABALHO DE MUSICAR POEMAS E ACHAVA ESQUISITO, NÉ. POR QUE, ATÉ HOJE TEM UM CERTO PRECONCEITO. QUEM É MÚSICO, FAZ A MÚSICA E O LETRISTA FAZ A LETRA, É MAIS VALORIZADO DO QUE EU QUE FAÇO MÚSICA SOBRE POEMAS.

07:18 - MAS É O INVERSO, UM PROCESSO INVERSO. E COM O ZÉ PAULO PAES, EM UMA MATÉRIA NA FOLHA DE SÃO PAULO. NÃO CONHECIA, QUEM É ESSA CARA. POXA, O POEMA DELE É PÓS-EPITALAMIO, NÉ. PÓS-EPITALAMIO É PÓS-CASAMENTO. MANY, MANY GLOVES. UM DIA VOCÊ FAZ SOL OUTRO DIA VOCÊ CHOVE. MANY, MANY GLOVES, HOJE VOCÊ ME IRRITA, AMANHÃ VOCÊ ME COMOVE. MANY, MANY GLOVES, UMA PROVA DOS NOVE OR JUST LOVE. LOVE IS THIS MANY, MANY GLOVES.

07:52 – ACHEI FANTASTICO, NÉ. FALEI QUEM É ESSE. AI EU MUSIQUEI LEVEI PRA ELE, ELE GOSTOU. AI ALI EM 94, QUE CAIU A FICHA, O ZÉ PAULO ABENÇOANDO ALI, DANDO O AVAL. É ISSO QUE EU FAÇO MESMO E.

08:07 – AI EU TAVA NUM LUGAR QUE EU DAVA AULA, LUGAR BENEFICENTE, DAVA AULA DE VIOLÃO. E AI TINHA UM LIVRO INFANTIL. AI TINHA UM POEMA DO ZÉ PAULO INFANTIL. AI LIGUEI PRA ELE, OW VI UM POEMA INFANTIL. A SIM, TEM VÁRIOS LIVROS, VEM AQUI QUE EU VOU TE DAR DE PRESENTE.

08:25 – AI ELE ME DEU POEMAS PRA BRINCAR, QUE É A BASE MEU CD INFANTIL “BRINCANDO COM PALAVRAS”. E MEUS SHOWS, JÁ FIZ VÁRIOS SHOWS DESDE 2000 MUITOS SHOWS INFANTIS. EU UMA ATRIZ UM PERCURSIONISTA CANTOR, ESTAMOS VOLTANDO COM SHOWS AGORA NOVAMENTE. E AI, ME DEU POEMAS PRA BRINCAR, QUE O CLÁSSICO DELE, FIQUEI DUAS SEMANAS RINDO, BRINCANDO E EU SÉRIO, MAIS SÉRIO. MINHA EX-MULHER FALAVA, EU NUNCA VI VOCÊ RIR TANTO.

08:55 – ZECA BALEIRO ATÉ ESCREVE: “O MADAN TA BRINCANDO COMO CRIANÇA BRINCANDO”, ELE FALOU BEM ISSO MESMO. VIREI CRIANÇA MUSICANDO.

09:05 – TRECHO DE UMA MÚSICA DO CD INFANTIL.

09:33 – ENTÃO TEM MUITO HUMOR NO POEMA DO ZÉ PAULO PAES PARA AS CRIANÇAS. E É UM TRABALHO FANTÁSTICO DO JOSÉ PAULO PAES PARA AS CRIANÇAS. DEPOIS DA CECÍLIA MEIRELLES PRATICAMENTE TEM O ZÉ ELIAS TAMBÉM QUE EU NÃO CONHEÇO BEM. MAS O ZÉ, DEPOIS DA CECÍLIA MEIRELLES PARA AS CRIANÇAS É UM TRABALHO BELÍSSIMO.

09:52 – EM SÃO PAULO AGORA EU FIZ UM SHOW NA BIBLIOTECA ALCIR MOROSO LIMA E FORAM SEIS OU SETE CRIANÇAS LÁ. MEUS FÃS. TOCAM AS MÚSICAS, CANTAM, FAZEM TRABALHO, FAZEM DESENHO, FAZEM TUDO, ENTÃO EU FICO MUITO FELIZ, DANDO CONTINUIDADE NO TRABALHO DE ZÉ PAULO PAES QUE MORREU EM 98 DIA 9 DE OUTUBRO, QUASE DIA DAS CRIANÇAS, NÉ. ELE NÃO QUIS COMPETIR COM AS CRIANÇAS. ELE MORREU DIA NOVE, NÉ. ELE ERA FANTÁSTICO, UM POETA FAMOSO QUE EU TIVE MAIS CONTATO, VÁRIAS VEZES FUI NA CASA DELE TOCAR VIOLÃO. ELE NÃO ERA PROFISSIONAL MAS TOCAVA VIOLÃO. CONVERSAMOS, ERA UM POETA. O AROLDINO DE CAMPOS TAMBÉM. TODOS OS POETAS ME DERAM UMA FORÇA. O AROLDINO DE CAMPOS, PARTICIPOU DO MEU PRIMEIRO CD, TRÊS FAIXAS ELE FALOU. TODOS OS POETAS QUE EU MUSIQUEI, ARNALDO ANTUNES, ODÉLIA PRADO, TEM OS NOVOS AI. O ADEMIR ASSUNÇÃO. UM MONTE, ELES GOSTAM PORQUE A DÉLIA PRADO CHEGOU E DISSE, NOSSA EU NUNCA IMAGINEI QUE O NÍMICO, O POEMA NÍMICO DELA VIRARIA MÚSICA, NÉ. ELES FICAM ASSIM, ELE NÃO IMAGINA A MÚSICA, NÉ E A GENTE FAZ A MÚSICA E ELES GOSTAM. A MÚSICA SAI DO VIRTUAL, SAI DO PAPEL. ELA PODE SER CANTAROLADA E TUDO MAIS, ENTÃO É INTERESSANTE.

**11:09 – PERGUNTA** – E COMO QUE É, QUAL A ACEITAÇÃO DO PÚBLICO QUANDO VOCÊ DEIXOU DE CANTAR UM ESTILO PRA CANTAR OUTRO.

**11:21 – RESPOSTA** – NÃO, MAS EU SEMPRE FIZ ISSO. DESDE 80. E DÉCADA DE 80 INÍCIO DE 90 EU PARTICIPEI DE MUITOS FESTIVAIS. E FESTIVAIS COMPETITIVOS, NÃO QUE NEM O FEMUCIC QUE É UMA MOSTRA. E REALMENTE TEM CERTA RESISTÊNCIA COM OS POEMAS. POR QUE É

DIFERENTE DE LETRA DE MÚSICA, NÉ. TEM UMA DIFERENÇA, É MAIS DENSO. TEM UMA DENSIDADE, TEM VÁRIOS SIGNIFICADOS. NÃO TEM AQUELA COISA DE LETRA DE MÚSICA QUE GERALMENTE É MAIS SIMPLES.

11:55 – ENTÃO JÁ GANHEI FESTIVAIS. NÃO TANTOS POR QUE A POESIA É UM POUCO MAIS DIFÍCIL. AS PESSOAS NÃO ESTÃO ACOSTUMADAS AINDA. MAS EU SEMPRE CANTEI POESIA.

12:05 – NÃO, EU CANTAVA TAMBÉM, ISSO É VERDADE, EU CANTAVA TAMBÉM, CANÇÕES MÍSTICAS QUE ERA LETRAS MINHAS. AI ERA COISA DE AMOR E COISAS MÍSTICAS ASSIM. MAS ERA BEM SIMPLES, BEM..

12:17 – AI EM 91 NO RIO DE JANEIRO, EU LANCEI EM 89 CANÇÕES MÍSTICAS QUE ERA SÓ COM COISAS MÍSTICAS. AI EM 91 EU FIZ UM CD QUE NÃO TA EM CD AINDA QUE DEU SETE MÚSICAS. QUE AI É POP, QUATRO MÚSICAS POP E TRÊS NEW AGE POP. MAS AI A PARTIR DE 91 EU SEGUI UMA LINHA MAIS DA MPB. NA LINHA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. SAI DA LINHA NEW AGE.  
12:48 – NEW AGE CANTADA, NÉ. TEM ALGUMAS PESSOAS HOJE EM DIA QUE FAZEM NEW AGE CANTADA.

12:54 – MAS PRETENDO, ESTOU ESTUDANDO OS POETAS MÍSTICOS, DA PÉRSIA. ROMI, RAFIZ.. ENTÃO PRETENDO VOLTAR COM OS POEMAS MÍSTICOS. DOS GRANDES POETAS MÍSTICOS, EU NÃO ESCREVO NÃO. DEIXA ELES ESCREVEREM PORQUE ELES SABEM MUITO.

**13:16 – PERGUNTA –** E EM RELAÇÃO A MÚSICA DE HOJE, SAISSUSSAUÁ. É UMA LETRA EM TUPI, NÉ. ALIÁS, O TÍTULO EM TUPI, POR QUE ESSE TÍTULO?

**13:31 – RESPOSTA -** O POEMA É DA OLGA (SOBRENOME) ELA É DE BELÉM DO PARÁ. NASCEU NO BELÉM DO PARÁ. FOI CRIADA LÁ E FOI PRO RIO DE JANEIRO E MORA NO RIO DE JANEIRO ATÉ HOJE. ENTÃO ELA TEM TODO UM

LANCE D BELÉM DO PARÁ, AMAZÔNIA, TEM UM ESTUDO TAMBÉM DA LINGUA TUPI, TEM OUTRA MÚSICA QUE CHAMA MIRAIU, QUE QUER DIZER GENTE DE FLECHA ÍNDIO. EU MUSIQUEI TAMBÉM AS PESSOAS GOSTAM. ELA FALA ALGUMAS PALAVRAS EM TUPI, ENTÃO ELA TEM ESSE ESTUDO E FAZ POEMAS COM ESSAS PALAVRAS EM TUPI.

14:03 – SAISSUSSAUÁ É UMA, SIGNIFICA AMOR, ELA COLOCOU AMOR, AMADO, NÉ. ENTÃO É UMA CANÇÃO DE AMOR, É UMAS DAS CANÇÕES QUE EU MAIS GOSTO. E NÃO TENHO FEITO SHOWS PORQUE É OUTRA AFINAÇÃO DO VIOLÃO, TEM QUE MUDAR. O IDEAL É TER OUTRA VIOLÃO, AFINADO JÁ E PEGAR. MAS É UMA CANÇÃO QUE EU GOSTO MUITO. E É AMOR. É UMA COISA QUE EU TAMBÉM QUERO CANTAR. ALÉM DOS POEMAS MÍSTICOS EU QUERO CANTAR. POEMAS DE AMOR UMA COISA MAIS DE AMOR.

14:35 – O QUINTO CD QUE EU TO GRAVANDO É TUDO MUITO PESADO, TUDO MUITO. OS POETAS SÃO DE SÃO PAULO E PARANÁ. PAULO LEMISNKI, RODRIGO GARCIA LOPES (LONDRINA), ADEMILIO ASSUNÇÃO MOROU EM LONDRINA, AI TEM ALGUNS SÃO PAULO E PARANÁ. E TUDO TEMAS MUITO FORTES. EU TO GRAVANDO PRA. POR QUE EU TO QUERENDO CANTAR COISAS MAIS SIMPLES, AS VEZES O SHOW FICA MUITO PESADO E EU MUSIQUEI TAMBÉM FREI TITO, FREI BETO. ENTÃO CONTA A HISTORIA DA VIDA DO FREI TITO, E ELE FOI TORTURADO, ELE VAI CONTANDO A HISTORIA, MUITO PESADO. SÃO FORTES, COISAS FORTES. ESSA DO FREI TITO, TORTURADO, VAI TORTURADO ATÉ QUE ELE SE ENFORCOU E TAL. TEM GENTE QUE AMA, MAS TEM GENTE QUE ODEIA. OU AMA OU ODEIA, O FREI TITO É BEM FORTE, NÉ.

15:37 – ENTÃO EU TO QUERENDO AOS POUCOS TER UMA LEVEZA. QUE NEM SAUSSUSSAUUA. SAUSSUSSAUUA HOJE É UMA CANÇÃO DE AMOR, UMA CANÇÃO LEVE, UMA CANÇÃO BONITA, NÉ. COM A INTENÇÃO DE FAZER CANÇÕES PARA VIOLÃO, VOZ E VIOLA DE AÇO. COM FÁBIO (SOBRENOME). ENTÃO A GENTE VAI PEGAR SÓ ESSAS FUNÇÕES ASSIM. EU GOSTO MUITO

DE JHONY STALOR.

**16:16 – PERGUNTA** - E VOCÊ ESCREVE TAMBÉM. POEMAS ASSIM?

**16:20 – RESPOSTA** - NÃO, NÃO. SÓ ESCREVI CANÇÕES MÍSTICAS. ATÉ A DÉCADA DE 80 EU ESCREVI SÓ CANÇÕES MÍSTICAS. E ULTIMAMENTE TENHO ESCRITO SÓ, AFORISMO, SILOGISMO SÓ POESIAS PEQUENINHAS. ESSES DIAS, INCLUSIVE, TEVE . NO MEU LEITO DE MORTE, DIREI, NÃO MORRAM. ENTÃO SÓ TEXTOS, SÓ FRASES. ISSO É INFLUÊNCIA DO SENHOR ( NOME) UM FILÓSOFO ROMENO QUE MOROU NA FRANÇA. O SENHOR AN TEM MUITO SILOGISMO, AFORISMO. O NITCHI TAMBÉM TEM. ALGUNS FILÓFOS TEM, GOSTO MUITO DE FILOSOFIA TAMBÉM. ENTÃO EU NÃO ESCREVO POESIA NÃO. NÃO QUERO VIRAR POETA. JÁ TEM MUITO POETA JÁ. FILÓSOFO EU NÃO TENHO COMPETÊNCIA PRA SER FILÓSOFO. NEM SEI O QUE ESCREVER. VOU ESCREVER QUALQUER COISA.

**17:18 – PERGUNTA** – É A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ PARTICIPA DO FEMUCIC?

**17:20 – RESPOSTA** – NÃO, É A SEGUNDA VEZ.

**17:22 – PERGUNTA** - E QUANDO VOCÊ PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ, COMO VOCÊ TEVE ACESSO, COMO VOCÊ SABIA QUE TAVA ACONTECENDO O FESTIVAL, QUEM FOI QUE FALOU PRA VOCÊ?

**17:31 – RESPOSTA** – NA ÉPOCA, EU LEMBRO QUE EU TINHA VINDO EM MARINGÁ. NA ÉPOCA QUE O FESTIVAL É COMPETITIVO. HÁ MUITO TEMPO. AI DEPOIS VIROU MOSTRA. AI EU FIQUEI SABENDO, NÃO SEI, ACHO QUE ATRAVÉS DO BETO SANTOS, QUE UM OUTRO AMIGO NOSSO QUE. FIQUEI SABENDO, NÃO SEI. TINHA UM SITE DE FESTIVAIS DO BRASIL.COM.BR NÃO SEI SE TINHA LÁ. FIQUEI SABENDO DE ALGUÉM, DE ALGUM AMIGO.

**18:00 – PERGUNTA** – E O QUE VOCÊ TEM A ME DIZER, É, A SUA OPINIÃO EM

RELAÇÃO AO FESTIVAL. O QUE VOCÊ ACHA DO FESTIVAL TRAZER ESSA DIVERSIDADE, TRAZER GENTE DE TODOS OS LUGARES DO BRASIL. SENDO UMA MOSTRA.

**18:15- RESPOSTA** – ISSO QUE EU TAVA DISCUTINDO, NUM GRUPO DE EMAIL, COM VÁRIAS COORDENADORES DE FESTIVAIS QUE A IDÉIA, EU SOU A FAVOR DE MOSTRA, OU UM FESTIVAL QUE DÊ CONDIÇÕES DE TODO MUNDO GANHAR A GRANA, E TUDO BEM QUE SEJA COMPETITIVO. TEM FESTIVAL QUE TEM TRINTA E CINCO MIL PRIMEIRO LUGAR, DEZ NO SEGUNDO, CINCO NO TERCEIRO. QUEM É TÃO MELHOR PRA GANHAR TRINTA E CINCO MIL, NINGUÉM É TÃO MELHOR ASSIM, ENTENDEU. AI EU FALO, ENTÃO TEM QUE NIVELAR. ENTÃO DEI VÁRIAS IDÉIAS PRA UM MONTE DE GENTE AI DOS FESTIVAIS. EU ACHO QUE A MOSTRA DE MARINGÁ É LEGAL MAS PRECISA MELHORAR A AJUDA DE CUSTO. AUMENTA A AJUDA DE CUSTO PRA. QUEM NEM, UM AMIGO NOSSO DO PIAUÍ, 500 REAIS, NÃO DÁ, VAI TER QUE PAGAR DO BOLSO.

19:10 – EU PROFISSOINALMENTE, NÃO POSSO IR EM FESTIVAL QUE NÃO TEM AJUDA DE CUSTO. EU NUM VOU. PORQUE EU NÃO VOU TIRAR DO BOLSO PRA TOCAR. EU JÁ FIZ EM 80, 90, EU FIZ MUITO SHOWS ASSIM, HOJE EU NÃO FAÇO MAIS. MAS O FEMUCIC É MUITO IMPORTANTE, ACHO QUE SÓ ISSO DE AUMENTAR UM POUCO A AJUDA DE CUSTO. E ESSA ESTRUTURA DE HOTEL, ALIMENTAÇÃO, PASSAGEM E NO CASO DE NÃO SER COMPETITIVA TAMBÉM É LEGAL., É BEM LEGAL. O BOM É QUE NÃO FICA AQUELE CLIMA.

AS VEZES TEM 20 CLASSIFICOS E TEM TRÊS PRÊMIOS. AI FICA AQUELA LOUCURA, OS VINTE NAQUELA INVEJA. NAQUELA DISPUTA. QUEM É MELHOR, QUEM É PIOR, NÃO DÁ PRA. UM FUNK, UMA MODA DE VIOLA, UM RAPENTE, UM RAP. TUDO COM LETRAS BOAS TUDO, NÃO DÁ PRA VER QUEM É MELHOR. OU UMA COISA MAIS MPBZONA, REBUSCADA. TUDO BEM É BONITA REBUSCADA, MAS NÃO É POR ISSO QUE É UMA MÚSICA MELHOR TAMBÉM. EU TENHO MÚSICA DE QUATRO ACORDES QUE MÚSICOS QUE

TOCAM MUITO BEM GOSTAM. POR ISSO QUE EU NÃO GOSTO DE  
COMPETIÇÃO. MAS SE OS ORGANIZADORES QUEREM TER COMPETIÇÃO,  
TUDO BEM . MAS A MAIORIA DOS FESTIVALEIROS QUE TEM POR AI, ELES  
QUEREM A PREMIAÇÃO LÁ EM CIMA. UM FALO UM ABSURDO, SE EU  
GANHASSE 50 MIL, EM PRIMEIRO LUGAR, EU GANHEI O ANO. MAS ELE NÃO  
GANHOU UM ANO. POR QUE ELA VAI NO OUTRO PRA GANHAR O ANO DE  
NOVO. ELE VAI GANHAR VÁRIOS ANOS.

20:48- SE ELE GANHASSE O ANO E PARASSE, MAS NÃO PARA. ENTÃO O  
PESSOAL DO FESTIVAL SÓ QUEREM GANHAR DINHEIRO. ELES NÃO ESTÃO  
PREOCUPADOS. ELE NÃO FAZEM MÚSICA IGUAL A GENTE, FAZ A MÚSICA E  
“PUTZ, QUE LEGAL”. EU NÃO FAÇO MÚSICA PENSANDO EM FESTIVAL, ELES  
FAZEM PENSANDO EM. MUITA GENTE FAZ ISSO. PENSANDO EM FESTIVAL.  
COMO O JURADO VAI SE PORTAR, COMO O PÚBLICO, AQUELE REFRÃO, PA,  
PA. CADA UM TEM A SUA FORMA, NÃO É UMA FORMA SÓ, CADA UM TEM A  
SUA FORMA.ENTÃO ISSO EU NÃO FAÇO, POR ISSO QUE EU NUNCA ME DEI  
BEM POR QUE A MINHA MÚSICA NUNCA FOI FEITA PRA UM FESTIVAL. NÃO É  
MÚSICA DE FESTIVAL.

21:29 – POR ISSO QUE MARINGÁ EU SEMPRE ENTRO AQUI POR QUE UM  
TRABALHO AUTORAL. QUE É LEGAL QUE ELES DÃO ABERTURA PARA  
TRABALHOS VERDADEIROS MESMO. E NÃO TRABALHOS ARMADOS DE  
FESTIVAL, NÉ.

#### **DVD 15 – ENTREVISTA COM RICARDO DENCHUSKI E LEONARDO MARIANI**

**00:14 – PERGUNTA -** FALA O NOME DE VOCÊS E DE ONDE VIERAM

**00:15 – RESPOSTA – RICARDO -** EU SOU RICARDO DENCHUSKI, NATURAL  
AQUI DE MARINGÁ.MAS TO HÁ 16 ANOS, VAI FAZER 16 ANOS, EM CASCAVEL.  
ENTÃO TO VINDO DE CASCAVEL PRO FEMUCIC.

**00:27 – RESPOSTA – LEONARDO** - EU SOU LEONARDO MARIANI, E SOU DE CASCAVEL TAMBÉM.

**00:36 – PERGUNTA** – VOU PERGUNTAR MAS, APESAR DA GENTE JÁ SABER, PODE SER QUE A GENTE USE, NÉ. QUAL É O ESTILO DE MÚSICA DE VOCÊS? COMO VOCÊS CLASSIFICAM O ESTILO DE MÚSICA DE VOCÊS?

**00:44 – RESPOSTA - RICARDO** – OLHA, É, NÓS AMAMOS MÚSICA EM GERAL, HOJE DEVIDO AO PROJETO QUE A GENTE TEM JUNTO, A ORQUESTRA PARANAENSE DE VIOLA CAIPIRA, LÁ DE CASCAVEL, MAIS A VIOLA DE ARAME A GENTE TEM TOCADO MUITO MÚSICA CAIPIRA.

01:00 - MAS ESSE PROJETO MEU COM O LEONARDO, É UM PROJETO DE MÚSICA INSTRUMENTAL. ENTÃO ELE TEM ASSIM, UMA LINGUAGEM DE MÚSICA MAS AO MESMO TEMPO A GENTE NÃO TA MUITO PRESO A ISSO, NÉ. A GENTE TA PENSANDO EM TOCAR MÚSICA INSTRUMENTAL. ENTÃO, INDEPENDE DO GÊNERO, DO ESTILO.

**01:19 – RESPOSTA - LEONARDO** – É, A VIOLA CAIPIRA, A GENTE VÁRIAS POSSIBILIDADES NA VIOLA, NÉ. ENTÃO ISSO FAVORECE PARA QUE A GENTE POSSA ALCANÇAR OUTROS GÊNEROS E NÃO SÓ MESMO A MÚSICA CAIPIRA, A MÚSICA RAIZ, MAS COMO O CHORINHO, MÚSICA FLAMENCA, QUE A GENTE APRENDEU COM UM GRANDE VIOLEIRO CHAMADO FERNANDO DEG.

01:43 - INCLUSIVE ELE LANÇOU UM LIVRO DELE COM O NOME “A VIOLA BRASILEIRA E SUAS POSSIBILIDADES”. ENTÃO TEM MUITA POSSIBILIDADE PRA FAZER NA VIOLA. TEM MUITA COISA INTERESSANTE QUE DÁ PRA TOCAR NA VIOLA.

**01:54 – RESPOSTA - RICARDO** – ATÉ O FATO DE QUE, POR EXEMPLO, POSSUI MAIS DE TRINTA AFINAÇÕES. MAIS DE QUARENTA NOMES DE AFINAÇÕES, MAS SÃO TRINTA TIPOS DE AFINAÇÕES DIFERENTES. ENTÃO, É IMPRESSIONANTE, NÉ, A RIQUEZA DA VIOLA CAIPIRA.

**02:11 – PERGUNTA –** O QUE LEVOU VOCÊS A TER ESSE INTERESSE PELA MÚSICA.QUAIS AS INFLUÊNCIAS QUE VOCÊS SOFRERAM?

**02:20 – RESPOSTA - LEONARDO –** AH, A MAIOR INFLUÊNCIA MUSICALMENTE FALANDO, FOI O RICARDO ASSIM, NÉ, POR QUE EU FAÇO AULA COM ELE DESDE OS NOVE ANOS DE IDADE ASSIM, NÉ. 02:31 - E EU TINHA UM PENSAMENTO, EU GOSTAVA MUITO DE ROCK IN ROLL E TINHA ATÉ UM CERTO PRECONCEITO PELA MÚSICA CAIPIRA. EU TINHA DOZE ANOS QUANDO COMECEI A OUVIR MÚSICA INSTRUMENTAL, ELE COMEÇOU, NA CASA DELE ELE TEM UMA INCICLOPÉDIA, TEM UMA BIBLIOTECA LÁ DE MÚSICA E, MUITO LIVRO TAMBÉM, NÉ. 02:52 - ENTÃO LÁ FOI UM APRENDIZADO E TEM SIDO UM APRENDIZADO ATÉ HOJE. TEM MUITO MATERIAL NA CASA DO RICARDO LÁ E MUITA MÚSICA BOA E EU COMECEI A OUVIR MÚSICA INSTRUMENTAL NA CASA DELE.

03:03 – AI, COM A VIOLA CAIPIRA, ATRAVÉS DO PROJETO DA ORQUESTRA DE VIOLA, NÉ, EU JÁ TRABALHAVA COM ELE SENDO AUXILIAR DE MÚSICA NUMA ESCOLA LÁ EM CASCAVEL, AI ELE TEVE O CONVITE PRA SER MAESTRO DA ORQUESTRA PARANAENSE DE VIOLA CAIPIRA E EU FUI JUNTO, NÉ. 03:24 - EU JÁ TAVA COM ELE, FUI JUNTO, COMECEI A TOCAR VIOLA EU TINHA DOZE ANOS E AI FOI UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM E TEMPO MESMO, NÉ.

03:37 – O IVAN VILELA, É UMA OUTRA REFERENCIA PRA GENTE. ELE VEIO EM 2004 PRA CASCAVEL. E ABRIL A NOSSA MENTE PRA MÚSICA INSTRUMENTAL NA VIOLA, NÉ. 03:46 - TANTO QUE A GENTE NÃO CONHECIA MUITO A MÚSICA INSTRUMENTAL NA VIOLA, MAS A PARTIR DA VINDA DELE, COM O ENSINAMENTO, A DIDÁTICA DELE, ABRIU A NOSSA CABEÇA ASSIM.

03:55 – E A OUTRA REFERENCIA É O FERNANDO DEG, QUE É UM SUPER PROFESSOR, UM AMIGO, UMA PESSOA INCRÍVEL QUE NOS MOSTROU QUE É POSSÍVEL TOCAR VIOLA EM QUALQUER LUGAR, ASSIM. 04:10 - E ELE TOCA VIOLA NO MUNDO INTEIRO, NÉ. VAI PRA PORTUGAL, TA NA EUROPA DIRETO.

E ELE LEVA ESSA NOSSA CULTURA, NÉ. E ELE LEVA TAMBÉM ESSA POSSIBILIDADE DA VIOLA. VOCÊ PODE TOCAR QUALQUER ESTILO DE GÊNERO NA VIOLA, QUALQUER GÊNERO, QUALQUER RITMO, NÉ, TAMBÉM. ENTÃO ELE É O CARA PRA GENTE.

**04:33 – RESPOSTA - RICARDO –** NO MEU CASO, EU SOU NATURAL DE MARINGÁ E TAVA COMENTANDO ATÉ COM O PESSOAL DA PRODUÇÃO AQUI DO FEMUCIC, ACHO QUE FOI COM A ANA FLÁVIA QUE EU COMENTEI. ATÉ TINHA UM TIO MEU LÁ ONTEM E EU TAVA TOCANDO TODO CONCENTRADO A MÚSICA E ELE DEU UM GRITO, OH RICARDO, EU VI QUE ME CHAMOU E OLHEI, QUASE DISTRAI LÁ. 04:55 - ESSE MEU TIO CHAMA OSVALDO GASPARIN, ELE QUE, PRATICAMENTE, ME INCENTIVOU A SER O QUE EU SOU HOJE NA MÚSICA. PORQUE, A GENTE TINHA AQUI NA CIDADE DE MARINGÁ, NOS FINAIS DE SEMANA, MUITA RODA DE MÚSICA. NÃO ERA RODA DE VIOLA, PORQUE SÓ FALTAVA A VIOLA, MAS A GENTE PODE CHAMAR DE RODA DE VIOLA PORQUE SÓ TOCAVA MÚSICA CAIPIRA.

05:14 – ENTÃO A GENTE FAZIA COM O VIOLÃO. ENTÃO EU NÃO TIVE ACESSO AO INSTRUMENTO VIOLA CAIPIRA. ENTÃO EU FUI DO VIOLÃO PRA MÚSICA GOSPEL, DA MÚSICA GOSPEL PRO ROCK, DO ROCK PRO GOSPEL DE NOVO. 05:28- AI, DESENVOLVI UM PROJETO AQUI QUE ERA “ VERGA FÉRREA” QUE ERA UMA BANDA DE ROCK MUITO JOIA QUE TINHA AQUI NA CIDADE E QUE EXISTE ATÉ HOJE AQUI NA CIDADE, ENTÃO, MEUS AMIGOS, MEUS IRMÃOS.

05:38 – E DEPOIS DISSO EU FUI PRA CASCAVEL. E HÁ DEZESSEIS ANOS PRATICAMENTE QUE EU TO LÁ EU COMECEI A PRODUZIR O FESTIVAL DE JAZZ, JUNTO COM O WILLIAM FISHE QUE O PRODUTOR, É O IDEALIZADOR DE UM PROJETO MARAVILHOSO DE JAZZ QUE TEM EM CASCAVEL QUE LEVA MÚSICOS DO BRASIL TODO E ATÉ INTERNACIONAIS.

05:56 – E PRODUZINDO ESSE PESSOAL, EU JÁ TINHA AQUELA COISA DE FICAR OUVINDO AQUELE PESSOAL, NÉ, OS MEUS MESTRES DA MÚSICA

TAVAM ALI, AI EU TIVE RELACIONAMENTO MAIS CONSTANTE COM ALGUNS FERAS AI. 06:09 - COM ALGUNS MAGOS DA MÚSICA INSTRUMENTAL COMO NETO PASQUAL, ARTUR MAYA, E TEM MUITOS OUTROS NOMES, VOU SER ATE RUIM AQUI EM FALAR EU NÃO VOU LEMBRAR. PORQUE TODO ANO NO FESTIVAL DE JAZZ EM CASACAVEL A GENTE TEM LÁ, UMA MÉDIA DE 10, 12 MÚSICOS FAMOSOS QUE TOCAM LÁ QUE TOCAM PROS GRANDES CONTORES E CANTORAS DA MPB.

06:30 – MAS ELES TEM O PROJETO DELES, INDIVIDUAL DE MÚSICA INSTRUMENTAL. ENTÃO EU SEMPRE OUVI MÚSICA INSTRUMENTAL, DESDE O INÍCIO TOCANDO AQUI NESSE GRUPO DE ROCK AND ROLL. 06:40 - A GENTE FAZIA MÚSICA INSTRUMENTAL, COMPOSIÇÃO. ENTÃO EU SEMPRE GOSTEI DESSA ÁREA, A GENTE SÓ NÃO DESENVOLVEU UM PROJETO MAIS RADICAL NA VIOLA, PORQUE NA ÉPOCA EU TOCAVA BAIXO, FUI PRA GUITARRA, BATERIA, TECLADO, MAS AI UM BELO DIA EU DEI DE CARA COM A VIOLA. UM AMIGO MEU, QUE É COMO UM PAI PRA MIM, UM CARA QUE É UM AMIGÃO MEU CHAMADO CÉLIO PORTO, ELE ME TROUXE UMA VIOLA DE FOZ DO IGUAÇU.

07:08 – E DEIXOU COMIGO UM MÊS. AI EU PEGUEI A VIOLA E COMECEI A BRINCAR COM A VIOLA E FIQUEI ALUCINADO PELA VIOLA E EM UM MÊS COMECEI A PASSAR AS ESCALAS A BRINCAR, NÃO TINHA PROFESSOR. 07:16 - AI DEPOIS, DOIS ANOS SE PASSARAM, E A GENTE TEVE A POSSIBILIDADE DE CONHECER O RUI TORNESI QUE É O REGENTE DA ORQUESTRA PAULISTANA DE VIOLA CAIPIRA, QUE DEU TODA BASE PRA GENTE MONTAR ESSA ESTRUTURA. CHAMADA DE ORQUESTRA PARANAENSE DE VIOLA CAIPIRA. E ELE TOCA PEÇAS CLÁSSICAS NA VIOLA TAMBÉM. ENTÃO ISSO ME INCENTIVOU MAIS AINDA.

07:34 – AI, COMO O LEONARDO DISSE, AI VEIO O IVAN VILELA, O FERNANDO DEG, E MUITOS OUTROS QUE A GENTE SE RELACIONADO EM EVENTOS ESPECÍFICOS DE VIOLA CAIPIRA.

07:46 - ENTÃO A GENTE TEM AMADO TOCAR ESSE INSTRUMENTO E O DU NA VERDADE É UM PROJETO DE NOVE ANOS ATRAS O LEONARDO ERA PRATICAMENTE CRIANÇA, NÉ, BACURIZINHO E E U FALAVA, OH NÓS VAMOS TRABALHAR COM VIOLA DE ARAME SÓ COM MÚSICA INSTRUMENTAL. 07:57 - MAS O VIOLA DE ARAME SE TORNOU UM GRUPO DE MÚSICA INSTRUMENTAL E CANTADA. ENTÃO A GENTE ACABOU SEPARANDO O DU AGORA, DEPOIS DE NOVE ANOS, NÉ PRA COMEÇAR FAZER SÓ MÚSICA INSTRUMENTAL E ESTAMOS COM PROJETO AI, PRA ESSE ANO DE GRAVAR UM CD SÓ DE MÚSICA INSTRUMENTAL.

**08:11 – PERGUNTA –** QUANDO VOCÊS ESTÃO COMPONDO, COMO A MÚSICA MALI ÁFRICA QUE FOI A QUE VOCÊS TOCARAM ONTEM, O QUE VOCÊS TENTAM REPRESENTAR, QUAL FOI A INSPIRAÇÃO?

**08:26 – RESPOSTA – RICARDO –** ESSA PERGUNTA ACHO MUITO INTERESSANTE, MUITO BOA, PORQUE, TEM GENTE QUE FAZ MÚSICA ASSIM MAS NUM PENSA EM MUITA COISA. MAIS AQUELA COISA DO SENTIMENTO NA HORA QUE BROTA E FLUI. AI ELE BOTA LÁ, SUITE NUMERO UM, SUITE NUMERO 2, E VAI BOTANDO, NÉ. CHORO 1, CHORO 2, MAS MÚSICA TEM MUITO A VER COM ALMA, COM EMOÇÃO, ACHO QUE QUEM TOCA, QUEM TENTA TRANSMITIR A MÚSICA COMO LINGUAGEM DA ALMA, ELE GERALMENTE SE APROXIMA MAIS DE DEUS.

08:56 – ENTÃO EU VEJO QUE, É, NESSA MÚSICA QUE A GENTE APRESENTOU NO FEMUCIC, NÉ, ELA SE CHAMA MALI ÁFRICA, FOI UM DOCUMENTÁRIO QUE A GENTE ASSISTIU, PARTE DO COTIDIANO, PARTE DAQUILA QUE A GENTE TA VENDO, ENTÃO A GENTE TAVA VENDO UM DOCUMENTÁRIO, NA TV FUTURA, QUE SE TRATAVA DESSE PAÍS, E DE QUATRO TRIBOS E DE ALGUNS CHEFES DE TRIBOS, QUE DEIXARAM, QUE ABRIRAM MÃO, QUE RENUNCIARAM DE FICAR NA TRIBO COM SEUS FAMILIARES, COM A TRIBO DE 100 PESSOAS, 50, 150, 180 E ELES DEIXARAM DE ESTAR ALI MALI FICA, UM TERÇO DO PAIS É

METADE DO PARANÁ, MAIS MENOS, METADE DESSE TERÇO DO PARANÁ É DESERTO DO SAARA. E O OUTRO LADO, NO CASO, É UMA TERRA PARECIDA COM NOSSO NORDESTE DA SECA. ENTÃO É UMA COISA DIFÍCIL DE VOCÊ PRODUZIR, DE VOCÊ CONSEGUIR SOBREVIVER, EM MALI.

09:56 – ENTÃO ESSES REIS, ELES SAEM DE MALI, PORQUE FOI COLONIZADO PELA FRANÇA, E VÃO SER GARIS EM PARIS. ENTÃO ELES CATAM DEJETOS DE ANIMAIS, PELAS RUAS, SOL, CHUVA, FRIO, NEVE, ELES ESTÃO ALI, SOFREM PRA CARAMBA ALI, LONGE DOS SEUS FAMILIARES, POR SEIS MESES, AS VEZES UMA ANO, PRA MANDAR OS EUROS PARA ELES PODEREM INVESTIR NO PROCESSO DE IRRIGAÇÃO QUE A FORMA QUE ELS ENCONTRARAM NO CASO DE CONSEGUIR SOBREVIVER, NÉ, NO SEU PAÍS. E DEPOIS QUE ELES SAEM DALI, VÃO TIRAR FÉRIAS, ELES VÃO TIRAR FÉRIAS, TIRAM AQUELA ROUPA DE GARI, AQUELA TRISTEZA TODA E SE EMBRENHAM NO MEIO DA TRIBO PRA JULGAR AS CAUSAS, FICAM ATÉ 30 DIAS JULGANDO CAUSAS QUE ACONTECERAM NESSES SEIS MESES UM ANO QUE ELES ESTAVAM FORA.

10:47 – ENTÃO ELES VÃO LÁ PRA TRABALHAR, MAS VESTEM AQUELES TURBANTE, AQUELA ROUPA BONITA, AQUELA ROUPA AFRO. ENTÃO AQUILO ME FEZ LEMBRAR MUITO DE CRISTO, NÉ. DA HUMILDADE DE CRISTO DE DEIXAR TODA A GLÓRIA, TUDO QUE ELE TINHA LÁ COM DEUS NA ETERNIDADE E VIM ASSUMIR FORMA HUMANA. VIM PRA SERVIR, SEMPRE SERVINDO, ENTÃO ISSO ME CHAMOU MUITO A ATENÇÃO, FIQUEI MUITO TOCADO POR ISSO, PEGUEI A VIOLA E COMECEI A PONTIAR, DEPOIS O LEONARDO COMPLETOU A OBRA E AI A GENTE MANDOU PRO FEMUCIC E ESTAMOS AI GRAÇAS A DEUS.

**11:15 – PERGUNTA** – A GENTE TA FAZENDO UM TRABALHO MEIO QUE BASEADO NA CULTURA POPULAR, A PRODUÇÃO DE VOCÊS PARA O POVO. EU PENSEI EM TE PEDIR PRA FALAR, DE QUE FORMA VOCÊS TENTAM COLOCAR NOSSA CULTURA PARANAENSE, NESSE FESTIVAL, QUE É UMA

MISTURA DE TODO MUNDO, NÉ. DE VÁRIAS REGIÕES DO PAÍS. ENTÃO, COMO VOCÊS TENTAM IDENTIFICAR ESSA MÚSICA, PRA TODO MUNDO, MESMO SENDO UM PÚBLICO SÓ DE MARINGÁ AQUI? TENTAR IMPACTAR ESSES OUTROS MÚSICOS QUE VEM DE OUTRAS REGIÕES?

**12:10 – RESPOSTA – RICARDO** – BEM, NESSE PROJETO DO DU COM O LÉO, COMO EU TAVA DIZENDO ANTES, ESSA MÚSICA INSTRUMENTAL, ENTÃO ELA NÃO TEM ASSIM, AQUELA PREOCUPAÇÃO REGIONAL, NÉ. MAS NO PROJETOS QUE A GENTE TEM DESENVOLVIDO NO FEMUNCIC, E A GENTE TA NO CD DE 2005, 2007 E 2008, JÁ ESPECIFICAMENTE A GENTE TRAS, POR EXEMPLO, EM 2007, A GENTE ABRE O CD COM MÚSICA INSTRUMENTAL COM A ORQUESTRA DE VIOLA, QUE É UM BATUQUE DE VIOLA, UM RITMO ESPECÍFICO DA VIOLA TAMBÉM, QUE VEM DOS NEGROS TAMBÉM, NÉ. MAS ESSA MISCIGENAÇÃO DA NOSSA CULTURA AQUI NO SUL TAMBÉM. NEGROS, ÍNDIOS E TODA A CULTURA ARIANA COMO UM TODO. E AI A GENTE TRAS, ENTÃO, NA MÚSICA DE VOLTA PRO PARANÁ, QUE A MÚSICA QUE FECHA O CD DO FEMUCIC DE 2007, O RITMO DE QUERUMANA, QUE UM NOME INDÍGENA TAMBÉM, NÉ.

13:09 – E QUE, O NOSSO FANDANGO, NO NOSSO LITORAL, ACABOU FAVORECENDO PRA QUE ESSE RITMO FOSSE MAIS FORTE AQUI TAMBÉM POR CAUSA DAS INFLUÊNCIAS QUE FORAM TRAZIDAS, PRO RITMO DE QUERUMANA, NO CASO. 13:28 – PRO PAÍS TODO. QUEM USA O RITMO DE QUERUMANA VAI LEMBRAR DE PARANÁ, NÉ. ENTÃO A GENTE FAZ DE VOLTA PRO PARANÁ NUM RITMO DE QUERUMANA PROPOSITAMENTE, POR EXEMPLO. 13:40 – QUANDO A GENTE FAZ ISSO, TEM GENTE QUE FAZ ISSO MEIO SEM SE PREOCUPAR, MAS EU FIZ ISSO PENSANDO EXATAMENTE NISSO MESMO. FIZ PENSANDO EM TRAZER O RITMO DE QUERUMANA E FALAR SOBRE O PARANÁ. QUE É UM RITMO NOSSO.

A MÚSICA CAIPIRA SURGE NO VALE DO TIETÊ EM SÃO PAULO, MAS ELE PEGA MUITO AQUI O NORTE DO PARANÁ E POR ISSO QUE EU CANTAVA QUANDO ERA CRIANÇA, EM MARINGÁ, MUITA MÚSICA CAIPIRA, NÉ. 14:02 –

ENTÃO ELA PEGA, LONDRINA, MARINGÁ, AI SUBINDO UM POUCO MAIS AQUI A GENTE CHEGA LOGO NO PARANAPANEMA E JÁ ATRAVESSA PRA SÃO PAULO. ENTÃO TUDO MEIO JUNTO, A NOSSA CULTURA COM A CULTURA PAULISTA. 14:14 – E O LITORAL COM O FANDANGO, E ALGUNS RITMOS QUE TAMBÉM ESTÃO LIGADOS A UNIÇÃO DOS INDÍGENAS QUE ESTAVAM ALI, ACABA FAVORECENDO TAMBÉM A GENTE TA TRABALHANDO ESSES RITMOS.

14:28 - ENTÃO EU ACREDITO ASSIM, QUE O GRANDE PORQUÊ DA GENTE TA NO FESTIVAL TOCANDO, REPRESENTANDO O PARANÁ NA MÚSICA, HOJE, NESSA CELEBRAÇÃO DA MÚSICA QUE É O FEMUCIC, É DE FATO A GENTE TA TRABALHANDO COM ESSAS VERTENTES QUE SÃO COMUNS PRA GENTE, QUE QUANDO AS PESSOAS OUVEM ELAS COMEÇAM CANTAR, DANÇAR, JÁ QUER, SE EMPOLGAM, PORQUE TA DENTRO DA GENTE ISSO, NÉ. TA IMPLICITO. ISSO JÁ VEM DESDE A COLONIZAÇÃO, NÉ.

**14:59 – PERGUNTA** – QUANDO VOCÊS SE INCREVERAM PELA PRIMEIRA VEZ NO FEMUCIC, COMO FOI A DIVULGAÇÃO. VOCÊS, COMO VOCÊS FICARAM SABENDO DO FESTIVAL?

**15:10 – RESPOSTA** - OK. BEM, COMO EU SOU NATURAL DAQUI, EU SEMPRE SOUBE DO FEMUCIC DESDE O INÍCIO. MAS, QUANDO ELES TINHAM AQUELE APELO COMPETITIVO, EU NUNCA MANDEI NENHUMA MÚSICA. MESMO QUANDO TAVA AQUI. 15:23 – DEPOIS, INDO EMBORA, EU DEMOREI MUITO PRA SABER QUE ELE TINHA DEIXADO DE SER ASSIM, COMPETITIVO. 15:31 – ENTÃO SOMENTE ATRAVÉS DO SESC LÁ DE CASCAVEL, NÉ, PORQUE A GENTE TEM UMA PARCERIA MUITO BONITA COM O SESC, NÓS JÁ FIZEMOS MAIS DE QUARENTA, CINQUENTA APRESENTAÇÕES SÓ PELO SESC. 15:44 – ISSO TANTO A NÍVEL DE PARANÁ, QUANTO A NÍVEL REGIONAL. O GRUPO VIOLA DE ARAME QUE A GENTE PARTICIPA, DA ORQUESTRA E DA VIOLA DE ARAME, QUE UM GRUPO MENOR DE SEIS MÚSICOS, É GENTE FEZ PARCERIA COM O SESC. EM 25 APRESENTAÇÕES NA REGIÃO OESTE TAMBÉM. ENTÃO A

GENTE SEMPRE OUVINDO DO SESC ESSA COISA, OH, MANDA MÚSICA PRO FEMUCIC. 16:02 – A GENTE ACABOU MANDANDO, NÉ. OUTROS COLEGAS TAMBÉM QUE TOCAM, QUE MANDAM MÚSICA. É..OH, NÃO É MAIS COMPETITIVO. A GENTE PERCEBEU QUE ATÉ O NÚMERO DE INSCRIÇÕES QUANDO NÃO É COMPETITIVO, AUMENTA, POR QUE AS PESSOAS QUE SÃO ARTISTAS DE FATO, QUE AMAM A MÚSICA DE FATO, ELAS NÃO ESTÃO PREOCUPADAS EM SER MELHOR QUE O OUTRO, ELAS ESTÃO PREOCUPADAS EM SUPERAR A SI MESMAS. 16:22 – EM FAZER ALGO QUE ELAS GOSTEM, QUE ELAS POSSAM FAZER CADA VEZ MELHOR AQUILO. NÃO EM DETRIMENTO DO OUTRO, NÉ. ENTÃO, QUANDO A GENTE VEM, SÓ APRENDE COM OS OUTROS. ENTÃO A GENTE MANDOU A NOSSA PRIMEIRA MÚSICA CHAMADA “VIOLEIRO HUMANO”, QUE TA NO CD DE 2005, SE EU NÃO ME ENGANO, E A GENTE TROUXE UM GRUPO QUE JÁ ERA UMA BASE DO VIOLA DE ARAME HOJE. 16:45 – TOCAMOS, FOI PRO CD, FICAMOS MUITO FELIZES COM ISSO. E É UM RITMO QUE COMEÇA UMA TOADINHA E VIRA UM RITMO CHAMADO RECORTADO. QUE A GENTE FAZ DE PROPÓSITO ESSAS COISAS E ALI A GENTE FALA DOS VÁRIOS RITMOS DA MÚSICA OU DO GÊNERO CAIPIRA TAMBÉM, NÉ. DENTRO DA PRÓPRIA LETRA, NÉ. O NOSSO OBJETIVO ENTÃO, É TA DIVULGANDO ESSA COISA QUE A GENTE GOSTA.

17:08 – AI DEPOIS EM 2007 A GENTE VEIO ENTÃO COM O BATUQUE DE VIOLA, COM QUERUMANA. EM 2008 A GENTE TRAZ O RASTAPÉ, ATENTENDO UM APELO DO GATOTÃO AQUI, UM RASTAPÉ COM UM APELO COUNTRY NO SOLO FINAL. PRA MISTURAR UM POUCO A COISA DO COUNTRY, MUITA GENTE TEM PRECONCEITO, ATÉ MESMO A GENTE TEM UM POUCO, MAS É UM RITMO ALEGRE COMO O RASTAPÉ NOSSO. E ESSE ANO ESSA MÚSICA INSTRUMENTAL. ENTÃO EU VEJO QUE, BASICAMENTE, A NOSSA TOMADA DE DECISÃO DE TA VINDO PRO FEMUCIC, ESSE AMOR QUE A GENTE TEM PELO FEMUCIC, E ACHO QUE TODOS OS MÚSICOS VÃO DEMONSTRAR ISSO, É JUSTAMENTE POR ISSO. É COMO SE FOSSE O NOSSO ALVO, ESTAR NUM FESTIVAL, ONDE A GENTE MOSTRA A MÚSICA, NUNCA FAZENDO ISSO EM DETRIMENTO DE OUTRA PESSOA.

17:58 – PELO CONTRÁRIO, A GENTE VÊ, OLHA QUE COISA LEGAL QUE TEM NESSE PONTO, A GENTE VE QUE AS VEZES TEM LIMITAÇÃO TÉCNICAS, A GENTE SABE QUE TEM LIMITAÇÕES TÉCNICAS DE UM MÚSICO OU OUTRO, MAS A GENTE NÃO TA PREOCUPADO COM ISSO A GENTE TÁ PREOCUPADO COM A ESSENCIA. ENTÃO A GENTE FICA PRESTANDO ATENÇÃO NA MELODIA, NA MENSAGEM QUE TA SENDO DITA. 18:13 – ENTÃO PRA GENTE É UM PRESENTE DE DEUS, NÉ, O FEMUCIC. E DEVIDO A ISSO QUE A GENTE FOI ATRAS,VEM SEMPRE ATRAS E VAI CONTINUAR VINDO DE DEUS PERMITIR. TODOS OS ANOS QUE ELE DEIXAR A GENTE VIM, NÉ.

**18:25 – PERGUNTA –** COMO VOCÊS ACHAM QUE É RECEBIDA A MÚSICA DE VOCÊS?

**18:31 – RESPOSTA - LEONARDO –** AH, EU ESPERO QUE TENHA SIDO RECEBIDA DE BOM ÂNIMO ASSIM, NÉ. COM UMA BOA VISÃO PORQUE A GENTE FEZ DE CORAÇÃO MESMO, NÉ. ACHO QUE QUALQUER MÚSICO, A GENTE CONVERSA COM MÚSICO QUE A GENTE CONHECE, CONHECE DE OUTRAS EDIÇÕES E, CONHECE AGORA QUE VIERAM NESSAS EDIÇÕES E OS CARA SÃO, AMAM A MÚSICA, TODOS SÃO APAIXONADOS PELA MÚSICA. 18:58 – E TENTAM PASSAR O QUE TA DENTRO DA ALMA DELES MESMO, QUE NEM O RICARDO TINHA DITO UM POUCO ANTES. E NOSSA MÚSICA, É, EU ESPERO QUE TENHA SIDO RECEBIDA DE BOM GRADO, PORQUE, ATE MESMO, DEPOIS QUE A GENTE TOCOU, UNS VIERAM CUMPRIMENTAR, SEMPRE TEM ESSE LANCE, LÁ POR TRAS DO PALCO, LÁ, PARABÉNS CARA, VOCÊ MANDOU MUITO BEM. 19:23 – ROLA MUITO AMIZADE ALI ATRAS, JUSTAMENTE POR SER UMA MOSTRA DE MÚSICA, NÉ. PORQUE, COMO ESSA MOSTRA PROPORCIONA UMA INTEGRAÇÃO ENTRE OS MÚSICOS, UMA HARMONIA MAIOR ENTRE OS MÚSICOS, PORQUE NÃO TEM AQUELA COMPETIÇÃO, ENTÃO, O QUE ACONTECE MUITO EM FESTIVAIS QUE TEM COMPETIÇÃO, PRIMEIRO, SEGUNDO, TERCEIRO LUGAR E ASSIM POR DIANTE, SEMPRE ALGUÉM ACABA SE SENTINDO INJUSTIÇADO, NÉ. 19:50 –

AH, POXA, A MINHA MÚSICA PODIA TER GANHADO DAQUELA. MAS AQUI NÃO ROLA ISSO JUSTAMENTE POR ESSA DESCONTRAÇÃO, POR ESSA MOSTRA DE MÚSICA. ENTÃO EU ACREDITO QUE CADA PESSOA QUE COMPÔS A SUA MÚSICA E CANTOU NO FEMUCIC, EU ACHO QUE TODOS SÃO VENCEDORES ASSIM, SABE, EU ACHO QUE TODOS SÃO VENCEDORES, POR TA CRIANDO MÚSICA, POR SER COMPOSITOR MESMO. 20:14 – UMA CRIAÇÃO DELE. E A NOSSA CRIAÇÃO FOI ALGO BEM ESPONTÂNEO MESMO. COMO O RICARDO CONTOU ESSA HISTÓRIA MARAVILHOSA AI DE MALI, ACHO QUE A GENTE TEM MUITO O QUE APRENDER COM ESSE REIS, NÉ. 20:28 - E É ASSIM, CADA MÚSICA NASCE DE UM IDÉIA, NÉ. TEVE O CARA QUE FEZ INTERPRETAÇÃO LÁ. ELE TOCOU O PIANO FALANDO DA IDÉIA. ACHEI BARATO DEMAIS O CARA, O RICARDO FICOU FÃ DO CARA. ACHO QUE ELE É DE SOROCABA. MUITO BOM. ENTÃO ACONTECE MUITO ISSO. ENTÃO A NOSSA MÚSICA INSTRUMENTAL, MALI ÁFRICA, EU ACHO QUE, O PESSOAL DEVE TER GOSTADO. PELOS MENOS OS PARENTES GOSTOU, NÉ.

21:00 – RICARDO – COMO OS PARENTE NÃO VALEM, ENTÃO A GENTE PENSA QUE O PÚBLICO DO FEMUCIC É UM PÚBLICO SELETO, NÉ. POR QUE ELES VEM PRA ESSA CELEBRAÇÃO DA MÚSICA, ALGUNS HA MUITOS ANOS. OS QUE SÃO MAIS NOVOS QUE ESTÃO VENDENDO, JÁ VIERAM PELO MENOS UMAS DUAS, TRÊS EDIÇÕES. ENTÃO ACABA QUE O NÍVEL DE EXIGÊNCIA DAS PESSOAS ACABA AUMENTANDO E POR OUTRO LADO A SENSIBILIDADE TAMBÉM. 21:25 – DENTRO DESSA QUESTÃO DA ARTE QUE UMA COISA FUNDAMENTAL A SENSIBILIDADE. EU CREIO QUE, PARTICULARMENTE, A GENTE TOCA VIOLA CAIPIRA, DENTRO DO ESTILO, GÊNERO CAIPIRA, ALGUNS JOVENS NÃO GOSTAM, DISCRIMAM UM POUCO, ATÉ ELE TAVA FALANDO QUE TOCAVA ROCK, NÓS TEMOS MUITOS JOVENS, MOÇAS QUE TOCAM VIOLA LÁ NO NOSSO MEIO, ESSE CONTEXTO OBRIGA A GENTE QUE PRATICAMENTE, ÉEE, NÃO TEM COMO A GENTE INFLUENCIAR, ENTRAR NA CABEÇA DAS PESSOAS E FALAR, NÃO, OH, É LEGAL. 21:56 – NÃO A GENTE TOCA. MAS QUANDO A GENTE TOCA MÚSICA INSTRUMENTAL, PARECE QUE ABRE OUTRAS POSSIBILIDADES PROS JOVENS. OS JOVENS FALAM, POXA, VIOLA, INSTRUMENTO MUSICAL, OLHA O SOM, OLHA O TIMBRE. POR ISSO QUE EU

ACHO QUE A VIOLA, VOCÊ DEVEM TER PERCEBIDO, PRINCIPALMENTE NESSE FESTIVAL, NESSA ÚLTIMA EDIÇÃO, QUANTA VIOLA TINHA NESSE FESTIVAL, NÉ. 22:14 – EU ANDEI OLHANDO AS MÚSICAS QUE ESTAVAM COM ESSE INSTRUMENTO VIOLA, POR QUE A VIOLA ELA TEM GANHADO UM EXPRESSÃO MUITO GRANDE NO MEIO DOS JOVENS, NÉ, NO MEIO DA NOSSA JUVENTUDE DEVIDO AO FATO DAS INFINITAS POSSIBILIDADES QUE ELA TEM. 22:31 – ENTÃO EU ENTENDO QUE O POVO TEM RECEBIDO MUITO BEM A NOSSA MÚSICA E INSTRUMENTAL TAMBÉM, NÉ. DEVIDO A ISSO. ELES SE IDENTIFICAM COM AQUELE TIMBRE, AQUELA COISA QUE TA INTERNALIZADA DA VIOLA CAIPIRA. 22:42 -E CONSEQUENTEMENTE ACABAM VENDENDO, PRINCIPALMENTE O PÚBLICO DAQUI, QUE É UM PÚBLICO SELETO COMO EU DISSE ANTES, ACABAM VENDENDO, OLHA QUE COISA INTERESSANTE, OLHA O QUE DÁ PRA FAZER TAMBÉM COM A VIOLA, NÉ. 22:54 -

**22:55 – PERGUNTA –** E EM RELAÇÃO AO FEMUCIC, COMO QUE VOCÊS VEEM. O FEMUCIC HOJE É UMA MOSTRA, NÉ, COMO QUE VOCÊS VEEM A QUESTÃO DELE TRAZER PESSOAS DE VÁRIOS LUGARES DO PAÍS, NÉ, COM RITMOS E ESTILOS DIFERENTES, COMO VOCÊS VEEM ESSE INTERCÂMBIO QUE É TRAZIDO PRA CÁ?

**23:15 – RESPOSTA - RICARDO –** EU VEJO QUE, ALÉM DESSA CELEBRAÇÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, E AGENTE TEM COMENTADO SOBRE ISSO, NÉ LEO, O FEMUCIC É UMA ESCOLA, NÉ, É UMA ESCOLA. NÃO SÓ NA ÁREA CULTURAL EM SI, NA QUESTÃO MUSICAL, SONORA, NÉ, NA QUESTÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL. 23:38 – MAS TAMBÉM DA QUESTÃO DE PRODUÇÃO DE EVENTOS DE QUALIDADE. COMO EU DISSE ANTERIORMENTE EU TRABALHEI SEIS ANOS NA PRODUÇÃO DO JAZZ EM CASCAVEL, QUE É UM EVENTO BEM PRODUZIDO, OS MÚSICO DE MÚSICA INSTRUMENTAL RESPEITAM PRA CARAMBA, MAS PARECE QUE A QUI TEM UMA COISA DE AMOR PELO EVENTO, NO MEIO DOS MÚSICOS ASSIM, MUITO RADICAL. PARECE QUE É UMA ESPÉCIE DE MENINAS DOS OLHOS DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. ENTÃO ESSA RIQUEZA, ESSA DIVERSIDADE,

ENCONTRAR ESSAS PESSOAS, É UM PRIVILÉGIO, É QUASE QUE UM MILAGRE, NÉ, A GENTE TER UM ESPAÇO COMO ESSE, QUE A GENTE ESPERA QUE DEUS PRESERVE E QUE NUNCA SE ACABE. POR QUE É TREMENDO ESSE ESPAÇO NO FEMUCIC.

#### **DVD 19 – ENTREVISTA COM ANTONIO VIEIRA**

**00'45" PERGUNTA** - VIEIRA, SÓ CONVERSÁ UM POUCO PARA MODULAR ÁUDIO

**00'46" RESPOSTA** – VIEIRA - TABÉM, ANTONIO VIEIRA DO SESC DE MARINGÁ, A GENTE VAI FALAR SOBRE FEMUCIC ESPERANDO QUE VOCÊS TIREM NOTA MÁXIMA NO VOSSO TRABALHO ENTENDEU, PORQUE ALÉM DE UM TRABALHO BOM, VAI FICAR LEGAL TAMBÉM PÁRA A HISTÓRIA DO PROJETO.

**02'26" PERGUNTA** - AGORA VOCÊ FALA O SEU NOME, FALA QUE VOCÊ É DO SESC

**02'32 REPOSTA** – VIEIRA - TÁ, SÓ ME APRESENTO E DEPOIS VOCÊ VAI PERGUNTANDO, ENTÃO TA BOM ALINE, TUDO BEM...SOU ANTÔNIO VIEIRA, GERENTE EXECUTIVO DO SESC DE MARINGÁ JÁ FAZ ALGUM TEMPO.

**02'46" PERGUNTA** - VIEIRA, COMO É FEITA A SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES DO FEMUCIC?

**02'50" RESPOSTA** – VIEIRA - BOM, COMO TRADICIONALMENTE É FEITO O FESTIVAL NÓS RECEBEMOS AS CANÇÕES DE TODOS OS INTERESSADOS, ESTE ANO NÓS TIVEMOS PRATICAMENTE NOVENTA POR CENTO DAS INSCRIÇÕES VIERAM PELA INTERNET E NÓS REUNIMOS ESSES TRABALHOS E FAZEMOS UMA, SÃO, É O DUPLO, É O DUPLO MOMENTO QUE NÓS, QUE NÓS TRABALHAMOS. [NUM PRIMEIRO MOMENTO É FEITO UMA PRIMEIRA,

UMA PRIMEIRA SELEÇÃO PRÉVIA NÉ, EM QUE NÓS DAMOS, DIGO ASSIM, UMA EQUIPE TÉCNICA NÉ, 03'26" EM QUE PARTICIPAM O DIRETOR MUSICAL DO FESTIVAL, O DIRETOR GERAL, TÉCNICOS DE MÚSICA, PESSOAS ASSIM QUE ESTÃO VINCULADAS AO PROJETO E QUE EU DIRIA ASSIM, FAZEM UM PRIMEIRA PRÉ-SELEÇÃO, ESSE ANO POR EXEMPLO NÓS TIVEMOS MAIS DE SETECENTAS, PRÓXIMAS A SETECENTAS MÚSICAS INSCRITAS PRA QUE A COMISSÃO DE SELEÇÃO PROPRIAMENTE DITA AQUI DE MARINGÁ NÉ, E QUE NÓS REUNIMOS PESSOAS NÉ, LIGADAS A MÚSICA, LIGADAS A LITERATURA, LIGADAS AO MEIO RADIOFÔNICO, PESSOAS LIGADAS A PRÓPRIA ESTRUTURAÇÃO DO FESTIVAL, PARA QUE ESSE GRUPO, TIVESSE EM MÃOS UM NÚMERO UM POUCO MENOR DE TRABALHO, JÁ UMA, EM QUE, TIVESSE HAVIDO UMA, COMO EU DISSE ANTES, UMA PRÉ-SELEÇÃO E ESSE GRUPO TRABALHOU COM APROXIMADAMENTE QUATROCENTAS CANÇÕES, ENTÃO A PRODUÇÃO DESSE TRABALHO NÉ, QUE É UMA COISA EXAUSTIVA, ENTÃO NÓS FAZEMOS O QUE? NÓS TOMAMOS ESSAS CANÇÕES TODAS, ELAS ESTÃO TODAS ELAS JÁ PROGRAMADAS DENTRO DE UM SISTEMA JÁ INFORMATIZADO E NÓS, ESSE GRUPO DE PESSOAS HOUVE AS CANÇÕES NÉ, E ANALISA SOBRE 04'39" DIFERENTES ÓTICAS NÉ, A PRÓPRIA, A QUESTÃO DA LETRA DA MÚSICA NÉ, A POESIA DA CANÇÃO E A ESTRUTURAÇÃO MUSICAL NÉ, DA CANÇÃO PROPRIAMENTE DITA, ENTÃO SÃO ESSES DOIS ELEMENTOS QUE SÃO SUBSTANCIALMENTE AVALIADOS E AI, CADA COMPONENTE DESTE GRUPO QUE SÃO, NO MÍNIMO QUE NÓS TRABALHAMOS ESSE ANO COM DEZ PESSOAS, CADA UM PONTUA NÉ, EM TERMOS DE NOTA NÉ, EM TERMOS DE NOTA E DE CONCEITOS E NO FINAL O PRÓPRIO PROCESSO INFORMATIZADO, ELE PROCEDE A SELEÇÃO. CADA UM FAZ O SEU LANÇAMENTO E ISSO É DIGITALIZADO E O PRÓPRIO COMPUTADOR TRABALHA E NO FINAL ELE NOS APRESENTA DA PRIMEIRA A ÚLTIMA CANÇÃO OUVIDA A SUA PONTUAÇÃO, AI MAIS UMA VEZ NÉ, ESSA COMISSÃO FAZ, NÃO UM RE-AUDIÇÃO, ELA AVALIA AS CANÇÕES QUE FICARAM PONTUADAS E QUE VÃO SER INTEGRANTES DA APRESENTAÇÃO NO FESTIVAL NÉ, PRA VER SE NÃO EXITE ALGUMA, ALGO QUE FICOU DESCONECTADO DA PROPOSTA DESSA COMISSÃO DE SELEÇÃO. ESSE É O

TRABALHO DESSA COMISSÃO, QUE FAZ UM TRABALHO MUITO CANSATIVO, QUE FICA MAIS DE VINTE HORAS DE AUDIÇÃO, É UM TRABALHO EXAUSTIVO, MAS É UM TRABALHO ASSIM QUE, É O VAI DAR A VIDA AO FESTIVAL, É ASSIM QUE NÓS PROCEDEMOS.

**06'01" PERGUNTA** - VOCÊ JÁ COMENTOU DOS ITENS QUE É LEVADO EM CONSIDERAÇÃO QUANDO ESSE COMPONENTES ESCOLHEM A MÚSICA NÉ, MAS TEM AQUELA PREOCUPAÇÃO DE APRESENTAR RITMOS VARIADOS, VOCÊS ESCOLHEM MÚSICA DE DIFERENTES LUGARES DO PAIS, COMO É QUE É?

**06'20" REPOSTA** – VIEIRA - PORQUE ESSAS AUDIÇÕES, NÃO SÃO AUDIÇÕES FRIAS, EXTREMAMENTE TÉCNICA NÉ, SÃO AUDIÇÕES ONDE AS CANÇÕES QUE SÃO OUVIDAS ELAS SÃO DEBATIDAS, ELAS SÃO DISCUTIDAS NÉ, NÓS, A PRÓPRIA CONCEITUAÇÃO QUE CADA INTEGRANTE DESSA COMISSÃO ELE COLOCA AO FINAL DA AUDIÇÃO, É FRUTO MUITAS VEZES DE UM AMPLO DEBATE, E NESSE MOMENTO É ONDE NÓS LEVAMOS EM CONTA NÉ, A DIVERSIDADE NÉ, NO QUE ESSA MÚSICA TRAZ UM DIFERENCIAL PORQUE, PORQUE AQUELA CANÇÃO, ELA TEM O MÉRITO ENTRE ASPAS NÉ, DE IR PRO PALCO, O QUE QUE ELA TRAZ? 07'04" E ISSO, CONFESSO A VOCÊ QUE ESTENDE O TRABALHO DESSA COMISSÃO SÃO EXATAMENTE ESSE DEBATES, AS VEZES, ALGUMAS SITUAÇÕES, ELAS PROVOCAM A UNANIMIDADE DO CONCEITO DO GRUPO. OLHA, ESSA CANÇÃO É ÓTIMA, ALGUEM QUESTIONA ALGUEM DUVIDA? AI CADA UM FAZ A SUA APRECIÇÃO E RAPIDAMENTE VOCÊ NÉ, VOCÊ JÁ COLOCA ESSA CANÇÃO COMO UM CANÇÃO DE DESTAQUE, COMO TAMBÉM ACONTECE O INVERSO, DE REPENTE A CANÇÃO NÉ, A CANÇÃO VEIO COM UMA SÉRIE DE DESAFINOS, NÃO TEM UM ESTRUTURA MELÓDICA MUITO BEM COLOCADA, POR ISSO QUE A DIVERSIDADE DAS PESSOAS QUE ESTÃO ALI FAZENDO AQUELE TRABALHO É FUNDAMENTAL. [NÓS TEMOS AS PESSOAS TÉCNICAS, QUE ANALISAM A CANÇÃO SOB O PONTO DE VISTA TÉCNICO, E OUTRAS, PELO GOSTO DA MÚSICA, PELA QUALIDADE DA POESIA, ENTÃO SÃO COISAS QUE

SÃO LEVADAS EM CONSIDERAÇÃO E QUE EVIDENTEMENTE A PAR DA DIVERSIDADE, VEM A QUESTÃO DA REGIONALIDADE, O RÍTMO DAQUELA CANÇÃO, QUE É UM RÍTMO COMPLETAMENTE DIFERENTE DAQUELE QUE NORMALMENTE AQUI É CONHECIDO.] 08'04" E EU ACHO QUE O FESTIVAL, ELE É PRÓDIGO EM EXEMPLOS DISSO NÉ. O RIO ABAIXO POR EXEMPLO, É UM RÍTMO MUSICAL QUE NÓS NEM CONHECIAMOS, HOJE É UM RÍTMO MUITO PRESENTE AQUI NO FESTIVAL QUE VEM LÁ DA REGIÃO DO AMAPÁ POR EXEMPLO NÉ, A PERCEPÇÃO DE UM RÍTMO DIFERENTE, QUE TRAZ ALGO DIFERENTE PARA O PROJETO, E AS VEZES VEM AQUELA SITUAÇÃO QUE FOGE TOTALMENTE AO CONTROLE DA GENTE, UMA CANÇÃO TOTALMENTE DISTINTA, ELA VEM COM UMA PROVOCAÇÃO, COM UMA NOVA PROPOSTA E ISSO TUDO É LEVADO EM CONTA.

**08'37" PERGUNTA** - É, DE QUANDO COMEÇOU O FESTIVAL, COMO É QUE FOI A EVOLUÇÃO NA MUSICALIDADE E A DIVERSIDADE MUSICAL?

**08'45" RESPOTA** – VIEIRA - É, PORQUE ESSA EVOLUÇÃO COMO VOCÊ BEM DISSE ALINE ELA, ELA, ELA ENTRA NA HISTÓRIA DO PROJETO NÉ, PORQUE O PROJETO, DESDE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SETE, ELE PASSOU POR MOMENTOS DISTINTOS E ESSAS DISTINÇÕES É, PROVOCARAM EXATAMENTE O QUE? PROVOCARAM ESSAS MUDANÇAS, AQUILO QUE O FEMUCIC PODE TRAZER PARA A COMUNIDADE DE MARINGÁ, PARA OS MUSICOS PARTICIPANTES, PRA QUEM GOSTA DE ESTAR LA PRESENTE OUVINDO ESSE TRABALHO, UMA PROFUNDA DIVERSIDADE E ALGUMAS PROFUNDAS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM. RESUMINDO MUITO RAPIDAMENTE, O FESTIVAL TEVE O SEU PERIODO DE MPB, QUE ACONTECEU DESDE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SETE, AQUI NO FEMUSESC, NAS DEPENDÊNCIAS DO SESC, ATÉ MIL NOVECENTOS E OITENTA E SETE, QUE FOI O ÚLTIMO ANO EM QUE O FESTIVAL ELE ABRIU ESPAÇO TÃO SOMENTE PARA A CHAMADA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, NÃO VOU ENTRAR NO MÉRITO DO DEBATE DESSAS QUESTÕES. A PARTIR DE OITENTA E OITO, NÓS JÁ INSERIMOS A MÚSICA INSTRUMENTAL NÉ], A MÚSICA

INSTRUMENTAL, ENTÃO FOI JÁ, UMA ADENDO AO FESTIVAL, HAVIA SIM POR PARTE DOS PRODUTORES DA MÚSICA INSTRUMENTAL NÉ, O QUESTINAMENTO, A REIVINDICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO, E TAMBÉM É IMPORTANTE QUE SE DIGA NESSE PERÍODO NÓS ESTAVAMOS COM UM PROPOSTA DE FESTIVAL DE COMPETIÇÃO MUSICAL, ENTÃO É UM FESTIVAL COMPETITIVO, QUE PREMIAVÃO AS CANÇÕES. ENTÃO ISTO FOI DE SETENTA E SETE A OITENTA E SETE, EM OITENTA E OITO, NÓS ACRESCENTAMOS, PARALELO AO FEMUCIC MPB, NÓS ACRESCENTAMOS O FEMUCIC INSTRUMENTAL, O PRIMEIRO FEMUCIC INSTRUMENTAL, 10'25" [ISSO PERCOREREU A TRAJETÓRIA ATÉ MIL NOVECENTOS E NOVENTA E TRÊS, ENTÃO EM NOVENTA E TRÊS ENCERRAMOS ESSE CICLO, ESSA HISTÓRIA DO FESTIVAL DE MPB, INSTRUMENTAL E DE COMPETITIVIDADE,] ENTÃO ELE TEVE UMA ROUPAGEM, ERA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, ASSIM CONHECIDA NOS DIFERENTES ESTADOS DO BRASIL QUE VINHAM E AS PESSOAS COMPETIAM ENTRE SÍ E TIVEMOS ASSIM, MÚSICAS BÉLISSIMAS, RÍTMOS DIFERENTES, UMA DIVERSIDADE MÚSICAL MUITO GRANDE JÁ, PORQUE NOS ÚLTIMOS ANOS DA COMPETIÇÃO NÓS JÁ TINHAMOS UMA PARTICIPAÇÃO MUITO GRANDE DE MUITOS ESTADOS DO NORTE, DO NORDESTE, ENTÃO ISSO FOI MUITO RICO PARA O FESTIVAL. ENTÃO ELE, PELA SUA PROPOSTA E PELO CARATER CUIDADOSO DA PRÓPRIA COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DE FAZER COM QUE O FESTIVAL TIVESSE ESSA ROUPAGEM DE BRASILIDADE, FEZ COM QUE ESSA DIVERSIDADE SEMPRE ESTIVESSE PRESENTE. MUITO BEM, EM NOVENTA E TRÊS NÓS FIZEMOS O ÚLTIMO ANO DE FESTIVAL DE COMPETIÇÃO, EM NOVENTA E QUATRO NÓS TIVEMOS UMA INTERRUPÇÃO E EM NOVENTA E CINCO NÓS VOLTAMOS COM A PROPOSTA DE MOSTRA. ENTÃO, COM A MOSTRA, O FESTIVAL PASSA A VIVER UMA NOVA HISTÓRIA NA SUA ESTRUTURA, NA PRÓPRIA PROPOSTA MUSICAL QUE ELE CARREGAVA NA SUA INTERIORIDADE, O QUE QUE NÓS FIZEMOS, COM A MOSTRA, NÓS ABRIMOS A TODOS OS ESTILOS MUSICAIS, OS ASSIM CHAMADOS GÊNEROS MUSICAIS. ENTÃO, MENOS A QUESTÃO DA MÚSICA RELIGIOSA, QUE É MÚSICA GOSPEL, NÓS PASSAMOS A RECEBER, 11'57" AI VEIO O ROCK, VEIO ENTÃO O SERTANEJO DE RAIZ, AI NÓS TIVEMOS ASSIM, UM FESTIVAL, EU

DIGO ASSIM, UM FESTIVAL, PLURIFACETADO, COM TODAS AS FORMAS, COM CANÇÕES DE DIVERSOS CANTOS DO BRASIL E AI NÓS TIVEMOS UMA CARACTERÍSTICA QUE FOI, QUE FOI O QUE? COM A MOSTRA, A PRÓPRIA COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO, ELA TEM MAIS JOGO DE CINTURA PRA FAZER A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO, EM QUE SENTIDO, QUE VOCÊ OUVINDO UMA CANÇÃO, QUE TENHA UM DIFERENCIAL VOCÊ TEM MAIS LIBERDADE DE ESCOLHA E FOI EXATAMENTE NESSE MOMENTO EM QUE, JUNTO COM ESSA COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO, NÓS PASSAMOS A RECEBER TAMBÉM A PRODUÇÃO DE RESULTADOS DE MOSTRA DE FESTIVAIS DE MÚSICA QUE O SESC REALIZAVA NO BRASIL INTEIRO. ISSO FEZ COM QUE ESSE PAINEL DA MUSICALIDADE BRASILEIRA, ELE SE FIZESSE PRESENTE PRINCIPALMENTE COMO RESULTADO DO TRABALHO DE MÚSICA QUE EM ALGUNS ESTADOS DO BRASIL EM RELAÇÃO AO SESC SÃO FEITOS. E AI NÓS TIVEMOS ASSIM SABE, UMA ABRANGÊNCIA AINDA MAIOR, NOS DÁ LIBERDADE DE ORGANIZAÇÃO DE ABRIR ESPAÇO PARA AS MÚSICAS QUE ESTÃO SENDO REALIZADAS NESSES ESTADOS E JÁ ESTÃO ENTRE ASPAS PRÉ-CLASSIFICADAS PARA VIREM PARA CÁ E O QUE NÓS RECEBEMOS NO BRASIL TODO PARA ESSAS ESCOLHAS, ENTÃO [EU NÃO TENHO DÚVIDA NENHUMA NÉ, QUE O FESTIVAL, ELE SEMPRE FOI MUITO DINÂMICO NESSE SENTIDO, 13'24" ELE ABRIU PORTAS PARA A MÚSICA NOS MAIS DIFERENTES ESTILOS E ABERTOS A PROPOSTAS INOVADORAS TAMBÉM. NÓS TIVEMOS BÉLISSIMAS REPRESENTAÇÕES DE PALCO, NÓS TIVEMOS DRAMATIZAÇÕES EM CIMA DE MÚSICAS, NÓS TIVEMOS MOMENTOS ASSIM QUE SÃO INESQUECÍVEIS NA HISTÓRIA DO FESTIVAL] PORQUE, A MOSTRA, ELA DÁ ESSA FLEXIBILIDADE, ENTÃO EU ACREDITO QUE AO LONGO DESSA TRAJETÓRIA, NÃO FOI UM PROJETO NÉ, ALI AMARRADO, FECHADO, ELE FOI SEMPRE MUITO ABERTO E EU DIRIA ASSIM, MUITO ASSIM, É, DADO A ESPONTANEIDADE DAQUILO QUE VINHA PARA CÁ, PRA QUE PUDESSE IR PARA O PALCO E TAMBÉM PROVOCAR AS REAÇÕES DAS MAIS DIFERENTES NO PÚBLICO QUE ESTIVESSE LÁ ASSISTINDO, EU ACHO QUE ELE CUMPRUI BEM ESSA TAREFA AO LONGO DESSES ANOS.

**14'14" PERGUNTA** - É, VIEIRA, ASSIM, A GENTE SABE QUE DÁ TRABALHO ORGANIZAR UM EVENTO COMO ESSE, MAS SÓ PRA DESCONTRAIR UM POUCO, VOCÊ SE DIVERTE COM ESSE EVENTO?

**14'25" RESPOSTA** – VIEIRA - AH SIM, EU CURTO PORÉM QUE PESE ASSIM, A GENTE TÁ A FRENTE DE UMA ORGANIZAÇÃO, LÓGICO, NÓS PARCEIRIZAMOS O PROJETO COM A SECRETARIA DE CULTURA DO MUNICÍPIO, COM A RPC, CADA UM OCUPANDO UMA PARTE DE TAREFAS NÉ, MAS NÃO HÁ DÚVIDA QUE HÁ UM ONUS MUITO, MUITO MAIOR PARA NÓS QUE PROJETO NASCEU AQUI DENTRO DO SESC, NO PODER PÚBLICO, DE TEMPOS EM TEMPOS AS PESSOAS MUDAM NÉ, A PRÓPRIA TELEVISÃO TAMBÉM, VOLTA E MEIA AS PESSOAS QUE CUIDAM DO TRABALHO TAMBÉM SE MODIFICAM E EU NÃO, EU TENHO TIDO O PRIVILÉGIO DE DURANTE VINTE E NOVE ANOS ESTAR A FRENTE DESTA PROJETO, MAS NOS ÚLTIMOS DEZENOVE ANOS, VINTE ANOS É QUE EU ESTIVE MAIS DERETAMENTE A FRENTE. NO COMEÇO NÓS TINHAMOS UMA OUTRA DINÂMICA, ENTÃO, LÓGICO, EU CURTO, EU FAÇO DESSE TRABALHO UMA, EU DIRIA ASSIM, COMO SE FOSSE UMA EXTENÇÃO DO LADO OPERACIONAL DA MINHA FUNÇÃO ENQUANTO GESTOR. PORQUE O GESTOR NORMALMENTE É LEVADO MAIS AO GABINETE, A COORDENAÇÕES DE AÇÕES, MAS NO FEMUCIC EU DEIXO DE SER GESTOR E VOU PRA EXECUÇÃO TAMBÉM, UM MOMENTO ASSIM EM EU CONVIVO COM A NOSSA EQUIPE DE TRABALHO E COMO OS MÚSICOS, 15'39" A GENTE FAZ UM TRABALHO ASSIM, DE PELE MESMO SABE? DE SENTIR COMO É QUE AS PESSOAS ESTÃO VIVENDO ESSE MOMENTO, OUVINDO DELES ASSIM, AS MAIS DEFERENTES MANIFESTAÇÕES, MUITAS VEZES AS CRÍTICAS, AS VEZES AS SUGESTÕES, E NO MEIO DE TUDO ISSO EU ENCONTRO UM ESPAÇO DE CONDIÇÃO, EU CONFESSO A VOCÊ QUE NA HORA QUE EU ME SENTO LÁ NA PLATÉIA NO PRIMEIRO DIA NÉ, E OUÇO A MÚSICA DE ABERTURA EU SINTO MEUS ARREPIOS ENTENDEU, VIVO AQUELE MOMENTO INTENSAMENTE, ME DIVIRTO, PORQUE TEM UM LADO DE BASTIDORES, EM QUE A GENTE CONVERSA COM PESSOAS DE DIVERSAS REGIÕES DO BRASIL, NESTE ANO NÉ, NÓS TIVEMOS UMA EQUIPE DE QUATORZE

ESTADOS, EQUIPES DO SESC DE QUATORZE ESTADOS DIFERENTES QUE VIERAM CONHECER O PROJETO MAIS PROFUNDAMENTE, ENTÃO A GENTE SENTE ASSIM SABE, NÃO PESSOALMENTE, MAS COMUNIDADE DO SESC DE MARINGÁ, QUE DIZER, A GENTE TEM ORGULHO DE SER MARINGAENSE, DE TRABALHAR NUMA UNIDADE DO SESC DE MARINGÁ MESMO, QUANDO VOCÊ VÊ QUE NÓS ESTAMOS EXPORTANDO UM HALL EM TERMOS DE ORGANIZAÇÃO, DE UM PROJETO MUITO BEM ELABORADO, MUITO BEM CUIDADO E DE ESTAR CONTRIBUINDO PRA MÚSICA DE QUALIDADE, 16'52" ENTÃO ISSO TUDO, NÉ, ME DÁ PRAZER TAMBÉM, ME DA DOR DE CABEÇA, VOCÊ TÊM QUE RESOLVER PROBLEMAS, É UM ORÇAMENTO GRANDE PRA VOCÊ GERENCIAR SABE? E O CUIDADO COM PESSOAS NÉ, E NÃO SÓ PESSOAS, ALÉM DE PESSOAS, ESSAS PESSOAS SÃO PESSOAS MUITO ESPECIAIS POR QUE SÃO ARTISTAS, SÃO POETAS, SÃO INTÉRPRETES, SÃO INSTRUMENTISTAS DE ALTO NÍVEL, ENTÃO A GENTE TRABALHA AS VEZES COM A PESSOA MAIS HUMILDE NÉ QUE ELE ESTA SE INICIANDO NUMA PRIMEIRA VEZ QUE ELE VAI PRO PALCO, E VOCÊ PEGA AQUELA PESSOA JÁ CANCHADA, AQUELA PESSOA MAIS VÍVIDA QUE JÁ FOI PARA O EXTERIOR, QUE JÁ RODOU O MUNDO, ISSO, É UM PRIVILÉGIO QUE A GENTE TEM DE CONVIVER COM ESSAS PESSOAS, ENTÃO, É PRAZEROSO, A GENTE CURTE MUITO ISSO, A GENTE SE DIVERTE, A GENTE APÓS AS NOITES DO FESTIVAL A GENTE ESTENDE SEMPRE UM POUCO NAS MADRUGADAS PRA PODER TROCAR IDÉIAS, TER ENCONTRO COM ESSAS PESSOAS, OUVIR DELAS MUITAS COISAS. EU ME SINTO MUITO REALIZADO ASSIM FAZENDO ESSE PROJETO NÉ, DE TUDO AQUILO QUE A GENTE TEM NA NOSSA UNIDADE DE TRABALHO AQUI NO SESC, SEM DÚVIDA ALGUMA É AQUELE EM QUE A EQUIPE TODA TEM UM DEVOTAMENTO ESPECIAL PORQUE ELE É UM REFERÊNCIAL DA NOSSA UNIDADE DO SESC, NOSSA EQUIPE DE TRABALHO, ELE É ALGO QUE EU ENTENDO AI COMO EXPOENTE PRA CIDADE DE MARINGÁ, 18'08" DEPOIS É PARA O ESTADO, VAI PARA O BRASIL TODO, A GENTE TEM AMIGOS NO EXTERIOR, A GENTE MANDA OS CD'S DO FESTIVAL PRA OUTROS ORGÃOS NÉ INTERNAICONAIIS INCLUSIVE, E A GENTE TEM TIDO FEEDBACKS EXCELENTES DESSAS MÚSICAS, PESSOAS

PERGUNTANDO, COMO É QUE A GENTE REALIZA, COMO É QUE A GENTE ORGANIZA, ENTÃO, ESTAR A FRENTE DE UM PROJETO COMO ESSE SÓ PODE DEIXAR A GENTE FELIZ, CONTENTE E COM VONTADE DE FAZER MAIS.

**18'35" PERGUNTA** - Ó, DEIXANDO UM POUQUINHO A PARTE TÉCNICA AGORA, O QUE O FEMUCIC REPRESENTA PRA VOCÊ COMO PESSOA, COMO QUE ELE VEM SE REPRESENTANDO HÁ TANTO TEMPO QUE VOCÊ ESTA A FRENTE DISSO, MAS DEIXANDO UM POUCO A PARTE DO SESC ASSIM COMO PESSOA?

**18'47" RESPOSTA** - VIEIRA - COMO PESSOA, O FEMUCIC ME FEZ FAZER UMA REDESCOBERTA NÉ, COM RELAÇÃO A MÚSICA BRASILEIRA. EU, A PARTIR DO FESTIVAL, EU ME OBRIGUEI NÉ, A ESTUDAR MÚSICA, NÃO A MÚSICA TECNICAMENTE, MAS A PARTITURA MUSICAL NÉ, SE BEM QUE EU SOU UM APRENDIZ DE VIOLA CAIPIRA E CONTINUO TOCANDO MINHAS CANÇÕES TAMBÉM NÉ, MAS É UMA COISA MUITO AMADORA MESMO, E BEM MINHA MESMO. MAS ASSIM, É, ME PROVOCOU MUITO PRA ESTUDAR MÚSICA, PRA ENTENDER A MUSICALIDADE, EU CONFESSO QUE ATÉ ME ENVOLVER COM MAIS PROFUNDIDADE NO FESTIVAL EU NÃO TINHA CONCEITOS CLAROS SOBRE O QUE É A BOA MÚSICA, SOBRE A MÚSICA DE QUALIDADE, PRA MINHA PRÓPRIA FORMAÇÃO AO LONGO DA MINHA VIDA, EU SEMPRE OUVI MUITA MÚSICA CLÁSSICA, MUITA MÚSICA ERUDITA, PORQUE O COLÉGIO EM QUE EU ESTUDEI A GENTE TINHA AULAS DE MÚSICA CLÁSSICA E ISSO ME DEU, ME FORMEI MUSICALMENTE OUVINDO MUITA MÚSICA DE QUALIDADE NESSA ÁREA. MAS NA MÚSICA POPULAR EU TINHA OS MEUS CONCEITOS, PELA MINHA PRÓPRIA VIVÊNCIA, EXPERIÊNCIA DE VIDA, A MINHA JUVENTUDA FOI A JUVENTUDE DA JOVEM GUARDA NÉ, FOI A ÉPOCA DOS BEATTLES, DA ÉPOCA DE ROBERTO CARLOS ESTOURANDO NO BRASIL TODO, AQUELAS MÚSICAS DE ÉPOCA MESMO, UMA ÉPOCA DE PROFUNDAS MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO NÉ, MUDANÇA NOS COSTUMES NÉ, A LIBERTAÇÃO DA MULHER, 20'10" A MULHER SE LIBERANDO E ISSO TUDO NÉ, A GENTE ACABOU TENDO UM CONTATO COM A MÚSICA POPULAR DENTRO

DE UM JEITO NÉ, QUE EU NÃO ABRO MÃO DESSE PERÍODO, EU CURTO ESSAS MÚSICAS COMO NUNCA, MAS ASSIM, AO LONGO DO FESTIVAL O QUE QUE ME FEZ? ME FEZ ME APROFUNDAR PARA ENTENDER O QUE QUE É, QUAIS SÃO OS RITMOS BRASILEIROS? O QUE É REALMENTE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, OU O QUE QUE É UMA MÚSICA BRASILEIRA POPULAR NÉ, O QUE QUE ELA DIZ DA GENTE, DAS SUAS REGIÕES? O QUE DIZER DA MÚSICA FOLCLÓRICA? DA MÚSICA REGIONAL, A MÚSICA REGIONAL É UMA MÚSICA POPULAR? É UMA MPB, NÃO É? ELA É LÁ? É PARA O BRASIL TODO, COMO É QUE ISSO SE DÁ? ENTÃO [EU DIRIA PRA VOCÊ QUE O FEMUCIC FOI UM GRANDE DICIONÁRIO NÉ, QUE ME PROVOCOU A LEITURA DE MUITAS COISAS SOBRE MÚSICA BRASILEIRA E QUE HOJE, NÃO ME CONSIDERO EXPERTE NÃO, TEM MUITA COISA PRA APRENDER, MAS EU DIRIA QUE EU MUDEI PROFUNDAMENTE OS MEUS CONCEITOS, PASSEI A FAZER NOVAS DESCOBERTAS, VALORIZAR MUITAS COISAS QUE EU NÃO VALORIZAVA E VICE-VERSA, COISA QUE VALORIZAVA E QUE EU DESCOBRI QUE NÃO TEM OS SEUS VALORES, EU SINTO ASSIM, QUE EU CRESCI PESSOALMENTE NÉ, ATRAVÉS DO FESTIVAL E ME DEU ESTA GRANDE CONTRIBUIÇÃO, ELE ME PROVOCOU, ELE ME TROUXE, EU DIRIA ASSIM NÉ, ME SINALIZOU UMA NECESSIDADE DE QUE EU BUSCASSE UM POUCO MAIS DE CONHECIMENTO SOBRE MÚSICA E ISSO ME ENRIQUECEU MUITO E EU ME SINTO FELIZ, É UMA TROCA QUE EU FIZ COM ESSE PROJETO.

#### **ENTREVISTA COM RACHEL DE OLIVEIRA COELHO**

**02:57:03 – RESPOSTA** - RACHEL DE OLIVEIRA COELHO, COMO JORNALISTA EU SEMPRE ASSINO COMO RACHEL COELHO, NÃO TEM PROBLEMA TAMBÉM.

**03:02:30 – PERGUNTA** - DE ONDE VEM A PAIXÃO PELO FEMUCIC?

**03:09:26 – RESPOSTA** - BOM, EU JÁ TINHA ACOMPANHADO ALGUMAS EDIÇÕES DO FEMUCIC EM 93, EM 99, MAS EM 2000, QUANDO EU TAVA NO SEGUNDO ANO DO CURSO DE JORNALISMO, UMA PROFESSORA PEDIU QUE

A GENTE FIZESSE UM TRABALHO NO FESTIVAL, FOI A TURMA TODA, AS PESSOAS SE DIVIDIRAM EM EQUIPE, CADA UMA ABORDANDO UM TEMA. 03:29:22 – E VIVENCIAR ESSA COISA DOS BASTIDORES DO FESTIVAL, FOI O QUE ME TROUXE ESSA GRANDE PAIXÃO QUE EU TENHO PELO FEMUCIC ATÉ HOJE. PORQUE VOCÊ VÊ AQUELA COISA DAS PESSOAS APAIXONADAS POR AQUILO ALI E ACABA FAZENDO COM QUE VOCÊ SE APAIXONE TAMBÉM, NÉ. FOI ASSIM QUE COMEÇOU, PELA FACULDADE. EMBORA EU JÁ ACOMPANHASSE ANTES MAS FOI ALI QUE EU CONHECI UM POUCO DOS BASTIDORES DO FESTIVAL E TIVE UMA OUTRA VISÃO DAQUELE EVENTO.

**04:00: 22 – PERGUNTA** - O QUE VOCÊ ACHA DO FEMUCIC?

**04:02:26 – RESPOSTA** - EU ACHO QUE É O MAIOR EVENTO CULTURAL DE MARINGÁ. COM CERTEZA. EU ACHO QUE É UMA GRANDE FESTA, É UMA COISA QUE TRAZ UM BRILHO MUITO ESPECIAL PRA MARINGÁ. E QUE JUSTIFICA, ESSE TÍTULO, ESSE CODINOME DE CIDADE CANÇÃO. 04:20:02 – PORQUE EU ACHO QUE É UM EVENTO MARAVILHOSO, QUE ATRAI MÚSICOS DE MUITA QUALIDADE E PRINCIPALMENTE MÚSICOS APAIXONADOS PELO FESTIVAL, PELA MÚSICA EM SI, PELA ARTE. ACHO QUE ISSO É O QUE TEM DE MAIS LEGAL NO FEMUCIC.

**04:36:10 – PERGUNTA** - O FEMUCIC ATRAI CANTORES DO BRASIL TODO. O QUE VOCÊ ACHA DESSA DIVERSIDADE? O QUE ISSO REPRESENTA PRA MARINGÁ?

**04:48:20 – RESPOSTA** - EU ACHO QUE É UM GRANDE TRUNFO DO FEMUCIC, NÉ. EU ACHO QUE É IMPORTANTE PARA OS MÚSICOS LOCAIS TEREM CONTATO COM ESSA DIVERSIDADE MUSICAL. O PESSOAL QUE VEM DO NORDESTE, DO NORTE DO PAÍS, TRAZENDO RITMOS QUE AQUI A GENTE CONHECE MUITO POUCO. 05:04:01 – QUE A GENTE NÃO CONSEGUE OUVIR DE OUTRA FORMA PORQUE NÃO TOCA NA RÁDIO, NÃO TEM SHOWS NOS

BARES NAS CASAS NOTURNAS, NÉ. EU ACHO QUE ISSO É MUITO LEGAL, QUE EXISTA ESSA TROCA, ESSE INTERCÂMBIO MUSICAL, QUE A GENTE POSSA CONHECER UM POUCO DO QUE É FEITO NO BRASIL. EU ACHO QUE É ISSO. GOSTO MUITO DE PODER OUVIR ESSAS COISAS TODO ANO NO FEMUCIC, EU ACHO ISSO MUITO LEGAL.

**RESPOSTA - 05:51:50** – OLHA EU JÁ TIVE, EU JÁ ME RELACIONEI DE VÁRIAS FORMAS COM O FEMUCIC. COMECEI COMO PÚBLICO, DEPOIS COMO ESTUDANTE, COMO JORNALISTA E POR ULTIMO COMO FUNCIONÁRIA DA SECRETARIA DA CULTURA. ENTÃO EU JÁ TRABALHEI TANTO FAZENDO A COBERTURA DO FESTIVAL, E PROCURANDO SUGAR UM POUQUINHO DESSA PESSOAS QUE VEM DE FORA, QUE VEM DE LONGE, PERGUNTANDO COMO QUE É ISSO PRA ELAS. COMO FUNCIONÁRIA TAMBÉM TENDO CONTATO MUITO PRÓXIMO DE BASTIDORES E TAL, MAS EU ACHO QUE A GRANDE SACADA É QUANDO VOCÊ SE RELACIONA COM ELAS, COMO AQUELE PÚBLICO SEDENTO DE CULTURA, QUE É AQUELA COISA DE VOCÊ PEGAR OS CARAS E IR PARA UM BAR E FAZER OS CARAS TOCAREM MUITO MAIS, MOSTRAREM MUITO MAIS O SEU TRABALHO, POR QUE NO FEMUCIC ELES SOBEM NO PALCO UMA, DUAS, TRES VEZES NO MÁXIMO COM UMA MÚSICA DELES. E NOS BARES NÃO, NOS BARES É ONDE VOCÊ CONSEGUE CONHECER MAIS O TRABALHO DAQUELE ARTISTA. BASICAMENTE, O QUE ACONTECE É CONVERSAR MUITO COM AQUELA PESSOA, COM ESSAS PESSOAS, IR PROS BARES, ACOMPANHAR AS PESSOAS NA CIDADE, NO ALMOÇO, NO LANCHE. TROCAR CD, OUVIR, CONHECER UM POUCO MAIS DO TRABALHO DESSE PESSOAL. EU ACHO QUE, EU ME ALIMENTO DESSA FORMA. TENHO MUITO AMIGOS FEITOS NO FEMUCIC, PESSOAS QUE, MESMO NÃO TENDO VOLTADO PRO FEMUCIC EU AINDA MANTENHO CONTATO, JÁ FUI PRO NORDESTE E FIQUEI HOSPEDADA NA CASA DE PESSOAS QUE EU CONHECI NO FEMUCIC. ACHO QUE ISSO É MUITO LEGAL ASSIM. TUDO EU ACHO MUITO LEGAL, NÉ.

**ANEXO**